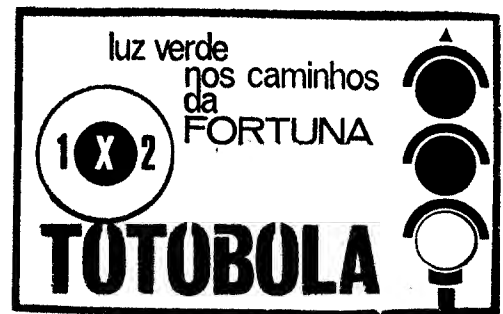


Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANO DIRECTOR: A RUELLA RAMOS
TERÇA-FEIRA, 20 DE JANEIRO DE 1970 N.º 16 912 ANO 49.º PREÇO 1\$50

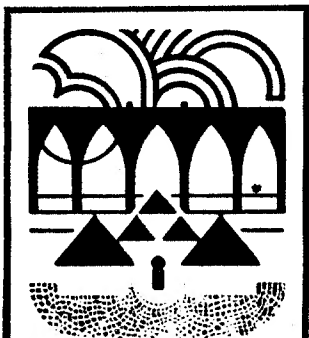


Vai começar em Alfama a recepção de cadernetas dos concorrentes da capital

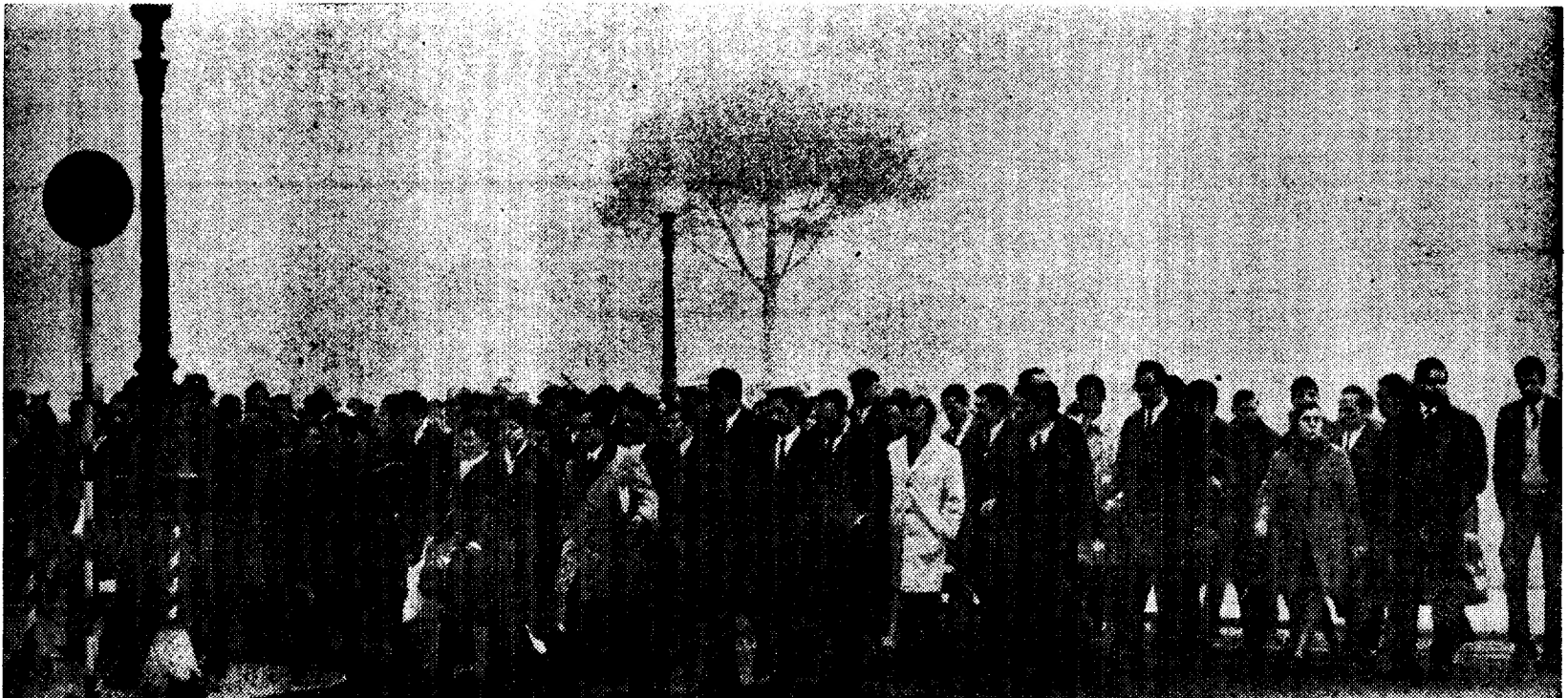
SERÁ em Alfama, que é bem uma imagem da Lisboa popular, onde vai começar, já na próxima segunda-feira a recepção de cadernetas dos concorrentes de Lisboa. Em cada um dos «stands» Gazcilda, sem deslocações, nem demoras, os concorrentes poderão fazer a entrega das suas cadernetas recebendo imediatamente o boletim numerado que os habilitará ao sorteio dos prémios que no seu valor total excedem trezentos contos.

Com a colaboração da Cidala, que patrocina o «Album de Lisboa», a recepção de cadernetas far-se-á em todos os bairros, nomeadamente: Alfama, Ma-

(Continua na pág. seguinte)



NA 2.ª PÁGINA
REPETIMOS
AS GRAVURAS
19 e 20
DO NOSSO CONCURSO



RECOMEÇO DO DIALOGO CHINA-EUA

VARSÓVIA, 20 — (R.) — São analisadas hoje nesta capital perspectivas de melhoria das relações entre Washington e Pequim quando a China e os Estados Unidos efectuam as suas primeiras conversações diplomáticas em grande escala desde há dois anos. — Continua na 10.ª página)

NEVOEIRO — ALTERADO O RITMO DA CIDADE

Uma vaga de nevoeiro, que se foi formando durante a madrugada após queda brusca da temperatura (5 graus), assolou hoje o País. Em Lisboa, foi afectado o tráfego no rio, unicamente sulcado pelos cacilheiros com radar — e nas pistas da Portela tornou-se impossível a aterragem: cinco aviões tiveram de ir pousar a Madrid. Alguns engarrafamentos verificaram-se na cidade, e os comboios da linha do Estoril acusaram atrasos em consequência do nevoeiro. Muitas foram as pessoas que não assinaram o ponto a horas. Ao meio-dia, Lisboa continuava cinzenta: o sol não rompia a espessa camada de neblina que vestia os prédios e as pessoas.

(LER NA ÚLTIMA PÁGINA)

VAMOS ELEGER NOVAMENTE A «MAJA DE PORTUGAL»



HOJE 28 PAGINAS
VISADO
PELA CENSURA

O «Diário de Lisboa», em colaboração com a Ibéria (Linhas Aereas de España) volta a organizar este ano o concurso para eleição de «Maja de Portugal». O lugar que em 1969 foi ocupado por Maria Emília Rodrigues Pinto (aqui, no «Bosque de la amistad», em Saragoça, é a segunda a contar da esquerda) passará para outra jovem que reúna os requisitos essenciais para se candidatar ao título de «Maja Internacional» o que corresponde a valiosos prémios e a um punhado de magníficas viagens. (Ler na 2.ª página)

O «Diário de Lisboa» vai eleger Album de Lisboa

com o patrocínio da Ibéria (Lineas Aereas de España) a «Maja de Portugal—1970»

Em colaboração com a Ibéria (Lineas Aereas de España) o nosso jornal vai promover a eleição da «Maja de Portugal-1970».

O concurso «Maja de Portugal» indicará qual a representante do nosso País no certame para apuramento da «Maja Internacional», título atribuído anualmente no decorrer de uma eleição que arrasta do medievo Palácio de La Lonja a melhor sociedade de Saragoça.

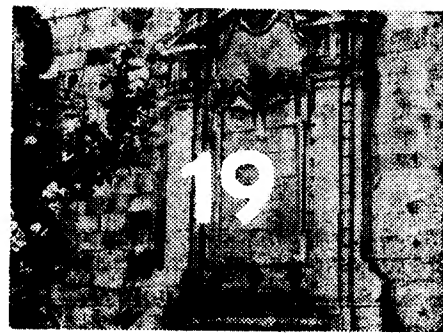
Já no ano passado pertenceu ao «Diário de Lisboa» a indicação da jovem portuguesa que, em competição com 17 raparigas estrangeiras, disputou os vultuosos prémios que a Associação Goya Internacional destina às melhores

classificadas neste concurso que (basicamente) presta homenagem à memória do pintor Francisco José de Goya y Lucientes. O título de «Maja de Portugal» coube, então, a Maria Emília Rodrigues Pinto que, em Espanha, conseguiu a melhor classificação de sempre para uma representante portuguesa; o quarto lugar na finalíssima internacional, apenas superado por Gillian Miller (Inglaterra), Mery de Lara Caballero (Espanha) e Janine Söllner (Suíça). Maria Emília deu um belo passeio por Espanha, recebeu magníficos presentes e foi distinguida com homenagens em Jerez de la Frontera, Sevilha, Madrid e Saragoça. Uma viagem inesquecível a marcar os seus 18 anos de idade.

Por seu lado, o nosso camarada de redacção Neves de Sousa (que acompanhou a «Maja de Portugal») fez parte do júri internacional, o que volta a repetir-se este ano, numa desvanecedora atenção para com o «Diário de Lisboa». Desse júri (de 15 membros) fazem parte «experts» em beleza feminina, a «Rainha das Festas da Primavera» (a eleger em Março na cidade de Saragoça), costureiros de renome (Manuel Portegaz e Coco Chanel), o caricaturista António Mingote, o famoso «barman» Pedro Chicote, Phillips Bottfeld (organizador do concurso de «Miss Mundo»), cineastas e jornalistas, além de um representante da Ibéria (Lineas Aereas de España) e do Marquês de Roncali, presidente da Associação Goya Internacional.

Indicaremos amanhã como vai processar-se a escolha, através do «Diário de Lisboa», da jovem que usará o título de «Maja de Portugal-1970».

Indicaremos amanhã como vai processar-se a escolha, através do «Diário de Lisboa», da jovem que usará o título de «Maja de Portugal-1970».



Recorte e cole as gravuras no espaço marcado na caderneta

Todos os assuntos referentes ao Concurso deverão ser tratados na RUA CASTILHO, 185-1.º — Telef.: 65 45 33/65 45 34

Oferta de livros americanos à Casa da Imprensa

Os Serviços de Informação e Assuntos Culturais da Embaixada dos Estados Unidos em Lisboa ofereceram à biblioteca da Casa da Imprensa uma série de livros sobre jornalismo. A fim de proceder à valiosa oferta, efectuou-se, esta tarde, uma cerimónia simples na sede da Casa da Imprensa, tendo-se deslocado especialmente para o efeito o adido de Imprensa, dr. Stephen Baldanza.

O presidente da direcção, João Gomes, agradeceu a amável iniciativa do dr. Baldanza e, a facilidade oferecida aos sócios da Casa da Imprensa de aprofundarem autores norte-americanos acerca da evolução das ideias e das condições indispensáveis à prática do jornalismo. Aproveitando o ensejo, e no âmbito de um programa cultural que a direcção da Casa da Imprensa se propõe desenvolver, João Gomes, à semelhança das tentativas que se vão iniciar em ordem a outros países, manifestou ao dr. Baldanza o enorme gosto que teria de um jornalista português poder vir a beneficiar de uma bolsa de estudos para frequência de um curso da especialidade numa das muitas e prestigiosas escolas norte-americanas. Para isso — disse — esperava poder contar com a compreensão e a melhor vontade do adido de Imprensa à Embaixada norte-americana.

O dr. Baldanza assinou depois o livro de ouro da Casa da Imprensa e visitou a sala Artur Portela, onde se encontra instalada a biblioteca.

instantâneos de LISBOA

O VAI-DEM DO CACILHEIRO

É, SIM, É. É uma das coisas mais belas de Lisboa — o cacilheiro. Não faltará quem diga que é a ponte. Mas eu digo que é o cacilheiro e sinto-me muito feliz com esta minha predilecção. Explicá-la? Não, não vale a pena: trata-se, creio, de um estado de espírito. De um estado de espírito húmido, um pouquinho ondulado, com gaivotas e chape-chape...

Embarquemos, porém. Embarquemos no cacilheiro. Não para ir a Cacilhas comer uma caldeirada. Só para ver o rio. Mais ainda: para ver do rio

Lisboa a afastar-se. Só isso — e basta. No regresso, Lisboa ir-se-á aproximando lentamente. Também isso — e chega. Unicamente um vai-ven distraído, ignorado de todos, ao sabor da água.

E depois? Depois — a lembrança. Como uma fotografia deslavada que se deita fora. Pois, pois: na própria água do rio atravessado. Um certo dia, ouvindo um disco, pode acontecer que o cacilheiro apareça subitamente — e, então, sim, então é que Lisboa nos deu alguma coisa que os diálogos breves da vida:

«Lembras-te...?»
«Se me lembro! Foi uma tarde magnífica. O sol, aquilo tudo...»

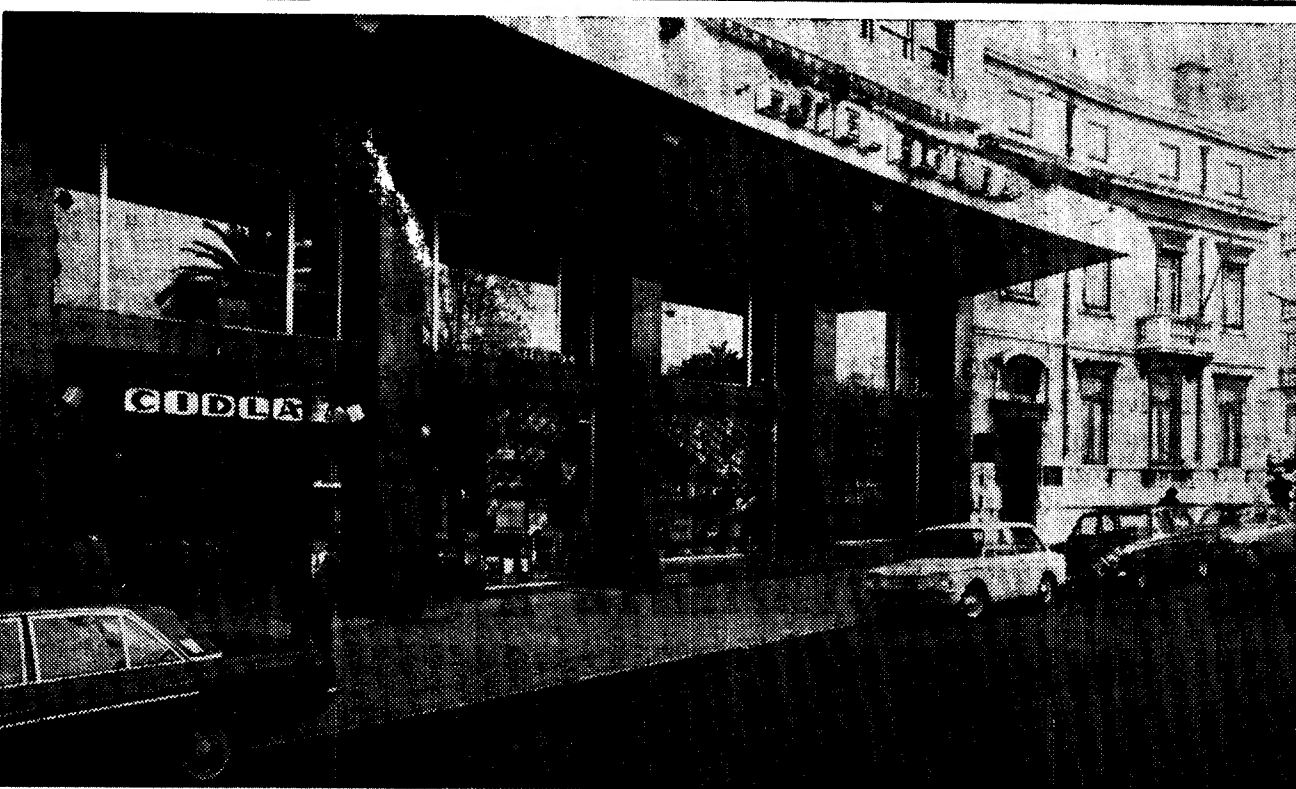
PEDRO ALVIM

Vai começar em Alfama a recepção de cadernetas dos concorrentes da capital

(Continuação da pág. anterior)

dragoa, Bairro Alto, Graça, Campolide, Campo de Ourique, Lumiar, Benfica, Olivais, Avenidas Novas, Alvalade, Avenida 24 de Julho, Rua do Alecrim, Marquês de Pombal, Alcântara e Arroios. Seguem-se os «stands» Gazcidla do Porto e de Coimbra, após o que a recepção de cadernetas se fará, pessoalmente, nos nossos serviços da Rua Castilho, 185. Entretanto, os concorrentes da província podem já remeter-nos as cadernetas que já estejam completas, isto é com as 30 figuras devidamente coladas, enviando-as pelo correio, juntando um selo de 1\$00 se pretenderem receber, devidamente numerado, o boletim de identificação que os habilitará ao sorteio. Não devem esquecer, porém, que por cada 20 gramas corresponderá um selo de 1\$00, para evitar cartas multadas e consequentes demoras na remessa de boletins numerados.

A partir da próxima segunda-feira começará, pois, a recepção de cadernetas nos «stands» Gazcidla espalhados pelos bairros de Lisboa. O nosso concurso entra, assim, na sua fase final, embora não diminuindo a expectativa dos concorrentes em face do sorteio que reúne prémios tentadores, onde se salientam um confortável apartamento mobiliado, num dos blocos de prédios já construídos pela Realidade em Miratejo, a cidade panorâmica e um magnífico automóvel «Toyota», modelo Corolla 1100, representado por Salvador Caetano, S. A. R. L. e distribuído em Lisboa e no Porto por Transmotor, S. A. R. L., além dos excelentes televisores Siemens, entre os quais o modelo «Estoril», homenagem daquela empresa ao nosso País, e de inúmeros artigos electrodomésticos da linha de grande classe que a Siemens apresenta e dos «dubs» de discos «longplay» de obras célebres dos maiores compositores, em gravações Philips.



O «stand» Gazcidla, na Praça Marquês de Pombal, n.º 1, onde também se fará a recepção de cadernetas do nosso concurso. Ali se encontram em exposição permanente os mais modernos modelos de material de queima e os consumidores Gazcidla contam com eficiente assistência técnica, com simpatia e rapidez.

Apresentação do sistema Eidophor em Portugal

Os médicos portugueses vão ter ocasião, brevemente, de tomar mais uma vez conhecimento directo de um dos mais notáveis pro-

gressos que, em várias circunstâncias, muito aproveitados à medicina. Trata-se do Eidophor — sistema de televisão a cores, cuja realização se deve à prestigiosa firma suíça CIBA.

Em virtude das diligências feitas junto da sua representante a CIBA S. A., de Basileia, pela casa Produtos CIBA, Limitada, de Lisboa, poderão os médicos

portugueses julgar «de visu» das características que fazem do Eidophor um valiosíssimo elemento posto ao serviço da ciência e da didáctica, no decorrer de qualquer das três apresentações que terão lugar nas cidades de Lisboa, Coimbra e Porto. Estas sessões, reservadas unicamente à classe médica e às entidades oficiais directamente ligadas à medicina e ao seu

ensino, realizam-se sob a égide das Faculdades de Medicina de Lisboa, Coimbra e Porto. As apresentações do Eidophor realizar-se-ão: em Lisboa, no dia 22 de Janeiro, às 21 e 30, no Teatro Monumental; em Coimbra, no dia 29 de Janeiro, às 21 e 30, no Teatro Gil Vicente; e no Porto, dia 5 de Fevereiro, às 21 e 30, no Cinema Vale Formoso.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

ECONOMIA E POLÍTICA NO BRASIL SOB O GOVERNO DE MEDICI

Não seria de surpreender que encontrássemos, a inspiração dos teóricos da Escola de Guerra de Rio de Janeiro no novo «plano estratégico a curto prazo», que o Governo, presidido pelo general Garrastazu Medici, apresentou há poucos dias. Sólidamente instalados no

poder, desde Abril de 1964, os ministros brasileiros esforçam-se por aplicar ao maior país da América Latina regras rigorosas que visam conciliar os «imperativos da segurança e as necessidades de desenvolvimento».

Tendo definido, de uma vez por todas, uma teoria das relações internacionais exclusivamente baseada na luta entre cristianismo e comunismo, entendem que a aliança e a amizade com os E. U. A., «potência protectora do Ocidente cristão» não poderá sofrer qualquer alteração. Portanto, não será de surpreender a crescente amplitude (amargamente denunciada pelos nacionalistas) do domínio político, económico e cultural dos E. U. A. no Brasil.

As vozes mais autorizadas da Igreja brasileira e a própria assembleia geral dos bispos puseram a nu esta concepção maniqueísta, que, por necessidades da sua política, açambarca princípios alegadamente calcados aos pés por políticas diferentes, mas temíveis. Monsenhor Helder Câmara, arcebispo do Recife, fez votos na sua mensagem de Ano Novo para que «Deus venha em auxílio dos países subdesenvolvidos que estão transformados em campos de batalha das grandes potências».

Economistas de renome

internacional, como o brasileiro Celso Furtado, antigo responsável pelo Plano no Governo de João Goulart, criticam, por seu

lado, uma política económica que não atende à contradição fundamental entre «as necessidades de desenvolvimento dos paí-

ses da América Latina e os imperativos da segurança dos E. U. A.». Outros militares, no Peru, por exemplo, descobriram igualmente as leis elementares do desenvolvimento e da dependência. Daí concluíram que era necessário «limitar essa dependência» se queriam conquistar uma verdadeira independência económica. Parece, pois, que os dirigentes brasileiros ainda não reviram as suas opiniões na matéria.

O «plano a curto prazo» do Governo brasileiro afirma excelentes intenções: prioridade para a saúde e educação, desenvolvimento técnico e industrial, coordenação mais estreita entre os diferentes ministérios, supressão dos «superministérios» e das «comissões ministeriais» paralelas, procura de austeridade e de eficácia na administração, alargamento do mercado interno, aumento da produtividade, luta contra a inflação, alta dos salários, criação de um ministério de informação. Este programa, que parecerá, decerto, muito ambíguo, tem um objectivo final que alguns acharão completamente utópico: «um salto em frente» que deveria permitir que o Brasil «venceisse definitivamente o estágio de subdesenvolvimento e chegasse, num tempo «record» ao nível de desenvolvimento dos países industriais».

Se nos ficarmos pelo triângulo «sagrado» industrial Rio-São Paulo-Belo



Horizonte, os resultados já obtidos pelos governos brasileiros, no domínio económico, de 1964 até agora, estão longe de ser menosprezáveis. O verdadeiro problema do Brasil de hoje é o da procura de uma política, talvez modesta, mas mais humana, que respeite os direitos das pessoas e a liberdade de expressão e de opinião.



Garrastazu Medici: inspiração dos teóricos da Escola de guerra?

MALIK PROPÕE UM «PLANO MARSHALL» PARA O SUESTE ASIÁTICO

DJAKARTA, 20 — O ministro dos Negócios Estrangeiros da Indonésia, Adam Malik, entrou esta semana em contacto com o Japão, a fim de ser preparado um programa de assistência económica aos países do Sueste Asiático. O programa entraria em vigor, logo que os E.U.A. pusessem termo ao seu esforço militar na região.

Numa entrevista dada por Malik, nesta capital, este descreveu o Japão como «a potência virtual» do Extremo-Oriente. Daí que os japoneses devam considerar para a região «futuros acordos a longo prazo» em vez de «projectos a retalho».

Pediu ao Japão que traçasse «uma espécie de Plano Marshall» para o Sueste

te Asiático. Lembremos que foi essa a designação dada ao programa norteamericano de reconstrução da Europa após a guerra de 1939-1945.

Em afirmações anteriores, Malik tem censurado o Japão por tratar o Sueste Asiático como uma simples fonte de matérias-primas e um mercado para as suas exportações industriais.

Malik exprimiu também a esperança, na entrevista a que acima nos referimos, de que os E. U. A. continuem a atribuir «fundos para auxílio de desenvolvimento» à Ásia, nos próximos anos. Mas rejeitou a necessidade de uma presença militar dos E.U.A., declarando: «O Vietnã já provou que essa presença não ajuda nada.»

Ao mesmo tempo, acrescentou Malik, os Estados do Sueste Asiático devem agir com maior coesão no futuro, especialmente no campo da cooperação económica.

Recomendou que os países da região, produtores de matérias como borracha, estanho, copra e arroz, devam coordenar as suas vendas aos mercados ocidentais.

Malik, que já foi jornalista e embaixador em Moscovo, foi nomeado para o seu cargo actual, em 1966, depois do golpe comunista abortado, que levou ao colapso do regime de Sukarno.

(Serviço especial
«Washington Post» -
«Diário de Lisboa»)

ECOS

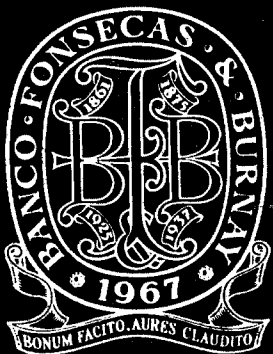
O referendo da C. G. T. contra a «nova sociedade» de Chaban Delmas é objecto de uma longa e atenta reportagem no Match, subscrita por Xavier Marchetti. Não se trata, é claro, exactamente de um referendo, mas de uma ampla consulta à base operária. A polémica de processos entre Marcel Boiteux, director-geral da E. D. F. (que apostava num facto em que ao aumento regular e controlado dos salários deveria corresponder o abandono do recurso à greve durante dois anos), e Georges Ségny, figura de proa da C. G. T., saldou-se pela vitória absoluta deste último. O Match considera que a E. D. F. se tornou «um feudo da C. G. T.». A pergunta do Match «qual a razão deste referendo?», Ségny, rejeitando o epíteto, respondeu concisa e terminantemente: «Querem tirar ao sindicalismo as suas possibilidades de acção. É natural que nos dirijamos aos sindicalizados para saber se estão de acordo. Vamos fazer uma demonstração.» É o próprio Match que reconhece que a luta de classes se intensifica.

★

F. ANTONELLI, no seu importante e interessante livro «Anatomia do Psiquismo», procura confirmar a validade da tese psicogenista (relação entre os conflitos ambientais ou intrapessoais e as neuroses) e aponta a frequência crescente das neuroses, paralela ao aumento daquilo a que podemos chamar a «febre da pressa», geradora de ansiedade, na nossa época. E diz: «Quanto neuróticos existem hoje? Talvez tantos quantos os seres humanos, especialmente os habitantes dos países mais civilizados e progressivos (no sentido de evolução técnica).»

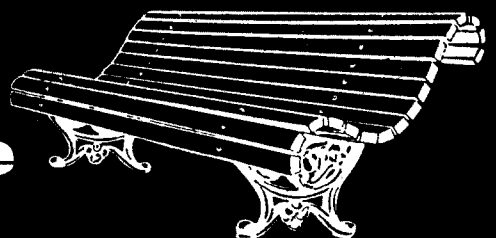
★

A modernização do campo e da aldeia, nos países industrializados, não se faz sem dificuldades e riscos, embora traga necessariamente grandes benefícios. Em França, a produtividade agrícola melhorou no mesmo ritmo da produtividade industrial durante os últimos anos. Aliás, a ânsia de revolução técnica partiu da própria massa jovem dos camponeses e acarretou uma transformação radical. Em dez anos o parque francês de tractores decuplicou, o que abalou os fundamentos da sociedade rural tradicional, colocando o camponês numa situação nova. Uma civilização substitui-se abruptamente a outra. E uma nova visão do mundo choca-se com o atraso socio-económico. No estudo de J. Béthémont, «*Progrès technique et réactions paysannes: l'irrigation dans la plaine de Montélimar*», vemos que o estabelecimento de uma vasta rede de irrigação deparou com resistências por parte de muitos cultivadores avessos a inovações técnicas. Mas esses melhoramentos triunfaram e, a par da modificação da paisagem dos campos, verificou-se a elevação do nível de vida desses mesmos agricultores, afinal beneficiários das transformações a que repugnavam. Lição decerto importante para nós, embora em Portugal haja a considerar, em primeiro plano, em certas regiões, o regime de distribuição da riqueza.



BANCO FONSECAS & BURNAY

o banco para toda a gente



Manhã na praça

O MATA-BICHO

— A senhora tem filhos?
A senhora disse que não com a cabeça e afastou-se rapidamente.

— É o que eu digo: esta gente que se dedica aos animais não tem filhos. É sempre assim!

Fôra ao Mercado do Matadouro, depois de uma ausência um tanto prolongada. A chuva afastou-nos daquele mercado. Tirar preços de guarda-chuva na mão é tão desagradável como fazer compras com ele aberto. Não tem piada nenhuma. É a grande desvantagem dos mercados descobertos. O «Matadouro», bem fornecido, bem frequentado, não oferece comodidade nenhuma. A esperança de um substituto em Gomes Freire, por certo com todas as condições modernas, não vale de muito. Depois tem de se andar um bom bocão. Isto para as senhoras que moram nas imediações da Avenida Fontes Pereira de Melo.

Pusemos de lado as considerações quanto à chuva, ao mau aspecto do mercado, à carestia da vida, para ouvirmos as frases trocadas vendedeira-compradora. Frases por vezes insólitas:

— Claro, o que eu gosto mais é de aguardente!
A proximidade do hábito e a frase perdida, para nós, da dona de casa.

— O meu mata-bicho de manhã é fruta, geralmente...

Mata-bicho, aguardente e fruta, pólos opostos.
— Vejam lá, crianças, já vão crianças de nove anos para a guerra.

— De nove anos? Para a guerra? Isto é o fim do mundo!

PREÇOS DOS PRODUTOS

Vimos o quilo da azeitona a 7\$00, 7\$40, 7\$80 e 10\$00; do tremço, a 3\$50; dos alhos, a 5\$50 e 12\$00; das batatas, a 2\$60 e 2\$70; das cenouras, a 2\$00 e 3\$00; das favas, a 10\$00; da castanha, a 5\$00; da abóbora, a 2\$00; da batata-doce, a 3\$00; da cebola, a 4\$50; e do tomate, a 7\$50 e 11\$00.

A cabeça de nabo estava a 5\$0 e 1\$00; a couve-flor, a 2\$00, 4\$00 e 5\$00; a lombarda, a 1\$50, 2\$50, 5\$00 e 7\$00; a couve portuguesa, a 1\$00 e 1\$50; o alho francês, a 1\$00 e 1\$50; e a alface, a 2\$50.

O molho dos grelos vendia-se a 6\$00 e 7\$00; das nabijas, a 6\$00; dos rabanetes, a 4\$00; dos agriões, a 1\$00; da beterraba, a 5\$00; dos brócolos, a 5\$00 e 6\$00; e dos espinafres, a 7\$00.

PEIXE

Quanto ao peixe, o quilo do chicharro custava 10\$00; do berrigão, 5\$00; do eirós, 34\$00 e 38\$00; da pescada, 40\$00, 45\$00 e 50\$00; do pargo mulato, 14\$00; da pescada congelada, 16\$00; da pescadinha de rabo na boca, 15\$50; dos rabos de pescada, 23\$00; dos linguados, 40\$, 55\$ e 56\$; dos robalhões, 45\$; do ro-

balho, 33\$ e 36\$00; do gorás, 32\$00; dos chocós, 22\$00 e 30\$00; da faveca, a 16\$00; do polvo, também a 16\$00; da azevia, a 45\$00; da solha, a 16\$00; do pargo, a 26\$00 e 46\$00; de pescada negra, a 26\$00; das cartas, a 18\$00 e 36\$00; da sardinha, a 15\$00; da garoupa, a 28\$00 e 42\$00; da lula, a 32\$50, 36\$00 e 39\$00; do peixe-galo, a 13\$20; e do camarão, a 7\$50.

FRUTA

Vimos o quilo do pêro de bravo de esmolfe a 10\$00 e 14\$00; do pêro «Golden», a 10\$00; das laranjas, a 4\$00, 5\$00, 5\$50 e 7\$50; das tangerinas, a 5\$50, 7\$50 e 9\$00; da banana, a 8\$50, 9\$00 e 12\$40; da maçã reineta, a 8\$; do ananás, a 20\$; das peras, a 9\$00; e dos limões, a 6\$00.

CRIAÇÃO

O quilo do coelho vivo vendia-se a 25\$00; do pato vivo, a 26\$00 e morto, a 32\$00; do ganso morto, a 32\$00; do frango limpo, a 25\$00; da galinha limpa, a 24\$00; do pombo, a 12\$50 e 13\$00. A dúzia dos ovos vendia-se a 16\$00 e 16\$50.

Quanto à caça: cada lebre custava 50\$00; o coelho bravo, 30\$00; a perdiz, a 29\$50.

DONA DE CASA

DE ONTEM PARA HOJE

AS CONDIÇÕES SOCIAIS DOS MILITARES

Nas visitas ontem efectuadas pelos ministros da Defesa e do Exército ao Estado-Maior e ao Governo Militar de Lisboa, disse o general Sá Viana Rebelo: «A segurança interna e a ordem pública continuam a ser objectivos fundamentais do nosso Exército quanto às suas actividades na Metrópole. Na época de contestação da actual sociedade, a disciplina militar deve ser intocável e continuar a ser a armadura inflexível que constitui a maior força das Forças Armadas. Bem se afadigam os inimigos da ordem para que assim não aconteça; mas, graças ao esforço e aplicação dos comandantes, oficiais e sargentos das unidades, a disciplina continua a ser elemento válido na estrutura do Exército». O ministro Sá Viana Rebelo disse, mais adiante: «Na ordem das nossas preocupações está tudo o que se refere à melhoria das condições sociais dos militares. Para já, vai constituir-se o novo Pavilhão da Família Militar, no Hospital Principal, para ampliação das instalações já existentes para as famílias dos oficiais como para acomodação das famílias dos sargentos que não tinham essa facilidade. Espero mesmo que as famílias dos sargentos possam ser atendidas muito antes das obras concluídas. Também contamos poder organizar meses de sargentos, a começar por Lisboa, e temos em projecto outras medidas de benefício para oficiais e sargentos, entre elas a revisão da legislação sobre o regime de contrato para sargentos. Quem governa tem de estar atento às condições dos tempos, e assim a par e passo se procuram melhorar também as condições de trabalho dos militares, tão experimentados hoje pelas agruras das operações em África».

CIGANO ASSASSINADO

Um casal de ciganos discutia acaloradamente, em Cabanelas, concelho de Vila Verde. Em dada altura, o marido Luís Bernardo Monteiro, de 31 anos, sacou de uma pistola e interveio logo um vizinho a acalmá-lo. Estavam num acampamento, perto de uma fábrica de ce-

râmica e um giradiscos foi a causa da discussão. Mas a arma estava na mão e não se sabe como o facto trágico é que ela se disparou e foi atingir o vizinho e amigo que serenava os ânimos, o sr. Tomás Garcia, de 28 anos, casado. Ficam órfãos cinco filhos de tenra idade.

LINGUA GALEGA

No Centro da Juventude de Galicia o escritor D. Ramon Piñero Lopez proferiu ontem uma conferência sobre o «actual momento da língua galega».

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República recebeu, ontem, no Palácio Nacional de Belém, os srs. tenente-coronel Alvaro Salvação Barreto; eng. Espregueira Mendes e Julio dos Santos, que recentemente deixaram o serviço da C. P., por terem atingido o limite de idade; e visconde de Botelho, acompanhado do sr. conde de Botelho; o jornalista Maurício de Oliveira; e a sr.ª D. Mariana Rita de Castro (Nova Goa).

HOSPITAL DE S. JOSÉ

O secretário de Estado da Saúde e Assistência, prof. Gonçalves Ferreira, acompanhado pelo dr. Coriolano Ferreira, director-geral dos Hospitais, foi ontem visitar o Banco do Hospital de S. José, integrando-se das urgentes e crónicas necessidades daquele estabelecimento oficial.

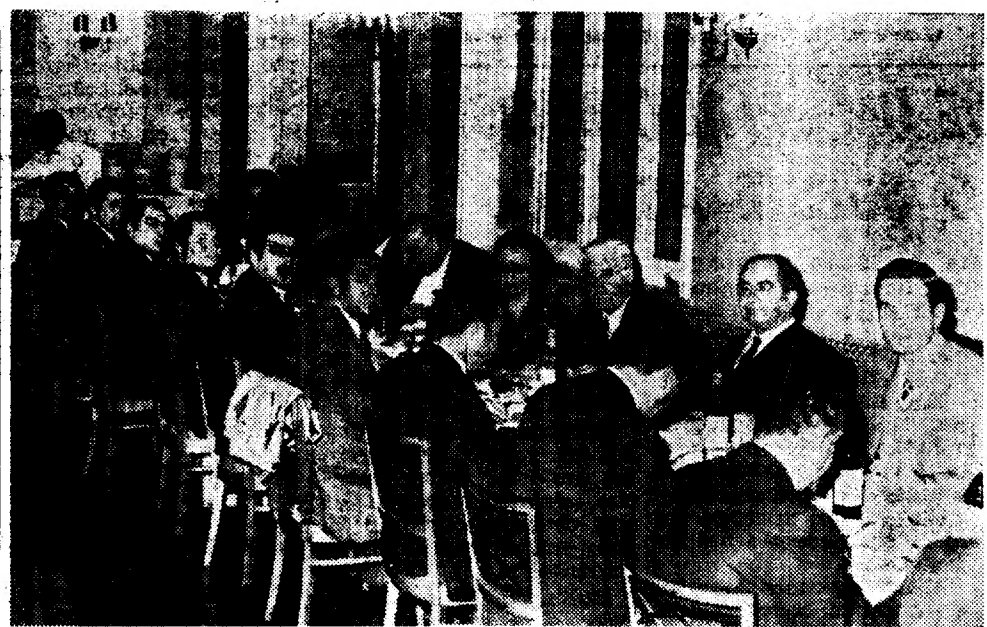
NA MATINHA

Na Avenida Infante D. Henrique, junto à Matinha, chocaram um camião militar e uma função ligeira mista. O camião era conduzido pelo soldado Diamantino Ribeiro, de 22 anos, e a função pelo comerciante sr. Jose Domingos da Silva, de 28 anos, que ia a Sacavém entregar um aparelho de televisão. Este morreria depois no Hospital de São José.

ATENTADO A MORAL

No 4.º Juízo Criminal da Boa Hora foi julgado por atentado à moral pública, na Cidade Universitária, Alvaro Marques Conde, de 40 anos, servente de pintor, de Pontevedra, Cantaxo, que foi condenado em 40 dias de prisão substituída por multa diária de 15 escudos, mais 6 dias de multa à mesma taxa e 440 escudos de imposto de justiça.

A ORGANIZAÇÃO MANUEL J. MONTEIRO & C.ª, LDA. PRESTOU HOMENAGEM A DOIS COLABORADORES QUE PASSAM À REFORMA



Um aspecto da assistência ao almoço

A fim de prestar homenagem a dois dos seus mais antigos colaboradores — sr.ª D. Maria Luisa Gonçalves e sr. Amílcar Santos — que passam à reforma, a gerência da firma Manuel J. Monteiro & C.ª, Lda., distribuidora dos afamados fogões JUNE e esquentadores VAILLANT, ofereceu-lhes, ontem, um almoço íntimo, no Restaurante Castanheira de Moura. O almoço, que decorreu na maior harmonia, foi presidido pelo sr. Gustavo Goeben, ladeado pelos homenageados e restantes membros da gerência, srs. Dieter Goeben, Armando Nunes, José Vasconcelos e Libarlit Kutchukian, e teve a assistência de todos os chefes e encarregados de secção.

Aos dois homenageados foram oferecidas, como lembrança, duas salvas de

prata, com expressiva dedicatória e agradecimento. Falaram sobre o significado da reunião os srs. Gustavo Goeben e Dieter Goeben, por parte da gerência, que puseram em destaque a dedicação dos dois colaboradores.

Os homenageados, sr. Amílcar Santos, em seu nome, e a sr.ª D. Maria Luisa Gonçalves, por intermédio do sr. Armando Nunes, agradeceram muito sensibilizados a homenagem que lhes foi dispensada.

SARRABULHO (COM PAPAS) NA CASA DO MINHO

No próximo domingo os gastrónomos vão ter sarrabulho. Trata-se de mais um almoço, o VIII, organizado pela Casa do Minho e cuja ementa, verdadeiramente aliante para os apreciadores da arte de comer bem (e quem o não é?), compreende entre outras especialidades os rojões resscendentes a co-

minhos, a farinha da Feira Nova, o famoso bacalhau à Nanciso, o toucinho-do-céu à Guimarães, etc. As inscrições já esgotaram a lotação da ampla sala (o que prova que ainda há quem goste e possa comer bem) e as senhas de marcação devem ser levantadas até depois de amanhã. Bom apetite.

Junta de Freguesia de S. Domingos de Benfica EDITAL

GUSTAVO DOMINGUES FERREIRA, Engenheiro Agrônomo e presidente da Junta de Freguesia de S. Domingos de Benfica, do Terceiro Bairro Administrativo de Lisboa, dá conhecimento público que, nos termos e para os efeitos do disposto no Art.º 212.º do Código Administrativo, a partir de 1 de Fevereiro e até ao dia 15 de Março, poderão os chefes de família requerer a sua própria inscrição, ou de terceiros, no recenseamento eleitoral desta freguesia, se uns ou outros, reunindo as condições de capacidade eleitoral, não estiverem inscritos.

Têm capacidade eleitoral e como tal podem ser inscritos no recenseamento:

- 1.º — O cidadão português com família legitimamente constituída que com ele viva em comunhão de mesa e habitação e sob a sua autoridade;
- 2.º — A mulher portuguesa, viúva, divorciada ou judicialmente separada de pessoa e bens, ou solteira, maior ou emancipada, quando o de reconhecimento da idoneidade moral, que viva inteiramente sobre si e tenha a seu cargo ascendentes, descendentes ou colaterais;
- 3.º — O cidadão português, maior e emancipado, com mesa, habitação e lar próprio.

Para constar se passou este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares de estilo e publicados em dois jornais desta cidade. E eu, João Abrantes Jardim, Secretário, o subscrevi. Lisboa, 20 de Janeiro de 1970.

O PRESIDENTE, Gustavo Domingues Ferreira

Empossados os dirigentes do Illiabum Clube (Ílhavo)

ÍLHAVO, 20 — A cerimónia da posse dos corpos gerentes do Illiabum Clube para o ano corrente decorreu na «Sala Mário Sacramento» da Biblioteca, com larga assistência.

Presidiu o sr. eng.ª José Manuel Cachim, presidente cessante da assembleia geral, que dirigiu palavras de saudação aos empossados. Falou, seguidamente, o sr. eng.ª João Senos da Fonseca, presidente eleito da direcção, que leu um circunstanciado relatório sobre a obra realizada pela direcção transaccada, nos aspectos culturais, despor-

tivo, social e recreativo, analisando, também, os problemas que espera ver resolvidos neste ano.

Um dos assuntos que o orador desenvolveu mais pormenorizadamente e que despertou maior interesse foi o do estabelecimento do parque de campismo na praia da Barra, que está dependente de resolução da Câmara Municipal.

Falou, por último, o novo presidente da assembleia geral, sr. Amadeu Agre, um dos grandes obreiros do Illiabum, que fez votos pelo sempre crescente progresso da colectividade.

«RISO E RITMO» ACABOU

«Riso e Ritmo» programa de variedades de Armando Cortez e Francisco Nicholson, terminou a sua carreira na R. T. P. Isso nos comunicaram hoje os responsáveis que (pela voz de Nicholson) acrescentaram:

— Há quatro anos que existia e, sinceramente, julgo que era das mais válidas rubricas da R. T. P. Se muitas vezes não fomos mais longe (não lhe demos maior sumptuosidade, por exemplo) é porque não tínhamos ao nosso alcance as disponibilidades que isso requeria.

A seguir: — Eu estava em Paris quando a direcção da R. T. P. deliberou acabar com «Riso e Ritmo». Até já entabulava negociações com vários artistas estrangeiros no sentido de eles se deslocarem brevemente para gravarem

no «R. R.». Mas, nada se deve ter perdido...

Continua:

— Digo isto porque já entregámos na Radiotelevisão Portuguesa, um plano para outro programa, de maior amplitude artística, com uma duração calculada de 60 minutos e periodicidade semanal. Dentro da nossa proposta esse programa incluiria música, canções e colaboração assinada por diversos nomes, nomeadamente do jornalismo e das artes plásticas. Seria realizado perante um auditório, nos estúdios da R. T. P. ou numa sala de espectáculos pública, para o que já entramos em negociações com um teatro.

Concluindo: — Nome do substituto de «Riso e Ritmo»? Nada certo, ainda. Mas talvez seja este: «Um-Dois-Três».

VIDA MUSICAL

Musica barroca para órgão no auditório Gulbenkian

Por iniciativa da Fundação Calouste Gulbenkian, vai realizar-se um novo ciclo de recitais de órgão, no prosseguimento da obra que se insere no seu Plano de Ressurgimento da Cultura Organística em Portugal.

Esta nova série de 10 recitais de órgão realizar-se-á no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian e na Sé Catedral de Lisboa, tendo início no próximo dia 24, dia em que será inaugurado o grande órgão daquele auditório.

O ciclo de música de órgão programado para 1970, que será subordinado ao tema «Música Barroca para Órgão», permite oferecer ao público uma panorâmica geral do espírito que enformou toda a Escola Barroca no campo organístico.

O concerto inaugural do ciclo de música de órgão e do grande órgão do Auditório da Fundação Gulbenkian é realizado pelos notáveis artistas de reputação internacional Pierre Cochereau, organista, e Roger Delmotte, trompetista.

Além destes artistas, foram convidados para colaborar no ciclo de música de órgão os seguintes organistas: Jean Costa, Gertrud Merslovsky, Grethe Krogh e Antoine Sibertin-Blanc.

As manifestações artísticas integradas nesta iniciativa artístico-cultural efectuar-se-ão nos seguintes dias: 24 e 31 de Janeiro, 5 e 21 de Fevereiro e 7 de Março, no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian; 25 de Janeiro, 1, 8 e 22 de Fevereiro e 8 de Março, na Sé Catedral de Lisboa.

Todos os recitais se realizarão às 16 e 30, excepto o de 5 de Fevereiro que se efectuará às 18 e 30.

A venda de assentamentos inicia-se na Fundação Gulbenkian, no dia 19, começando a venda de bilhetes avulsos no dia 21. Os estudantes beneficiarão de 50% de desconto no preço dos bilhetes.

Concertos

no Conservatório

O Conservatório Nacional vai realizar uma série de

concertos para apresentação das sonatas para violino e piano de Beethoven. A primeira audição integral será no dia 26, às 21 e 45, integrada no ciclo de concertos Collegium Musicum. Neste concerto colaborarão as professoras Lídia de Carvalho (violino) e Helena Matos (piano).

Concerto pelo Conjunto da Colónia para Musica Nova

O Círculo de Cultura Musical, a reitoria da Universidade de Lisboa e o Instituto Alemão promovem, no dia 22, às 21 e 45, um concerto único e extraordinário pelo Conjunto da Colónia para Musica Nova, na aula magna daquela reitoria. Do agrupamento fazem parte, além de Maurício Kagel (director), Karlheinz Böttner e Wilhelm Bruck (alaúdes e guitarras), Vinko Globokar (instrumentos antigos, trombone e trompete) e Christoph Caskel (percussão).

O Quarteto Guarneri apresenta-se no Tivoli

A Sociedade de Concertos de Lisboa realiza amanhã, às 18 e 30, no Tivoli, o 5.º concerto da sua temporada, com o Quarteto Guarneri.

Actualmente considerado como o mais reputado agrupamento do seu género, o Quarteto Guarneri é constituído pelos artistas Arnold Steinhardt (1.º violino), John Riley (2.º violino), Michael Tree (viola) e David Soyer (violoncello).

Estes instrumentistas, todos eles primeiros prémios de concursos internacionais de grande projecção, vão proporcionar a audição de um magnífico programa, que compreende obras de Haydn, Schubert e Beethoven.

CAPITÓLIO

HOJE, ÀS 21.45 HORAS

«O CRAVO ESPANHOL»

Realização de PEDRO LEMOS
Cenários de LUIS SUAREZ

(M. 17 anos) Tel. 32 03 79

Sábado e Domingo
tarde às 16 horas

TEATRO FRANCÊS NO SÃO LUÍZ

«LE BOULANGER, LA BOULANGÈRE ET LE PETIT MITRON», DE ANQUILH

Um casal da «pequena burguesia». Doze anos de casamento. Dois filhos. Uma criada com quem o senhor passa algum tempo nocturno. O tédio. A imaginação. A pobre imaginação de dois pequenos burgueses que se entendiam e sonham com belos homens para amar, com corridas em Longchamps (ela); com o jogo da Bolsa, com a secretária do patrão (ele). Os pobres sonhos de uma criança que vai buscar às histórias dos peles-vermelhas e à «História de França» reflexos da sua pobre vida.

Na peça de Anouilh, realidade e sonho são dois planos que acabam por se fundir ao ponto de no desfecho não ser já possível distingui-los.

Peça de «vaudeville» com um toque de Pascal, como quer o autor, peça sobre a condição humana sobre a qual o autor lança um olhar ao mesmo tempo sarcástico e desafiado (mas ela, a condição humana, é bastante mais rica e complexa do que Anouilh parece julgar, garantindo-se). «Le Boulanger, la Boulangère e le Petit Mitron» é, sobretudo, um prodigioso exercício de oficina teatral, e — poder-se-ia dizer desde já — que não é praticamente mais nada.

O ofício teatral do autor está patente, não apenas na clareza com que consegue construir uma peça cuja essência poderia ser facilmente ininteligível como na maneira como aquela é estruturada de forma a dar a cada figura a oportunidade de uma réplica significativa, no modo como a certa altura vira as coisas ao contrário com a intrusão na vida no sonho (cena, aliás, magistral, do casamento em que a noiva é substituída pela esposa), e ainda

no quase sempre admirável diálogo, em que se assiste a uma brilhante exploração da palavra como meio de (des)entendimento, um pouco à maneira de Ionesco.

Com tudo isto apesar de tudo isto, o espectador sente-se ludibriado porque, bem vistas as coisas, acaba por se sentir vazio. O brilho de Anouilh e o das jóias fadas. A crueldade que esta peça patenteia, este desfilhar um tanto monótono de desentendimentos conjugais, de desfa-

mentos familiares, esta renúncia da alienação que por marcar não só o trabalho como as próprias relações humanas — não são integrados num contexto social e histórico. Pode-se ir mesmo mais longe a imagem de degradação das relações entre marido e mulher, entre pais e filhos, entre patrões e empregados — cuja culpa como diz um crítico, Anouilh parece atribuir à Revolução Francesa, numa das cenas mais conseguidas da peça —

não negam a conveniência porque o seu ponto de partida é excessivamente e tendenciosamente caricatural para ser autêntico e convincente.

Aparecida depois de seis anos de silêncio, estranha num Paris que já deixara para trás os ruídos, «Le Boulanger, la Boulangère e le Petit Mitron» é certamente marcada pelo desencanto.

(Continua na pág. seguinte)

UM FILME GIGANTE!

UM "CAST" FABULOSO

GREGORY PECK • OMAR SHARIF

TELLY SAVALAS JULIE NEWMAR CAMILLA SPARY KEENAN WYNN TED CASSIDY

LEE J. COBB RAYMOND MASSEY BURGESS MEREDITH ANTHONY QUAYLE EDWARD G. ROBINSON ELI WALLACH

Uma realização notável de J. LEE THOMPSON

Música extraordinária de QUINCY JONES
cantada por JOSÉ FELICIANO.



UM GIGANTE
DE ACÇÃO
NUMA
PALPITANTE
AVENTURA

COLUMBIA FILMS APRESENTA
**GREGORY OMAR
PECK SHARIF**

Um filme de CARL FOREMAN

O OURO DE MACKENNA
(Mackenna's Gold)

com **TELLY
SAVALAS**

JULIE NEWMAR CAMILLA SPARY KEENAN WYNN TED CASSIDY

Os homens de HADLEYBURG por ordem alfabética

LEE J. COBB RAYMOND MASSEY BURGESS MEREDITH ANTHONY QUAYLE

EDWARD G. ROBINSON ELI WALLACH

Direcção de J. LEE THOMPSON

Argumento CARL FOREMAN

Baseado na novela WILL HENRY Música QUINCY JONES

Produção de CARL FOREMAN • DIMITRI TIOMKIN

SUPER PANAVISION • TECHNICOLOR • STEREOPHONIC SOUND

70^m/_m

HOJE
às 21.30

no Écran Gigante do
MONUMENTAL

A música deste filme está gravada em discos R.C.A.

Bilhetes à venda para as 2 primeiras semanas.



Proseguem activamente os
trabalhos de reparação do
palco rotativo do
TEATRO MARIA MATOS
de modo a permitir para
breve a desejada estreia de

A RELÍQUIA DE QUEIROZ

em teatralização de
STAU MONTEIRO
e ARTUR RAMOS

A bilheteira continua aberta
para atender a enorme procura
de lugares para a
estreia e espectáculos seguintes
desta nova produção de
IGREJA CAEIRO

(Adultos)



ANOUILH NO SÃO LUÍS

(Continuação da pág. anterior)

mento de um escritor que se deixou envelhecer mas que mesmo assim — o que constitui o aspecto positivo da peça — não deixa de tentar compreender uma das razões reivindicadas por aqueles que pretendiam, e pretendem, a transformação da sociedade: exactamente aquela que diz respeito ao tipo de convivência familiar cujo artificialismo hipócrita Anouilh sublinha.

A encenação, do próprio autor e de Roland Piétri, pareceu-me excessivamente comedida, mais próxima da comédia de «boullevard» que do «vaudeville». Só na parte final, mas não no desfecho em que o espectáculo cai extraordinariamente, adquire a força, a «verve» que o texto pede.

No que diz respeito à interpretação, não posso deixar de lamentar, uma vez mais, que não tenhamos tido a sorte de ver os actores que criaram o texto de Anouilh, em especial Sophie Daumier e Michel Bouquet, justamente considerado o maior actor da sua geração. Nem Brigitte Bauer nem Jacques Duby, que os substituíram, embora actores com «métier», conseguiram traduzir todas as «nuances» que o texto contém, especialmente o que me dá de cruel, de feroz mesmo.

Apesar de o seu jogo ser um pouco exterior, Jacques Duby teve, mesmo assim, duas ou três cenas excelentes. Dos restantes, agradaram-me sobretudo Monique Darnieux, no papel de criada, e Marie-Françoise Dauset, «travesti» no papel do filho.

No seu conjunto, o espectáculo pareceu-me aquém do que poderia ser se tivesse sido objecto de uma encenação e de uma interpretação mais criadoras e mais vivas.

CARLOS PORTO

Atrás do Reposteiro

- *Pensa-se na reposição da peça «Hamlet», com João Perry no protagonista.*
- *Realiza-se depois de amanhã o ensaio para a censura da peça «A relíquia», no Maria Matos.*
- *O empresário José Miguel continua a preparar uma digressão ao Ultramar.*
- *A nova revista do Maria Vitória terá alguns cenários pintados por João Soutinho.*
- *Fala-se numa próxima apresentação num teatro da capital das artistas Hermínia Silva, Beatriz Costa e Milu.*
- *Não está ainda assente a participação da actriz Aida Baptista no elenco da próxima revista do Variedades.*



Márcio Ivens é um cancionista brasileiro que escolheu Lisboa para viver na Europa. Depois de ter actuado na Argentina (durante três anos) apresentou-se na B. B. C. e numa «tourné» por França. Agora, em Portugal, Márcio Ivens gravou para a etiqueta «Riso & Ritmo» as composições «Passarinho» e «Óba, óba» (de Luís Bonfá e Maria Helena Toledo), «Pobre Pierrot» e «Mais uma dor, mais uma canção» (de Falcão e Tarantes Silva).

«PEÇO A PALAVRA!» OU ORDEM PARA RIR

Os empresários Giuseppe Bastos e Vasco Morgado apresentam, todas as noites, no Teatro Variedades, a revista «Peço a palavra!», que está levando Lisboa inteira àquele popular teatro do Parque Mayer.

Na companhia estão os artistas Aida Baptista, Carlos Coelho, Elvina, Epina, Max, Anita Guerreiro, Vitor Espadinha e Mariano Franco, com a atracção nacional António Calvário e um formoso friso de discípulos, além de um grande «ballet» internacional.

O público ri durante todo o espectáculo e aplaude, com entusiasmo, muitas passagens da revista.

Escrita por Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha, com música de João Nogueira e Carlos Dias, a revista «Peço a palavra!» está sendo a «coqueluche» de Lisboa.

ora diga-nos...

— Quantas vezes por dia utiliza o telefone?

O telefone é um objecto de primeira necessidade. Daí, em certas horas, as bichas junto à cabinas públicas da rua e o nunca se arranjar cabina nos correios. Quantas pessoas aguardam, há meses, que a Companhia lhes ponha um telefone em casa? E que dizer dos telefones cor-de-rosa ou a imitarem os antigos modelos?

- — Muitas! Talvez umas 50 vezes.
- Upa, upa!
- Sabe, são chamadas de negócios.
- E em casa. Tem telefone?

— Olhe, meu amigo, há um ano que o requisitei e ainda não me deram. Quando preciso de falar com a família telefono para a leitaria da esquina.

Isto nos disse, bem disposto, Eduardo Luís Garcia, 31 anos, empregado da firma Jorge Pulido.



• Luís Gomes da Silva, 50 anos, um pouco desconfiadamente, diz-nos que trabalha numa sociedade de representações de tecidos e que utiliza poucas vezes o telefone.

— Isso... sei lá... aí umas seis ou sete vezes.

— Só. Só faço essas chamadas. Mas hoje vou telefonar mais, pois tenho a minha madrinha no hospital.

— Tenho telefone em casa, sim senhor. Há mais de 11 anos.

• Também não dá grande uso ao telefone Francisco José Baptista, 23 anos, empregado do Hotel Lutécia:

— Poucas. Só uma ou duas chamadas.

— E quando precisa de telefonar?

— Em geral telefono das cabinas públicas.

— Quando preciso comunicar com minha casa telefono para uma taberna e o dono vai chamar as pessoas.



UMA EMOÇÃO EM CADA CENA...
UMA CENA DE VIOLÊNCIA EM CADA SEGUNDO!



NA PISTA DOS DIAMANTES

RICHARD JOHNSON · HONOR BLACKMAN

JEREMY KEMP · PETER VAUGHAN · ROY DOTRICE · ARG. MARVIN H. ALBERT

Realização de DON CHAFFEY
HOJE ÀS 21.45 — ESTREIA
UM FILME EMPOLGANTE

AVIS

COLISEU

HOJE, às 21.30
(Maiores 12 anos)

GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO DE 1970
AS MAIORES ATRAÇÕES

Quinta-feira — A tarde, entrada gratuita às crianças até aos 10 anos; à noite, às 21.30

Teatro VARIEDADES

HOJE
ÀS 20.45
E 23 HORAS

A REVISTA POPULAR DE GRANDE ESPECTÁCULO!

RIA COM:
AIDA · C. COELHO
ELOINA · SPINA
MAX · ANITA
ESPADINHA
M. FRANCO
e a grande atracção nacional ANTÓNIO CALVÁRIO
à frente de um grande elenco



AMANHÃ NÃO HÁ ESPECTÁCULO, DESCANSO DA COMPANHIA

UM ÉXITO EM 2.º MÊS

GRACIA! CRITICA! MONTAGEM DESLUMBRANTE LINDAS MULHERES

ADULTOS

HOTEL DOM CARLOS

Mercê do nível da nossa cozinha internacional e da seleccionada cozinha PORTUGUESA, o nosso Restaurante passou a ser ponto de encontro dos bons «GOURMETS».

ALMOÇO DE AMANHÃ:
CALDEIRADA DE CABRITO
AV. DUQUE DE LOULÉ, 121 — TEL. 53 90 71 — LISBOA

VASCO MORGADO apresenta SÓ PARA ADULTOS

HOJE, 2 SESSÕES
ÀS 21 H. e ÀS 23 H.

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
e mais moderno e confortável de Lisboa



A ALEGRE E PICANTE COMÉDIA

OIVISON VOADOR

COM
RAUL SOLNADO

Jo Apoloni · Artur Semedo · Fernanda Borsatti · Vasco de Lima Couto · Yola · David Silva · Georgina Cordeiro · Rolando Alves · Maria e a colaboração de Maria Paula

UMAGARGALHADAPEGADA!

• Hoje, às 20,45 e 23 horas

EM TRIUNFAL 4.º MÊS, A COLOSAL REVISTA DA GARGALHADA

MARIA VITÓRIA

ESPERTEZA SALOIA



O triunfo de um óptimo elenco, com:

• SALVADOR · JOSÉ VIANA · MARIEMA · BARROSO LOPES · DORA LEAL · VIT. MENDES · DINA MARIA · CRISTINA CASSOLA e as atracções: • HELENA TAVARES • «THE MELODIES»

A frente de uma grande Companhia

SALVADOR e JOSÉ VIANA nas «Senhoras Vizinhas»

Um espectáculo de Giuseppe Bastos e Vasco Morgado

TREZE ESTRADAS CORTADAS EM TODO O RIBATEJO ONDE A CHEIA DESCE LENTAMENTE

SANTARÉM, 20 — Embo-
ra o nível da cheia do Tejo
baixe lentamente, há ainda
treze estradas cortadas ao
trânsito, no Ribatejo.

Esta manhã, após as águas
do rio terem descido, duran-
te a madrugada, a média de
cinco centímetros de três em
três horas, mantinham-se fe-
chadas ao trânsito as estradas
de Santarém-Lisboa (na
Ponte de Asseca), Santarém-
Almeirim, Tapada-Alpiarça,
Ribeira de Santarém-Alca-
nhões, Valle Figueira-Pombal-
inho, Azinhaga-Golegã, Cruz
do Campo-Valada, Santarém-
Cantaxo, Alpiarça-Val de
Cavalos, Benfca do Ribate-
jo-Almeirim, Golegã-Chamusca
(no Dique do Vinte), San-
tarém-Ponte de Celeiros e
a N. 243, na Várzea de Sa-
moura.

Tanto em Ródão como na
Barquinha, as escalas hidro-
métricas acusaram, nas últi-
mas leituras, uma baixa re-
gular de alguns centímetros.
Em Ródão, as leituras deram
9,32 metros, às 3 horas, e 9,25
metros às 6 e às 9 horas; na
Barquinha, onde às 3 horas
se registavam 7,15 metros,
baixou-se às 9 horas 6,88 metros,
depois de se ter lido, às 6 ho-
ras, 7,04 metros.

Ao atingir-se quase a ter-
ceira semana de cheia, a si-
tuação mantém-se grave não
só para a lavoura mas tam-
bém para o comércio e in-
dústria do Ribatejo.

Todos os diques e descar-
regadores voltaram a ser gal-
gados pelas águas. São eles:
o Dique do Vinte, Lambreu-
ja, Rebentão, Courela, Jun-
queira e Omnias.

Há muito gado em «ma-
tas», cercado de água, sendo
necessário recorrer ao servi-
ço de barcos para lhe forne-
cer alimentação.

A estrada para a Banática continua intransitável

ALMADA, 20 — Devido ao
péssimo estado do piso, onde
existem buracos de enormes
proporções, os quais estão
cheios de água, foram sus-
pensos os transportes (a car-
go da Viação Piedense) que
servem a povoação da Baná-
tica. Os habitantes vêm-se,
assim, forçados a percorrer
alguns quilómetros até ao

cruzamento da Fomega, a
partir de onde o tráfego ro-
doviário se faz com norma-
lidade.

Embora a empreitada de
arranjo da estrada tenha si-
do posta a concurso há vários
meses, os trabalhos ainda não
começaram.

Tudo bem em Coimbra

COIMBRA, 20 — O nível
do Mondego baixou, e não
há já qualquer parte da ci-
dade inundada, mesmo nos
terrenos da margem esquerda
e na zona de Santa Clara.
As águas estão secas. O sol
rompeu o nevoeiro que pal-
rou na região às primeiras
horas da manhã.

«FORJA» EM DISCO

Fragmentos e canções
da «Forja» surgirão em
disco a publicar breve-
mente. A famosa obra
de Alves Redol saltará,
assim, para o acetato
numa singela homena-
gem ao seu autor.

Participam na grava-
ção (destinada a «Riso
& Ritmo») os actores
Jacinto Ramos e Nor-
berto Barroca. O fundo
musical é do guitarrista
Carlos Meneses.

Dia de S. Vicente Missa na Sé

Para comemorar o dia de
S. Vicente, padroeiro de Lis-
boa, é celebrada depois de
amanhã, às 18 e 30, missa de
pontifical, na Igreja da Sé.
Será celebrante o sr. cardeal-
-patriarca e assistem á ceri-
mónia o presidente, vice-pre-
sidentes, vereadores e fun-
cionários da Camara Muni-
cipal.

Também depois de ama-
nhã, às 21 e 30, na igreja de
S. Vicente de Fora, o orga-
nista Michael Kearns dará
um concerto com obras de
Gabrielli, Frescobaldi, Correa
de Araujo, F. Couperin e do
Livro de Horas de Orgão
(1695) editado pela Gullben-
kian.

Michael Kearns esteve já
em Portugal em 1968 como
bolseiro da Fundação Gul-
benkian, tocando, então, na
capela da Universidade e nas
Sés de Viseu e Évora.

Necrologia

FUNERAIS

Carlos Rebelo da Silva

São, esta manhã, com gran-
de acompanhamento, da igre-
ja de Santos-o-Velho para o
cemitério do Alto de São
João, o funeral do conhecido
jornalista Carlos Rebelo da
Silva. Durante a noite, foi o
corpo velado, em câmara-ar-
dent, por pessoas de famí-
lia, camaradas e amigos de
Rebelo da Silva, os quais se
incorporaram no préstito fú-
nebre, notando-se a presença,
além de jornalistas, mas de
muitos desportistas. Entre as
representações, as dos orga-
nismos dos profissionais da
Imprensa, da direcção do
Sport, Lisboa e Benfca, etc.

Adérito Sena

Do Hospital do Ultramar
para o cemitério da Ajuda,
efectuou-se esta tarde o fu-
neral do antigo futebolista
do Boavista sr. Adérito Sena,
então falecido naquele esta-
belecimento hospitalar.

Adérito Sena contava 65
anos, pois nascera em S. Vi-
cente de Cabo Verde, tm 1904.
Foi casado com a sr.ª D. Ma-
ria Vieira Sena, pai das sr.ªs
D. Heloísa Sena e D. Maria
Alice Sena Vieira, e irmão
dos sr.ªs. Lúcio Sena, antigo
desportista, e de Herminio
Carvalho Sena, o herói de
Luanda. Era tio de Ben Da-
vid, que foi futebolista inter-
nacional do Atlético Clube de
Portugal, presentemente ra-
cionado nos Estados Unidos
da América.

Adérito Sena foi um gran-
de futebolista dos anos trin-
ta, tendo pertencido á equipa
do Boavista quando este clu-
be ingressou pela primeira
vez na 1.ª Divisão. Com seu
irmão Alcega Sena, que mais
tarde ingressou na C. U. F.,
foi Sporting, fez equipa com
Ferreira, Laguna, Costuras,
Contas, Reis, Monteiro, Pes-
queiro, Antero e outros. Cam-
peão de Oliveira chegou a
convocar Adérito para a se-
lecção nacional.

Comandante Eduardo Pinto Balsemão

Da capela de São Roque,
no antigo Arsenal de Mari-
nha, para o cemitério dos
Pazeres, efectuou-se esta
tarde o funeral do capitão
de mar-e-guerra Eduardo
Pinto Balsemão, de 81 anos,
natural de Lisboa, irmão do
capitão José Alvo de Sá No-
gueira Pinto Balsemão.

Assentara praça em 1906,
participou em numerosas ac-
ções, em Xangai. Foi tam-
bém em missão oficial á Chi-
na, América do Norte e ao
Brasil. Distinguiu-se ainda
como autor das primeiras

tabelas de vencimentos pu-
blicadas na Armada. Entre
outras, possuía as seguintes
condecorações: Oficialato da
Ordem Militar da Armada,
Medalha de Ouro de Com-
portamento Militar, Medalha
de Prata dos Socorros a Ná-
ufragos e medalhas de Mé-
rito e Dedicção da Cruz Ver-
melha Portuguesa.

José Figueiroa

PORTO, 20 — Foi esta ma-
nhã a sepultar, no cemitério
de Agramonte, o sr. José Fi-
gueiroa, figura das mais co-
nhecidas desta cidade, onde
gozava de gerais simpatias,
devido ao seu feito bona-
cheirão, amigo da cavaquei-
ra e com uma anedota sem-
pre engatilhada para o seu
interlocutor.

José Figueiroa consagrou
toda a sua vida ao espectá-
culo. Agora com 77 anos,
pois nascera no Porto em 26
de Março de 1862, exercia há
perto de vinte anos as fun-
ções de chefe dos serviços
de propaganda da empresa
que explora os cinemas São
João e Águia de Ouro.

Filho de um empresário
de teatro que se fixou em
Lisboa, de muito novo assu-
miu o cargo de secretário da
empresa do Olimpia, da ca-
pital, para depois se tornar
artista de variedades e ac-
tuar na companhia do pai,
em diversos espectáculos,
nomeadamente no Brasil. Re-
gressado a Portugal, tentou
o circo e virou «show» e di-
rector de pista e, mais tar-
de, formou uma companhia
sua.

No Porto, foi director do
antigo «High-Life», actual
Batalha e depois, como refe-
rimos, passou a chefiar os
serviços de propaganda da
empresa do São João Cine e
Águia de Ouro.

António José Azevedo de Sousa

COIMBRA, 20. — Esta ma-
nhã, efectuou-se o funeral do
atleta de basquetebol da As-
sociação Académica, António
José Azevedo de Sousa, de
18 anos, natural desta cidade
e aluno do 7.º ano do Liceu
de D. João III, falecido em
consequência de uma queda
num trem, há uma semana.

O funeral, que foi muito
concurrido, saiu da igreja de
Santa Cruz para o cemitério
da Conchada. O malogrado
atleta era filho do sr. José
Vaz Lopes de Sousa, desenha-
dor dos Serviços de Urban-
ização de Coimbra, e da sr.ª
D. Angélica Saraiva Azevedo
de Sousa e irmão da menina
Isabel Maria Azevedo de
Sousa.

NÓS AJUDAMOS A

GANHÁ-
POUPÁ-
AUMENTÁ-
APLICÁ-
MULTIPLICÁ-



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta



***num mundo
em transformação...***

o futuro tem prioridade!

***a Sociedade Geral, assegurando uma resposta ao presente,
prossegue com firmeza e entusiasmo na sua vocação marítima.***



SOCIEDADE GERAL

Actualidade internacional

Abastecimentos da Cruz Vermelha para a Nigéria

ZURIQUE, 20 — (R.) — Um avião, de matrícula suíça, partiu a noite passada desta cidade para Lagos transportando nove toneladas de abastecimentos da Cruz Vermelha Internacional, incluindo penicilina, glucose e outros medicamentos.

O aparelho efectuava o segundo de dois voos, que a Nigéria autorizou a comissão da Cruz Vermelha Internacional a fazer para Lagos, com abastecimentos de socorro.

O primeiro carregamento, que chegou ontem a Lagos, foi transportado por outro avião suíço, após a Nigéria se opor ao plano original de se utilizar um aparelho dinamométrico.

FOME NO ESTADO DO CENTRO-OESTE

LAGOS, 20 — (F. P.) — O presidente da comissão de reclassificação do Estado do Centro-Oeste nigeriano, Gefe S. Y. Eke, afirmou ontem que «grande número de pessoas» corre o risco de morrer de fome nesta região, se não forem para lá enviados socorros com rapidez — anunciou Rádio nigeriana.

O chefe Eke declarou que os numerosos refugiados que tinham atravessado o Níger a partir da margem

oriental (do ex-Biafra), tinham praticamente esgotado as reservas de viveres do Estado.

U THANT REGRESSA A NOVA YORK

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 20 — (F. P.) — U Thant regressa hoje a Nova York, vindo de Paris, às 19 horas locais. Thant não fará declarações à imprensa.

Recorda-se que saiu de Nova York em 29 de Dezembro, para visitar onze países africanos.

Três crianças mortas por desidratação num deserto da Austrália

AELAIDE (AUSTRÁLIA), 20 — (A. N. I.) — O calor era de 55 graus, na altura em que Elsie Peabody, uma senhora de 36 anos, grávida de três meses, foi obrigada a iniciar, a pé, com os seus quatro filhos, uma jornada de onze quilómetros, pelo deserto, por se ter avariado o automóvel em que seguiam.

Três das crianças, exaustas pela sede, caíram durante o caminho. A mãe foi obrigada a deixá-las e a continuar o caminho — e quando voltou, com a água que lhes faltara, encontrou-as mortas.

A primeira das crianças a cair foi Christine, de sete anos. Ficou à sombra de um arbusto. Depois foram Sandra, de quatro anos, e Darryl, de três, que não puderam continuar e ficaram na sombra dos destroços de um veículo.

A senhora e o filho mais velho, Gary, de nove anos, atingiram a localidade de Gidgealpa e voltaram à estrada. Mas as três crianças estavam mortas por desidratação. O pai, que é vaqueiro, só soube do caso ao chegar a casa, altura em que os três cadáveres eram retirados do veículo que os trouxera.



EDITH IKE, autora de um apelo ao general Gowon para que permitisse voos de auxílio para Biafra. A jovem conta 25 anos e estuda em Inglaterra. Edith afirma que esteve noiva do dirigente nigeriano em 1965. O romance foi interrompido pela guerra civil e Gowon casou-se em 1968

RECOMEÇO DAS CONVERSACÕES ENTRE OS EUA E A CHINA

(Continuação da 1.ª página)

O embaixador norte-americano na Polónia, Walter J. Stoessel Junior porá fim a um beco sem saída que tem durado desde Janeiro de 1968 quando seguiu de automóvel, esta tarde, para a embaixada chinesa em Varsóvia, a fim de travar discussões com o encarregado de Negócios de Pequim, Lei Yang.

As conversações são o único foro oficial para explicar políticas opostas e trocar opiniões acerca de importantes problemas internacionais, visto os dois países não manterem relações diplomáticas.

A sua conferência será a 135.ª de uma série que começou em Genebra em 1955, e que passou a efec-

tuar-se três anos depois em Varsóvia.

Os chineses anularam no princípio deste mês em recomenciar as discussões, após rejeitarem diligências anteriores dos Estados Unidos.

Observadores consideram o facto como um êxito para a campanha discreta do Governo do presidente Nixon e como um sinal do regresso da China à arena política internacional, a seguir ao isolamento que manteve, provocado pela sua Revolução Cultural, que durou três anos.

Funcionários norte-americanos afirmaram hoje em Washington que não esperavam qualquer resultado dramático das conversações, embora as considerassem como encorajadoras. Disse-se que os Estados Unidos estavam a adoptar uma atitude de optimismo cauteloso.

Alguns estrategas norte-americanos avisaram privadamente que Pequim poderia, porém, estar apenas a tentar acautelar-se por causa do seu litígio com a União Soviética.

A França retira o apoio à concessão de mais poderes ao Parlamento europeu

BRUXELAS, 20 — (A. N. I.) — Os ministros dos Negócios Estrangeiros, das Finanças e da Agricultura do Mercado Comum, reunidos nesta cidade desde ontem, vão discutir na sessão de hoje as atribuições de verbas do Parlamento europeu.

Os ministros dos Seis tinham concordado, em princípio, no fim de Dezembro em conferir mais amplos poderes ao Parlamento europeu, aumentando nomeadamente o seu «contrôle» sobre as despesas do Mercado Comum, a partir de 1975 mas agora o Governo francês, cedendo à pressão dos «gaullistas» extremistas, começa a retirar o seu apoio ao acordo.

Os franceses pretendem desta forma que os parlamentos nacionais dos seis Estados do Mercado Comum, representados pelo Conselho de Ministros, mantenham o «contrôle» sobre as despesas da comunidade.

«A situação é muito grave» — afirmou um dos representantes holandeses, salientando que todo o

acordo sobre o futuro financiamento da Comunidade Económica Europeia, estabelecido antes do Natal, foi «posto em questão».

O vice-ministro holandês dos Negócios Estrangeiros, Hans de Koster, que pre-

sidiu à sessão anterior ao Natal, ameaçou demitir-se se não se chegar a um «acordo satisfatório» para a questão do Parlamento europeu — afirma-se em círculos holandeses do Ecomercado.

NOVA ACUSAÇÃO CONTRA CALLEY

FORT BENNING (Geórgia), 20 — (A. N. I.) — O tenente William L. Calley Junior recusou-se ontem a depor, para se defender da acusação de ter assassinado um civil, seis semanas antes da tomada da aldeia de My Lai, onde se afirma terem sido chacinados 109 civis sul-vietnamitas.

«Calley não prestará declarações, sob juramento ou sem ser sob juramento» — afirmou ao juiz o advogado de defesa, George Latimer.

Calley, que tem 27 anos, permaneceu na sua cadeia, ladeado por Latimer, durante a audiência do inquérito militar, que durou uma hora, com o fim de determinar se deveria ser julgado em tribunal militar pela morte de um homem, na província de Quang Ngai, lançado a um poço, num incidente que parece não ter a menor relação com o caso de My Lai.

Hoje haverá outra audiência, destinada a apreciar os pedidos da defesa para que o Exército retire

as acusações contra Calley pela morte de 109 civis em My Lai, a 16 de Março de 1968.

Núm dos documentos da defesa afirma-se que os direitos de Calley a um julgamento imparcial foram prejudicados pelo muito que se falou publicamente do caso, nomeadamente pelas palavras do presidente Nixon, transmitidas pela Televisão para todo o país, ao afirmar que a chacina tinha realmente ocorrido e que os seus responsáveis seriam punidos.

Morto no Vietnam um coronel norte-americano

SAIGÃO, 20 — (A. N. I.) — O coronel John Jennings, do Exército norte-americano, foi morto em combate no sábado passado, quando o seu helicóptero de reconhecimento foi abatido pelo fogo comunista, na província de Quang Tri, junto à zona desmilitarizada — anunciou hoje em Saigão um informador militar.

É o oficial norte-americano de mais alta patente morto em combate desde 6 de Dezembro do ano passado, data em que perdeu a vida outro coronel do Exército dos Estados Unidos, também por ter sido abatido o helicóptero em que sobrevoava uma zona dos planaltos centrais.

Perdidos 113 (e não 101) Starfighters

BONN, 20 — (F. P.) — A aviação alemã perdeu na realidade 113 caças Starfighter e não 101, como sempre se anunciou oficialmente — revelou ontem o deputado liberal alemão Kurt Jung, que teve acesso a documentos militares confidenciais, na sua qualidade de membro da comissão parlamentar da Defesa.

Estes aviões têm sido perdidos em consequência de desastres em voo.

Catherine Deneuve e Truffaut vão casar-se?

PARIS, 20 — (A. N. I.) — Completada a sua participação no filme de Bunuel «Tristana», a actriz Catherine Deneuve regressou a Paris, para consultar os advogados que apresentaram, em seu nome, o pedido de divórcio do fotógrafo inglês David Bailey, ao fim de quatro anos e meio de casamento. Agora circulam rumores de um possível casamento de Catherine com o realizador François Truffaut.



SPIRO AGNEW em Singapura, durante a sua viagem pela Ásia e área do Pacífico

SPIRO AGNEW REGRESSOU DA SUA VISITA À ÁSIA E AO PACÍFICO

WASHINGTON, 20 — (R.) — O vice-presidente Spiro Agnew regressou a noite passada da sua viagem à Ásia e à área do Pacífico e afirmou que os sul-vietnamitas estavam ansiosos em assumir o mais breve possível a sua própria defesa.

Discursando perante altos funcionários americanos e centenas de outros dignitários da base de aviação de Andrews, Agnew disse que o programa do Governo de Nixon estava a prosseguir muito bem no Vietnã.

Contudo, em toda a Ásia o vice-presidente deparou-se com preocupação de que haveria uma tragédia no Vietnã do Sul se as forças americanas fossem retiradas do país sem primeiro fornecerem aos sul-vietnamitas segurança contra o Vietnã do Norte e os norte-vietnamitas.

Agnew, cuja viagem de

21 dias o levou através do Sueste da Ásia, à Austrália, Nova Zelândia, Nepal e Afeganistão, disse ainda que a nova doutrina asiática do presidente Nixon recebera a aprovação unânime dos dirigentes de todos os países que visitara.

A doutrina prevê que os Estados Unidos desempenhem um papel periférico nas questões asiáticas, mas que mantenham a sua protecção nuclear sobre a área.

Comentário albanês acerca da situação na Checoslováquia

TIRANA, 20 — (F. P.) — Os «ocupantes revisionistas soviéticos e o grupo de Husak não estão em condições de vencer a resistência do povo checoslovaco», escreve o «Bashkim», de Tirana, num comentário citado pela agência ATA. Depois de condenar «a nova vaga de perseguições que alastra por toda a Checoslováquia», o jornal salienta que «os acontecimentos demonstram quão falsas são as afirmações dos chefes colaboradores e dos seus «patrões» soviéticos acerca da pretendida normalização da situação no país».

«O povo checoslovaco está a demonstrar pelos seus actos que não poderá pensar-se numa «normalização» enquanto a Checoslováquia estiver ocupada por estrangeiros», acrescenta o jornal.

Roubado um balão que ia ser utilizado na travessia do Mar da Irlanda

DUBLIN, 20 — (R.) — Gatunos, com o gosto de altas aventuras, fugiram com um balão, pesando 480 quilos, que se encontrava nas traseiras de um supermercado local.

A Polícia revelou que os ladrões utilizaram um camião para levar o balão, pertencente ao Clube de Aeronáutica de Munster, na Alemanha Ocidental.

O balão deveria ser usado esta semana numa travessia do mar da Irlanda.

Um sexto da fortuna do czar em jogo no caso Anastasia

KARLSRUHE, 20 — (A. N. I., F. P. e R.) — A terceira vara do tribunal de justiça federal de Karlsruhe iniciou ontem de manhã o exame do recurso interposto da sentença dada em Fevereiro de 1967, pelo tribunal de Hamburgo, contra Anna Anderson-Manahan, que pedia para ser reconhecida como filha do último czar da Rússia. O tribunal de Hamburgo tinha considerado que Anna Anderson não provava suficientemente ser a princesa Anastasia, quarta filha de Nicolau II.

O tribunal de Karlsruhe fará conhecer a sua decisão em 17 de Fevereiro.

Se a sr.^a Manahan, de 67 anos vir deferido o seu apelo, o processo voltará para o tribunal de Hamburgo. Caso contrário, a grã-duquesa de Mecklenburg continuará a ser a única herdeira sobrevivente do sexto da fortuna do czar depositada em Berlim, terminando, assim, 36 anos, de uma batalha judicial.

Entretanto, o advogado de Anna Anderson, barão Kurt von Stackelber, declarou que o tribunal de Hamburgo tinha feito «pedidos quase desumanos» à sua constituinte, ao exigir-lhe as provas de que é realmente a princesa Anastasia. Anna afirma ter sobrevivido à chacina da família imperial russa, em 17 de Julho de 1918.

Von Stackelber pediu um novo julgamento, com base em óbvios erros de ordem jurídica no julgamento de Hamburgo em 1967.

MORREU O ADVOGADO QUE OBTVEU A TROCA DE FRANCIS GARY POWERS E DE RUDOLPH ABEL

NOVA YORK, 20 — (R.) — O dr. James B. Donovan, o advogado que conseguiu a troca de Francis Gary Powers e do espião Rudolph Abel e a libertação de mais de 11 000 cubanos e norte-americanos retidos em Cuba, após a invasão da Baía dos Porcos, faleceu, ontem, nesta cidade, com 53 anos.

Donovan morreu vítima de um ataque cardíaco, segundo um informador do Instituto Pratt de Belas-Artes, onde Donovan fora presidente nos últimos dois anos.

O advogado iniciou a sua carreira em Direito Internacional como o acusador adjunto do julgamento de

crimes de guerra de Nurembergue.

Em 1957, defendeu Rudolph Abel, acusado de chefiar a espionagem soviética nos Estados Unidos, e salvou-o da pena de morte. Donovan argumentou que a execução de Abel poderia encorajar a U. R. S. S. a não trocar espiões norte-americanos. Abel foi condenado a 30 anos de cadeia. Em 1962, o agente soviético foi trocado por Powers, condenado por fazer espionagem para os Estados Unidos, após o seu avião de reconhecimento «U-2» ser abatido sobre a União Soviética.

Donovan, um democrático, perdeu, em 1962, a eleição para o lugar de senador por Nova York, sendo derrotado por Jacob Javits. Mais tarde, serviu como presidente da Junta de Educação da cidade de Nova York.

Deixa mulher e quatro filhos.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Mais pilotos egípcios estão a ser treinados pelos soviéticos (segundo o «Guardian»)

LONDRES, 20 — (F. P.) — O redactor principal do jornal «Guardian», de regresso de uma viagem pelo Médio Oriente, analisa as relações de força entre a aviação israelita e a aviação egípcia. Em sua opinião, os «raids» israelitas são menos desmoralizantes para os egípcios do que Jerusalém ou Tel-Aviv pensam. Nota ainda que os egípcios parecem ter esco-

lhido o caminho da prudência ao evitarem os combates aéreos, onde a sua inferioridade é manifesta. Entretanto, os soviéticos estão a formar novos pilotos, tendo já sido reconstruídos 30 aeródromos com instalações subterrâneas.

O correspondente do «Daily Express» em Beirute indica, por seu turno, que o ministro egípcio da Guerra, general Mohammed Fawzi, teria pedido aos sírios, aos jordanos e aos iraquianos uma maior participação das suas forças aéreas no esforço de guerra. Segundo o mesmo jornalista, o presidente Nasser tenciona pedir aos conselheiros soviéticos no Egipto para desempenharem um papel mais activo.

da Sexta Esquadra dos Estados Unidos, funções policiais...», declara o jornal, acrescentando que «os meios mais belicistas da N. A. T. O. querem tomar posse das posições chave no Mediterrâneo, para imporem a sua vontade aos povos do Sul da Europa, da África do Norte e do Médio Oriente. Ao mesmo tempo os estados maiores atlânticos jogam a carta da soldadesca israelita e do regime dos «coronéis gregos», esperando modificar assim o equilíbrio de forças e chegar eventualmente ao domínio dos acontecimentos na região, cujo desenvolvimento não é actualmente favorável a Washington e Londres».

DESMENTIDO

TEL-AVIV, 20 — (F. P.) — Um informador do Exército israelita desmentiu hoje categoricamente todos os comunicados egípcios afirmando que foram mortos dez soldados israelitas num «raid» malogrado na margem ocidental do Canal de Suez.

«Não foi levada a cabo qualquer operação deste género e todas as informações egípcias a tal respeito são fantasia pura», acrescentou o informador.

ARTIGO CITADO PELA TASS

MOSCOVO, 20 — (F. P.) — Londres tenta agravar a tensão na região do Mediterrâneo», afirma o jornal «Izvestia» comentando, num artigo citado pela agência Tass, a intenção atribuída ao Governo britânico de aumentar este ano o número das unidades da sua frota no Mediterrâneo.

«A frota britânica tem por missão exercer, ao lado

POSSÍVEL JULGAMENTO DE TRÊS ESTRANGEIROS NA CAPITAL SOVIÉTICA

MOSCOVO, 20 — (R.) — A «Pravda» dá hoje a entender que três jovens estrangeiros que durante o fim-de-semana distribuíram panfletos nesta cidade pedindo a libertação dos intelectuais soviéticos dissidentes serão levados a julgamento.

No sábado dois jovens italianos, Teresa Marinuzzi e Valerio Tecchi, ambos de Roma, prenderam-se a si próprios às grades de um grande armazém de Moscovo e dali lançaram panfletos para a rua antes de serem levados pela Polícia.

No dia seguinte, o belga Viktor Brantegem fez o mesmo do balcão de um teatro de Moscovo lançando panfletos sobre a plateia antes de ser detido.

Referindo-se hoje aos incidentes a «Pravda» escreve: «Podemos partir do princípio que a justiça se ocupará das actividades destes elementos que perturbaram a ordem pública, destes provocadores que interferem nos nossos assuntos tentando difamar o povo soviético».

O artigo da «Pravda» diz que embora os dois incidentes se tenham registado em dias e locais diferentes e os

seus autores sejam de nacionalidade diferente «torna-se evidente que as actividades destes provocadores são dirigidas pela mesma entidade».

O artigo prossegue: «Por detrás deles encontram-se os mesmos círculos imperialistas que já conhecemos, os quais planearam e financiaram as provocações».

«Os turistas estrangeiros que violarem as leis soviéticas e as normas de comportamento geralmente aceites não podem fugir às responsabilidades».

«Não podemos tolerar provocadores e desordeiros que apareçam disfarçados com um passaporte de turista. Com a sua atitude desavergonhada de desafio eles tentam subverter a própria ideia de turismo prejudicando o intercâmbio cultural entre os povos».

Os dois jovens italianos disseram ser membros de uma organização chamada «Europa, Civitas». Um outro membro desta organização foi expulso da Grécia no sábado depois de se manifestar ali a favor da libertação do compositor Mikis Theodorakis.

Alvejado a tiro por não fumar

CIDADE DO MÉXICO, 20 — (A. N. I.) — José Luis Leon, de 27 anos, foi alvejado a tiro por duas vezes no peito, pelo simples facto de não fumar — anuncia a Polícia da capital mexicana.

O motorista de um camião parou ontem à noite o seu veículo junto de José Leon e pediu-lhe um cigarro. Como este lhe respondesse que não fumava, sacou de uma pistola, disparou dois tiros e fugiu a grande velocidade.

Leon encontra-se hospitalizado em estado grave — acrescenta a Polícia.

SERÃO FUZILADOS OS SABOTADORES EM CUBA

HAVANA, 20 — (F. P.) — Os elementos «contra-revolucionários» que tentarem sabotar a campanha do Aguar em Cuba serão fuzilados — anunciou o tenente Jesus Calco, secretário do partido na província de Pinar del Río.

Administração de Propriedades BANCO DO ALENTEJO

DEVE REALIZAR-SE EM LISBOA NA PRIMEIRA QUINZENA DE MARÇO O V CONGRESSO DA UNIÃO NACIONAL

Reunida durante 90 minutos, ao fim da tarde de ontem, a Comissão Central da União Nacional, decidiu

convocar, pela quinta vez, o congresso da organização, «a fim de deliberar acerca da modificação dos

estatutos e tomar as demais resoluções que essa modificação possa tornar indispensáveis».

Na reunião tomou parte o Presidente do Conselho, prof. Marcello Caetano, vogal daquela comissão, salientando-se nos meios políticos o significado dessa presença, tanto mais que há cerca de doze anos que o actual Chefe do Governo não comparecia às reuniões da U. N. Também esteve presente, a convite da Comissão Central da U. N. o ministro do Interior, dr. Gonçalves Rapazote.

Como atrás se refere, é a quinta vez que o congresso da única organização política actualmente existente em Portugal é convocado. Os anteriores realizaram-se, em 1934, 1944, 1951 e 1956, tendo presidido ao terceiro, efectuado em Coimbra, o actual Presidente do Conselho.

Ao congresso compete, pela letra dos estatutos da U. N., além da discussão dos grandes problemas políticos de interesse para o País e eventual revisão da organica interna da organização, a eleição do presidente da respectiva comissão central, fixando a duração do seu mandato. Ora o presidente da referida comissão tem sido o sr. prof. Oliveira Salazar, que simultaneamente tem sido, desde o congresso de Maio de 1934, o chefe supremo da organização.

A reunião de ontem fora convocada, há dias, pelo sr. conselheiro Albino dos Reis, vice-presidente da Comissão Central da U. N., que há 16 meses, após a doença do Presidente Salazar, desempenha o cargo de presidente interino daquela comissão.

Participaram na reunião, como componentes da Comissão Central, além dos srs. prof. Marcello Caetano e conselheiro Albino dos Reis, os srs. dr. Suplício Pinto, profs. André Navarro, Bissau Barreto e Costa Leite (Lumbráes), e dr. Manuel Cerqueira Gomes. Da Comissão Executiva estavam os srs. drs. Melo e Castro e Miguel Bastos, Hermes dos Santos e eng.º Neves Clara. Também tomaram parte o titular da pasta do Interior e o secretário da Comissão Central, sr. dr. Rodrigues de Matos, que secretariou os trabalhos.

Por motivo de doença, não puderam comparecer os vogais da Comissão Central srs. prof. Fernando Pires de Lima e dr. Francisco

Vieira Machado, e o da Comissão Executiva sr. dr. Domingos Braga da Cruz.

No final da reunião, que terminou cinco minutos depois das 20 horas, foi distribuído um laconico comunicado que apenas diz:

«A Comissão Central da União Nacional, tendo ouvido a exposição do Presidente do Conselho acerca do momento político, deliberou convocar, nos termos estatutários, o Congresso da organização, a fim de deliberar acerca da modificação dos estatutos e tomar as demais resoluções que essa modificação possa tornar indispensáveis. Foi constituída uma comissão organizadora do Congresso.»

Foi, entretanto, constituída a comissão organizadora do congresso, presidida pelo sr. dr. Suplício Pinto e constituída pelos srs. drs. Melo e Castro, Hermes dos Santos, Vale Guimarães e Caetano de Carvalho.

Interrogado, esta manhã, pelo «Diário de Lisboa» o sr. dr. Albino dos Reis, disse que o congresso deverá realizar-se na primeira quinzena de Março e, provavelmente, em Lisboa.



«Está saborosa» — disse o ministro da Educação, ao provar a sopa (de grão) de 300 alunos de duas escolas primárias de Lisboa

DEPOIS DE MILHARES DE EXPERIÊNCIAS OS CIENTISTAS DESCOBREM O SUPERALIMENTO VITAMINADO DYNAVIT

Muitas pessoas que se sentiam fracas, esgotadas e anémicas têm agora uma outra vida, têm mais energia, outra vitalidade

A maior parte das pessoas anda fatigada. Isto mesmo sem estarem submetidas a um trabalho físico ou mental exagerado. Muitas pessoas sentem-se fracas, completamente esgotadas. Verificou-se que isso é devido, muitas vezes, à alimentação pobre em vitaminas do complexo B e ferro.

EXPERIÊNCIA REPETIDA MILHARES DE VEZES

Um pombo alimentado só com pão branco, ao fim de 15 dias, não se pode aguentar nas patas. O seu sistema nervoso é duramente atingido pela falta de vitaminas do complexo B. É a isso que se chama a polinevrite. O sistema nervoso do pombo fica paralisado, incapaz de coordenar os movimentos. (Fenómeno semelhante produz-se no homem, se a sua alimentação é pobre em vitaminas do complexo B). Basta tomar alguns grammas de Levedura de Cerveja Estabilizada DYNAVIT, para os restabelecer em poucas horas. Isto porque a DYNAVIT é a fonte natural mais abundante em vitaminas do complexo B e ferro.



Astronauta M. Scott Carpenter, primeiro piloto na segunda missão tripulada dos Estados Unidos. A alimentação dos astronautas é reforçada com alimentos ricos em complexo B e ferro

gaste. Os cientistas procuram compensá-lo com uma alimentação rica em vitaminas do complexo B. A Levedura de Cerveja Estabilizada DYNAVIT é a fonte natural mais abundante em vitaminas do complexo B e ferro (dois fortificantes indispensáveis ao organismo).

...E COM ATLETAS

Todos os desportistas a quem é dada a Levedura Estabilizada DYNAVIT conseguem melhores marcas. Conseguem mais capacidade de realização e mais resistência. São mais lutadores e dão mais rendimento atlético, sem tanto esforço. A sua «forma» é outra, bem diferente da que os outros apresentam.

...NÓS TAMBÉM

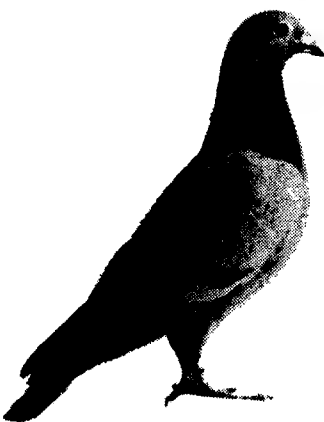
Todos os dias ingerimos alimentos que não têm a quantidade suficiente de vitaminas do complexo B e ferro. E isso enfraquece-nos. Basta juntar à nossa alimentação uma pequena quantidade de DYNAVIT para adquirirmos o vigor, elasticidade física e mental de que precisamos. Assim que você começa a tomar DYNAVIT, rapidamente consegue energia e vitalidade — aquele bem-estar que tanta falta lhe faz.

PREENCHA E COLE O CUPÃO ABAIXO NUM POSTAL E REMETA-O PARA:

diese

PRODUTOS DIETÉTICOS, LDA.

AV. DA REPÚBLICA, 46, R/C. LISBOA-1



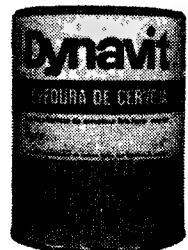
Algumas horas antes, este pombo estava por terra, completamente aniquilado, sem forças. Bastaram alguns grammas de DYNAVIT para o recuperar. Agora está óptimo, cheio de vivacidade e energia, com o sistema nervoso totalmente recuperado. A acção da Levedura de Cerveja Estabilizada DYNAVIT sobre os seres humanos é exactamente a mesma que nos pombos.

...TAMBÉM COM SOLDADOS

Milhares de soldados receberam 5 grammas de levedura incorporados na sua alimentação diária. Isto foi suficiente para dar outra resistência e outra «endurance» a estes homens. Durante as experiências não foram atingidos por gripe, resfriamentos, furunculose e outras doenças como as que mantiveram a alimentação normal.

...OS ASTRONAUTAS

Nas viagens espaciais o organismo está sujeito a enorme des-



PEÇO QUE ME ENVIEM
NA VOLTA DO CORREIO:

D. L.

- ☐ Embalagens de DYNAVIT em flocos (200 g) 60\$
- ☐ Embalagem de DYNAVIT em pó (300 g) 60\$

NOME
MORADA

Eng. Vaz Pinto

Esteve no nosso jornal o sr. eng. Alfredo de Queiroz Ribeiro Vaz Pinto a apresentar cumprimentos e a agradecer o interesse que o «Diário de Lisboa» dispensou à sua actividade enquanto ministro de Estado.

Dr. Cancela de Abreu

Teve a gentileza, que agradecemos, de apresentar cumprimentos ao «Diário de Lisboa», ao deixar as funções de ministro da Saúde e Assistência, o sr. dr. Lopo de Carvalho Cancela de Abreu.

HOMENAGEM AOS «PRIMEIROS OBREIROS DA DEMOCRATIZAÇÃO

ACÇÃO IMEDIATA — PROMETEU O MINISTRO DA EDUCAÇÃO A PROFESSORES DE ESCOLAS PRIMÁRIAS

A primeira visita oficial do novo ministro da Educação, prof. dr. Veiga Simão, a estabelecimentos de ensino decorreu esta manhã: aquele membro do Governo esteve nas escolas primárias 142 e 144, frequentadas por alunos dos sexos masculino e feminino, e ambas instaladas na Rua Actor Vale, 22, à Praça do Chile.

Acompanhavam o ministro o subsecretário de Estado da Administração Escolar, dr. Justino Mendes de Almeida; o chefe do seu gabinete, jornalista dr. João Falcato; o director-geral do Ensino Primário, dr. Gomes Branco; o director do distrito escolar de Lisboa, dr. Jónatas Matoso, e um secretário.

O prof. dr. Veiga Simão começou por percorrer as oito salas da escola masculina, falando com as crianças e os professores. Numa das aulas, um professor com mais de 30 anos de actividade docente, o sr. Hamilton Vieira disse ao ministro:

— As crianças de hoje vão sendo cada vez mais diferentes das de outrora. Mas com amor e vontade tudo se consegue.

Sala após sala, o prof. Vel-

ga Simão percorreu (e trocou impressões com professores e alunos) todas as 16 turmas que, no momento, estavam em lição.

Esteve, depois, na cantina (da Obra das Mães), na qual almoçam gratuitamente, todos os dias, cerca de 300 crianças de ambos os sexos. Aqui, o ministro trocou impressões com os directores das escolas masculina, sr. António Fortunato Gasalho Simões, e feminina, sr.ª D. Celeste Ferreira de Sá André Vieira.

Problemas das escolas visitadas

Uma vez no recinto do recreio, a directora da escola feminina disse ao ministro: — O senhor ministro está a ver aquela barreira? É um perigo permanente para os alunos e os professores. Qualquer dia aquilo tudo cai em cima da escola e aterra-a. Temos, por sucessivas vezes, oficiado à Câmara Municipal para que resolva o problema, e nada!

— Esse problema vai resolver-se já, — respondeu o prof. dr. Veiga Simão.

Efectivamente, a todo o comprimento do recreio, exis-

te uma barreira, segura por um muro baixíssimo. «Qualquer dia há uma tragédia» — disse a sr.ª D. Celeste Vieira, que chamou, ainda, a atenção do ministro para o facto de uma parte do recreio precisar de ser alcatroada. O prof. Veiga Simão tornou a dizer:

— Tudo isso vai fazer-se, já!

Pedida a colaboração dos professores

O novo ministro da Educação Nacional reuniu-se, por fim, com os professores, a quem disse:

«O meu primeiro acto público é esta visita a uma escola primária. É feito com intenção: — a de um professor universitário, acidentalmente ministro, manifestar sentida homenagem por aquela professora primária que carinhosamente lhe ensinou as primeiras letras. (Recordo-me com saudade desses meus tempos já longínquos, mas vivos na minha memória. Era uma escola na fria mas nobre cidade da Guarda...); — a de afirmar profundo apreço pelo trabalho que os primeiros obreiros da democratização do ensino desenvolvem neste País! Quanto de abnegação e de espírito de bem servir! Mas, tudo recompensado por estas crianças!; — a de fazer um pedido que

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

(Continua na 15.ª página)

Está em Lisboa a esquadra permanente da N. A. T. O.

Com algumas horas de atraso, devido ao intenso nevoeiro, que pairou na costa desde ontem á noite, atracaram hoje no cais de Alcantara os navios da Força Naval Permanente do Atlântico.

Esta força naval da NATO tem sido comandada pelo comodoro Veldkamp da Marinha Real Holandesa, que arvora o seu distintivo na fragata holandesa «Isaac Sweers» e compreende mais os seguintes navios: «Resligouche», «destroyer» canadiano; fragatas norueguesas «Trondheim» e «Stavangev»; fragata da Marinha Real Britânica «Leander» e o «destroyer» norte-americano «Steinaker».

Dia 29 juntar-se-lhes-á a fragata alemã «Augsburg».

Na próxima sexta-feira, 23, o comodoro Veldkamp fará a entrega do comando desta força, ao comodoro Douglas S. Boyle, das Forças Armadas canadianas.

Nos dias 24 e 25 deste mês, e no dia 1 de Fevereiro, os

barcos poderão ser visitados pelo publico, entre as 14 e as 17 horas, nos cais da Docca da Marinha e do Entrepósito do Jardim do Tabaco, onde estarão atracados na altura.

A esquadra, debaixo do novo comando, largará para o mar para exercícios, no dia 2 de Fevereiro, cabendo a responsabilidade do controlo operacional ao Comberlant.

As operações precederão um longo programa de manobras da NATO e de visitas a portos de países membros desta organização. O comodoro Veldkamp, que cessa as funções no comando da Esquadra da NATO, receberá os representantes dos órgãos de Informação, a bordo do «Isaac Sweers» atracado em Alcantara amanhã ás 11 horas.

BANCO BURLADO EM 3279 CONTOS POR CHEQUES FALSOS

PORTO 20 — Foi enviado ao tribunal a distribuido ao 1.º Juízo criminal, um processo no qual é queixoso o Banco Pinto & Sotto Mayor e réu Manuel Perez Guimenez.

Esse individuo, ou alguém que usou esse nome, possivelmente falso, levantou daquele banco, por meio de cheques falsos, a quantia de 3 279 600\$00, das contas bancárias dos srs Joaquim Carregosa e Manuel Guilherme da Rocha e Silva.

As investigações foram feitas pela Polícia Judiciária.

O DIREITO À INFORMAÇÃO

— TEMA FOCADO HOJE NA ASSEMBLEIA NACIONAL PELO DEPUTADO MANUEL JOSÉ HOMEM DE MELLO

«PRÊMIO ANTÔNIO SÉRGIO»

Termina no dia 25 o prazo para a entrega dos artigos concorrentes ao «Prémio António Sérgio», instituído pelo «Boletim Cooperativista» e destinado a premiar as melhores produções sobre Cooperativismo aparecidas de 1 de Outubro a 15 de Janeiro na Imprensa diária e não diária (prémios de 1500 e 1000 escudos, respectivamente).

Além daqueles prémios poderão ser atribuídos outros especiais por entidades cooperativas galardando o melhor artigo sobre um determinado sector cooperativo. Nesta modalidade, a Associação dos Inquilinos Lisboenses já instituiu um prémio para o melhor artigo sobre cooperativismo habitacional.

Encerrada desde 18 de Dezembro, por prolongamento das férias do Natal e Ano Novo, reabriu hoje a Assembleia Nacional, figurando na ordem do dia a eleição de algumas das comissões parlamentares ainda por constituir. Antes da ordem do dia, o presidente fez algumas comunicações á Câmara — entre as quais a da personalidade que desempenhará as funções de «leader» do Governo. Usaram da palavra, ainda antes da ordem, os deputados Raquel Ribeiro, Jorge Augusto Correia, Leal de Oliveira, Trigo Pereira, almirante Roboredo e Silva, Manuel Homem de Mello e Alarcão e Silva.

Acabar com o culto exclusivo do passado

O sr. dr. Manuel José Homem de Mello proferiu um discurso de indiscutível importância política, ao comentar, antes da ordem do dia, a recente remodelação ministerial.

Começou por dizer:

«A pesada responsabilidade que conscientemente decidi contrair, aceitando que voltasse a ser apresentada a minha candidatura — após in-

numantes. Se o entusiasmo pelo desempenho do mandato é idêntico ao de então, diferente será, porventura, o estado de espírito de quem,

pois em cada um de nós há por mero fanatismo político ou deformada visão da realidade.

«E, assim, mister que os homens do tempo presente, seja qual for o escalo em que actuem, saibam dar-se as mãos, dispostos uns a esquecer o culto exclusivo do passado e os outros a reconhecer os benefícios da continuidade de molde a que uma total identificação de propósitos possa apontar as gerações vindouras que esta foi a hora determinante que presidiu á esquematização e ao arranque decisivo do País, para a ingente tarefa de vencer a batalha do futuro».

Os sucessos políticos durante o interregno parlamentar

O sr. dr. Homem de Mello prosseguiu:

— No decurso do interregno parlamentar, o Chefe do Governo deu concretização á remediação ministerial que era aguardada com natural expectativa e a generalidade dos observadores políticos considerava necessária. Nos termos constitucionais que pautam a vida pública portuguesa, Governo e Assembleia Nacional situam-se estrutural e funcionalmente em posições paralelas; convergindo, apenas, em idênticos propósitos de actuação em prol do bem comum. Não cabe, assim, á Câmara qualquer parcela de responsabilidade no recrutamento ou escolha dos elencos governativos, da exclusiva competência do Chefe do Governo e nomeação do Presidente da República sob proposta da-quele.

«Órgãos diferenciados e independentes da soberania, Assembleia Nacional e Governo é mister que o sejam cada vez mais, porque quanto maior e mais vinculadas forem a diferenciação e a independência, tanto maior se-

(Continua na 15.ª página)

O «leader» da Câmara é o dr. Almeida Cotta

O presidente da Assembleia Nacional, sr. eng.º Amaro Netto, comunicou aos deputados ter sido escolhido para desempenhar as importantes funções de «leader» do Governo na Câmara o deputado sr. dr. José Coelho de Almeida Cotta, subsecretário cessante da Administração Ultramarina.

O «leader» da Assembleia Nacional declarou ao redactor parlamentar do «Diário de Lisboa» desejar manter as melhores relações com a Imprensa, no sentido de serem facilitadas as funções de ambas as partes

terregno de 12 longos anos — do sufrágio dos eleitores do círculo de Aveiro, atinge hoje um dos seus pontos cul-

beneficiando do rodar dos anos e de um melhor conhecimento dos homens e das coisas, se dispõe a regressar a esta casa animado pelo mais firme desejo de colaborar, dando o seu modesto contributo á arrancada política de 27 de Setembro de 1968.

«Reconheço que a confissão pública — feita deste hemicycle para fora — do estado de espírito em que me encontro, pode significar uma espécie de «balde de água fria» sobre o calor mais ou menos escaldante que anima todos aqueles que aspiravam — e não sei se ainda aspiram — a encontrar na nova Câmara Política e designadamente em alguns dos seus membros, veículos por excelência, não de uma evolução desejável e indispensável, mas da superpolitização aniquilante de energias e da crítica sistemática arvorada em método permanente de actuação.

«Quem nem sempre se mostrou de acordo com o passado recente e antes se não eximiu — todas as vezes que o ensejo lhe era proporcionado — a expressar descontentamento ou crítica respeitosa acerca do rumo que as coisas tomavam, talvez sinta maior á-vontade para reconhecer os inestimáveis e definitivos benefícios que o País colheu de uma gestão política que tendo, naturalmente, os seus prenúncios de tempestade e algumas sombras resultantes de determinadas opções, apresenta, todavia, um saldo positivo insusceptível de ser

de grão), do almoço de cerca Lisboa

ÃO DO ENSINO)

TA
DUCAÇÃO
RIMÁRIAS



No conjunto das Avenidas Novas, junto da Praça de Espanha (em primeiro plano) destacam-se os edifícios da sede, do museu e do grande auditório das novas instalações da Fundação Calouste Gulbenkian. Esta é uma das primeiras vistas aéreas do conjunto, recentemente inaugurado

NOIVOS

As alianças e prendas da
OURIVESARIA
DA MODA
dão felicidade
RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES TAGIDE
BARREIRO · LISBOA · QUEL

A criação de uma Caixa de Previdência da Imprensa Artes Gráficas e Indústrias de Papel

— encarada pela direcção da Corporação

Reunida sob a presidência do dr. Luís Borges de Castro, a direcção da Corporação da Imprensa e Artes Gráficas apreciou vários assuntos, entre os quais o projecto de Regulamento do Exercício da Profissão de Jornalista. O tema foi apresentado pelo jornalista Leopoldo Nunes, vice-presidente do Conselho da Secção de Imprensa, que, na sua declaração, se baseou na reunião do referido Conselho, no passado dia 12.

Na reunião, a que assistiram, além do dr. Luís Borges de Castro e de Leopoldo Nunes, presidente e vice-presidente, respectivamente, os vogais srs. dr. Carlos Mendes Leal, José Correia, Saphera da Costa e Manuel Neves, assim como os vice-presidentes das 2.ª e 3.ª secções, e o secretário-geral da Corporação, dr. António Guardiola, foi encarada a solução de patrocinar a criação de uma Caixa de Previdência da Imprensa.

Antes Gráficas e Indústria de Papel, abrangendo os patrões e os trabalhadores dos sectores em causa e foi emitido parecer favorável sobre o alargamento do âmbito — no que se refere à matéria da pensão de sobrevivência — do contrato colectivo de trabalho celebrado entre o Grémio Nacional dos Industriais de Construção Civil e Obras Públicas do Sul e o Sindicato Nacional dos Electricistas de Lisboa a todas as empresas abrangidas pela Corporação da Imprensa e Artes Gráficas que nos distritos de Beja, Évora, Faro, Lisboa, Portalegre, Santarém, Setúbal, Angra do Heroísmo, Horta e Ponta Delgada tenham ao serviço profissionais das categorias referidas no contrato e representados pelo Sindicato.

Por fim, o presidente da Corporação deu a conhecer que, na última reunião do

Conselho da Previdência da Câmara Corporativa, foi designado, por proposta sua, para fazer parte da Comissão de Procuradores incumbidos

de formular parecer sobre o projecto de proposta de lei relativo ao Ensino Politécnico, o eng. Fernando Lourenço Pereira.

Na reunião do Rotary o dr. Carlos Estorninho falou da revista rotária

Num dos hotéis de Lisboa realizou-se, hoje, o habitual almoço do Rotary Club. A reunião foi dedicada à «Semana da Revista Rotária», tema que foi objecto de uma palestra pelo sr. dr. Carlos Estorninho.

Presidiu o sr. dr. Ângelo de Almeida Ribeiro, dirigiu o protocolo o sr. Eric Lega Rasmussen e secretariou o prof. Erasmo Chaves.

A reunião registou grande afluência de sócios, convidados e visitantes de outros clubes do País e do Estrangeiro.

O dr. Carlos Estorninho, director da Biblioteca do Instituto Britânico, na sua qualidade de conselheiro pessoal do presidente do Rotary Internacional para a Revista Rotária, principiou por dizer que a sua palestra se integra na Semana da Revista Rotária, que os 14 mil clubes rotários espalhados por 150 países e regiões do Mundo, com um efectivo de cerca de setecentos mil companheiros, agoram celebram.

Fundada em Janeiro de 1911 como modesto periódico nacional de 12 páginas, acompanhando a firme acção e a rápida expansão do movimento rotário no mundo livre, The Rotarian depressa cresceu e se internacionalizou de forma a transformar-se no órgão oficial do Rotary Internacional. Em 1933, ao lado da edição em língua inglesa, foi lançada uma versão em espanhol.

Prosseguindo, o dr. Carlos Estorninho disse que a «Revista Rotária» como órgão oficial e porta-voz do movimento rotário no Mundo, tem um duplo objectivo. Por um lado, cuida da formação e da informação rotária; constitui um manancial de

ideias para os projectos e actividades rotárias e representa um elo de ligação entre o Board, o Rotary Internacional, os clubes e todos os rotários do Mundo; por outro, com a apresentação de uma forma objectiva das actividades e realizações, pensamentos e atitudes dos rotários, projecta a imagem do Rotary no Mundo, tornando os seus leitores não rotários cônscios da existência do Rotary como ideal e como movimento. Sempre atenta aos problemas e aos interesses humanos e universais, de carácter social e educativo, científico e técnico que afectam quotidianamente o Mundo, a «Revista Rotária» procura promover um melhor conhecimento recíproco e compreensão entre os homens e entre as nações, contribuindo assim para a paz e a amizade no Mundo.

A influência da «Revista Rotária» ultrapassa em muito o âmbito, já lato em si, do movimento rotário.

O dr. Carlos Estorninho terminou por dizer que, além de colaboração de rotários, a revista insere valioso original de nomes destacados da vida contemporânea, como, por exemplo, o dr. Malik, ao tempo presidente da O. N. U., J. Monnet, criador do Mercado Comum Europeu, Willy Brandt, actual Chanceler da República Federal Alemã, o cirurgião Christian Barnard, etc. E, de entre os estudos e simpósios em âmbito mundial, os dedicados aos problemas da juventude, economia, enfermagem, alcoolismo, agressividade do homem, intolerância, mal do século, etc., tratados por reconhecidas autoridades no assunto.

O palestrante foi muito felicitado pela assistência.

VIDA POLITICA

Ministro do Interior

O ministro do Interior recebeu o prof. dr. Antunes Varela, a sr.ª D. Maria Figueiredo, acompanhada pelo sr. dr. João de Almeida, director-geral do Ensino Superior e das Belas-Artes, e ainda os governadores civis de Setúbal e de Bragança, este último acompanhado pelo presidente da Câmara daquela cidade.

O Plano Director da cidade de Luanda

LUANDA, 20 — (L.) — Importará em cerca de 18 mil contos, a elaboração do Plano Director da Cidade de Luanda, ontem adjudicada por unanimidade à firma O. T. A. M., numa reunião extraordinária da edilidade.

Apresentaram-se a concurso dezotto firmas, das quais quinze foram eliminadas pela Comissão Técnica, baixando as propostas das três restantes à reunião de ontem.

Visitas a empresas alemãs que operam em Portugal

O secretário de Estado da Indústria, eng.º Rogério Martins, que se encontra na República Federal da Alemanha, a convite do Governo de Bonn efectuou, ontem e hoje em Munique, contactos com algumas das mais importantes empresas alemãs que operam em Portugal — soube-se, hoje, junto do Gabinete daquele membro do Governo.

O eng.º Rogério Martins, que antontem chegou a Munique, esteve ontem na Siemens, cujas instalações visitou, de manhã e de tarde.

Esta manhã esteve nas instalações da empresa M. T. V. importadora de motores de avião, nomeadamente dos famosos F 184, com a qual o nosso País estaria interessado em estabelecer negociações.

A tarde o eng.º Rogério Martins seguiu para Surht e, depois para Frankfurt.

De acordo com o Gabinete.

a Grundig, a Hoechst e a Nixdorf (fábrica de pequenos computadores) são algumas das empresas que constam da agenda de visitas a efectuar pelo secretário de Estado da Indústria, no decurso da sua visita, que terminará no próximo sábado. No entanto, o sr. eng.º Rogério Martins só na próxima segunda-feira regressará a Lisboa.

No final da visita, o secretário de Estado da Indústria tomará parte numa mesa-redonda na B. D. I., a Associação dos Industriais Alemães, em Colónia.

Julgase que esta visita é uma consequência do discurso que, em meados de Novembro do ano transacto, o secretário de Estado da Indústria proferiu na Câmara de Comércio Luso-Alemã, a propósito de investimentos estrangeiros (nomeadamente alemães) em Portugal.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Etec	Compra	Vende	Ultramarinas	Etec	Compra	Vende
Consolidado 3 1/4 %	—	—	518\$	Jamantes Angola	2.495\$	2.490\$	2.500\$
Consolidado 3 %	530\$	530\$	530\$	M. E. Revu	—	675\$	685\$
Consolidado 3 1/2 %	—	—	620\$	Ilha do Príncipe	—	—	—
Centénários 4 %	1.480\$	1.480\$	1.495\$	Moçambique	186\$	185\$	187\$
Obra de S. Paulo 5 %	1.001\$	1.001\$	1.002\$	Moçambique	—	—	—
Ext. 1960 5 %	—	—	600\$	Moçambique	447\$	447\$	450\$
Ext. 1961 5 %	—	—	820\$	Moçambique	87\$	87\$	88\$
Ext. 1962 5 %	—	—	730\$	Moçambique	—	—	—
Ext. 1963 5 %	—	—	780\$	Moçambique	—	—	—
Ext. 1964 5 %	—	—	1.50\$	Moçambique	—	—	—
Ext. 1965 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 1966 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 1967 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 1968 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 1969 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 1970 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 1971 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 1972 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 1973 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 1974 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 1975 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 1976 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 1977 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 1978 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 1979 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 1980 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 1981 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 1982 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 1983 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 1984 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 1985 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 1986 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 1987 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 1988 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 1989 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 1990 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 1991 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 1992 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 1993 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 1994 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 1995 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 1996 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 1997 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 1998 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 1999 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2000 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2001 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2002 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2003 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2004 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2005 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2006 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2007 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2008 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2009 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2010 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2011 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2012 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2013 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2014 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2015 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2016 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2017 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2018 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2019 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2020 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2021 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2022 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2023 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2024 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2025 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2026 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2027 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2028 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2029 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2030 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2031 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2032 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2033 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2034 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2035 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2036 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2037 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2038 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2039 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2040 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2041 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2042 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2043 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2044 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2045 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2046 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2047 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2048 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2049 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2050 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2051 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2052 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2053 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2054 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2055 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2056 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2057 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2058 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2059 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2060 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2061 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2062 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2063 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2064 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2065 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2066 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2067 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2068 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2069 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2070 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2071 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2072 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2073 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2074 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2075 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2076 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2077 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2078 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2079 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2080 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2081 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2082 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2083 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2084 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2085 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2086 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2087 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2088 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2089 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2090 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2091 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2092 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2093 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2094 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2095 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2096 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2097 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2098 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2099 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—
Ext. 2100 5 %	—	—	—	Moçambique	—	—	—

O ritmo de melhoria das estatísticas nacionais não tem acompanhado o desenvolvimento económico-social

— disse o dr. João Salgueiro

Efectuou-se, esta tarde, a 11.ª reunião do Conselho Nacional de Estatística, órgão superior de orientação e coordenação do Sistema Estatístico Nacional.

Foram apreciados os projectos de programa do XI Recenseamento da População e do I Recenseamento da Habitação, bem como o estado dos trabalhos de grandes operações de tipo censitário efectuadas pelo I. N. E.

Usando da palavra, disse o dr. João Salgueiro, subsecretário de Estado do Planeamento Económico:

«Os progressos da informação estatística tornam-se necessários sempre que se impõe gestão mais voluntarista e eficiente, em todos os domínios em que a melhor organização económica e social torna necessárias intervenções conscientes para correcção de mecanismos menos eficazes ou de ritmos de funcionamento pouco adequados. Gestão de curto prazo ao nível das empresas e dos departamentos públicos, como condição de sobrevivência económica, mas igualmente ao nível global — na gestão da conjuntura industrial, da balança de pagamentos, dos preços e mecanismos monetários, dos rendimentos e sua repartição, ou das perturbações económicas regionais. Gestão também das decisões de médio e longo prazo, respeitantes a investimentos materiais, humanos ou institucionais — do desenvolvimento científico e tecnológico, da estratégia de crescimento industrial, de ordenamento territorial, do progresso dos equipamentos sociais, da promoção cultural e educacional.»

O orador sublinhou que «o

ritmo de melhoria das estatísticas nacionais não tem acompanhado as necessidades que resultam do desenvolvimento económico-social e da introdução de técnicas mais actualizadas nas actividades privadas e no próprio sector público. É certo que o I. N. E. tem assegurado aperfeiçoamentos que resultam da realização de vários recenseamentos económicos de base e também se podem localizar pelo confronto das actuais publicações periódicas com idênticos volumes de alguns anos atrás. Todos, porém, estamos de acordo em que os progressos realizados não correspondem aos que se tornariam necessários e que é indispensável se consiga em curto prazo.»

Mais adiante afirmou que «o Estado dedicará em 1970 aos serviços do I. N. E. 55 mil contos, o que representa um aumento de 35 % em relação a 1969 e de 130 % em relação a 1967. Mesmo sem avaliar o custo da colaboração dos órgãos estatísticos delegados e para as dezenas de milhares dos próprios inquiridos, pode-se concluir que com tais recursos terá que se conseguir melhor e mais pronta resposta às necessidades nacionais de informação estatística.»

Referiu o orador o plano de acção que se estabeleceu para o I. N. E. no presente ano e informou que «foi há semanas decidida a instalação de novo computador em substituição da pequena unidade de que o I. N. E. dispunha.»

Finalmente, foram nomeados vogais do Conselho Nacional de Estatística, que se compõe de 84 membros, os

srs. capitão-de-fragata Carlos de Oliveira e capitão-tenente António Mello (Departamento da Defesa Nacional); coronel Eduardo Augusto Ferreira de Almeida Freire (Ministério do Exército); dr. António Álvares Pereira Duarte Silva, Jacob Palma e dr. Osório de Castro (Companhia da Pesca e Conservas); e dr. Luís Eduardo Braga Borges de Castro (Companhia da Imprensa e Artes Gráficas).

Os efectivos da Marinha regulam por 20 mil homens e cerca de 200 unidades

— foi afirmado na posse

do chefe do Estado-Maior da Armada

«Não é cómodo, nas actuais circunstâncias, desempenhar as funções de chefe do Estado-Maior da Armada, as quais, pela nossa organização, correspondem, mais, a uma acção de comando superior do que a serviço de Estado-Maior.»

Pelo gradual desenvolvimento que tomou nos últimos anos, a Armada adquiriu novas dimensões que se traduzem por efectivos que regulam por 20 000 homens e por cerca de 200 unidades operacionais.

Não é de prever que haja paragem ou retrocesso nesta expansão.

Em todos os domínios, desde o político ao económico, a vida nacional está estreitamente ligada aos caminhos e aos recursos do mar. A geografia determinou para o nosso País um carácter

AMÁLIA CANTOU EM MILÃO

MILÃO, 20 — (A. N. L.) — Foi «vivíssimo» — segundo a crítica italiana — o êxito obtido a noite passada por Amália Rodrigues no Teatro Lírico de Milão, num «concerto único e extraordinário» integrado na série «Milano Aperta», que tem trazido a esta cidade os maiores nomes da música universal.

«A Itália» — diz a agência Ansa — «era até agora o único país europeu no qual Amália Rodrigues, conhecida em todo o mundo como sinónimo da música popular portuguesa e, em particular, do fado, ainda não dera um grande recital, com excepção da sua exibição de 1963, na cidade de Taormina, durante o festival «Canzoni nel Mondo». O êxito foi extraordinário».

A SESSÃO DE HOJE DA ASSEMBLEIA NACIONAL

(Continuação da pág. central)

rá o respeito que terão um pelo outro e mais relevante se mostrará a tarefa que a Assembleia Nacional incumbida de fiscalizar e apreciar a actuação política do poder executivo. Dentro destes parâmetros, não deixa de caber à Assembleia uma palavra relativa aos sucessos políticos verificados ao longo do interregno parlamentar e que culminaram com o anúncio da remodelação ministerial e a comunicação que, sobre o assunto, o Presidente do Conselho entendeu fazer ao País.

É este, fundamentalmente, o propósito da minha primeira intervenção nos trabalhos da presente legislatura.

«Dizia, há dias, o conhecido político francês Edgar Faure — a quem, aliás, a França, e julgo que o Ocidente, ficou a dever a mais ousada e notável reforma universitária dos tempos modernos — que, num mundo em plena mutação e movimento, o imobilismo é uma desordem». Com efeito, tenho por indiscutível que o primeiro dever de um governante é acompanhar par e passo, quando não ultrapassar, o ritmo de evolução que agita e em que se agita a sociedade hodierna, de forma a que o génio dos acontecimentos possa, também, sentir a força e a influência do génio dos homens.

«Acrece que, em política, imobilismo e tirania andam quase sempre de mãos dadas, tornando-se, por isso, indigna das responsabilidades do Poder uma equipa que prefira a facilidade do *for niente* às consequências e aos incómodos de uma actuação dinâmica e decidida; a irresponsabilidade lisonjeira do elogio sistemático ao risco da crítica construtiva; a nostalgia e o culto do passado em troca do receio de serem trilhados os promissores caminhos do futuro. Governar não é estar, mas agir e realizar. A proclamada facilidade de ser e continuar a ser governado só se torna legítima se o líder político revelar capacidade de actuação permanente e inovadora levando de vencida a força daninha da inércia, posta ao serviço da estabilidade e defesa dos interesses e a sua sombra constituídos e proliferados.

Proseguindo, afirmou o orador: «Para além das mil e uma opções que os responsáveis tomam, no dia-a-dia da labuta a que cada um se entrega, emergem do mar imenso e, por vezes, agitado em que navega o barco da governação pública, as orientações decisivas que ao principal responsável incumbem traçar com os olhos postos na defesa do interesse de todos quantos se abrigam à sombra da mesma bandeira. Morece, pois, uma significativa palavra de realce a reestruturação que o Presidente do Conselho entendeu dever dar ao Governo e a iniciativa, praticamente inédita, de expor ao País os motivos que o determinaram a promovê-la. O direito à informação por parte dos governados e o dever de

informar por banda dos governantes — tantas vezes apenas proclamados — foram, desta feita, oportunamente concretizados.

«O País gostou de ouvir as explicações que o Chefe do Governo entendeu prestar-lhe, aderiu às teses tão claramente expostas pelo Presidente do Conselho, compreendeu o passo em frente que se dava e, até, aceitou que não se houvesse ido tão longe quanto, porventura, alguns desejariam. Bom será que a iniciativa do prof. Marcello Caetano faça jurisprudência e venha a ser sempre aplicada em idênticas circunstâncias. No que peculiarmente respeita à nova estrutura do Governo, também é devida uma palavra de louvor pela coragem revelada pelo Presidente do Conselho, aceitando sacrificar alguns dos seus mais válidos colaboradores em benefício de uma mais harmónica coordenação entre os vários departamentos governamentais interdependentes, através da entrega, a um só responsável político, do comando de cada sector-chave da vida nacional.

«Julgo que a Câmara não regateará aplausos às intenções do Chefe do Governo, encontrando-se amplamente disposta a colaborar com entusiasmo e afinco, na dura prova de força política que representa o franquear desta nova e decisiva etapa. Desejo, ardentemente que o Governo realize, na prática e quantos antes, os propósitos e intenções manifestados pelo Presidente do Conselho, em rápido e eficiente ataque aos mais graves e complexos problemas que condicionam a vida portuguesa.

«Pela minha parte não regatearei os louvores que lhe venham a ser devidos, sem perda da independência que, respeitadora das linhas mestras que orientam a política nacional e que ao Chefe do Governo incumbem definir, não desistirei de se manifestar sempre que no pormenor das actuações haja lacunas a apontar e desvios perniciosos a corrigir.»

Elogio do presidente da Assembleia

A terminar, e dirigindo-se ao presidente da Câmara, disse o dr. Manuel Homem de Mello:

«Desejar a fechar com chave de ouro — e por isso deixei para o fim as palavras que a praxe vem colocando no início de uma primeira intervenção no limiar de cada Legislatura. Tive o privilégio de conhecer V. Ex.ª quando, pela vez primeira, ocupou um lugar neste hemisfélio.

«Algumas afinidades de espírito e sobretudo os muitos ensinamentos que de V. Ex.ª poderia colher, fizeram-me aproximar do deputado Amaral Neto, a ponto de entre nós se haver cimentado uma amizade que soube e pôde resistir à desconexão das linhas de actuação que, entretanto, cada um adoptou. V. Ex.ª conhece o estado de espírito em que me encontrava no momento em que tive ensejo de dar o meu voto para a sua eleição. Após o período de rodagem que o início deste segundo capítulo da nossa recente actividade encerra, posso afirmar a V. Ex.ª que já sinto orgulho no Presidente que, em boa hora, sobrenos escolher.»

A PRIMEIRA VISITA DO MINISTRO DA EDUCAÇÃO

(Continuação da pág. central)

tenho a certeza será satisfeito.

Enquanto outras medidas mais gerais se não concretizam, importa acompanhar e não perder «o supremo bem» da inteligência tão necessária às grandes realizações que se avizinham. E se há carências materiais muito maiores são as humanas.

O pedido é, pois, o de que todo o professor primário acompanhe e aponte ao Ministério da Educação os valores da capacidade excepcional espalhados por todas essas escolas!

Queremos que ocupem na sociedade o lugar que lhes compete e a que têm direito! Queremos continuar a construir Portugal com inteligência portuguesa!

Conselho de Ministros

Sob a presidência do sr. prof. Marcello Caetano, reuniu esta tarde, no Palácio de S. Bento, o Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos.

Em ODEMIRA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Augusto da Conceição Correia, Rua Alexandre Herculano, 16.

SETÚBAL



DR. LUÍS TEIXEIRA DE MACEDO E CASTRO

FALECEU

Confortado com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

Maria Cristina de Macedo e Castro Patrício Paul e seu marido Carlos Aníbal Patrício Paul, Jorge Fernando Castro Patrício Paul e sua mulher Teresa Maria Mendes Sousa Uva Patrício Paul, Maria Adelaide Castro Patrício Paul, Maria da Encarnação de Sousa Mira Macedo e Castro, filhas, genros e de mais família cumpram o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar à sua divina presença o seu muito querido pai, sogro, avô, cunhado, tio e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 10 horas, da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, para jazigo de família, no cemitério de Nossa Senhora da Piedade, em Setúbal.

Pelas 8.30 horas será rezada missa de corpo-presente na referida igreja.

A CARGO DA AG. ARMINDO
Telef. 23515 — Setúbal

TURISMO NA ILHA DO SAL

Foi hoje assinado no Ministério do Ultramar um contrato para o aproveitamento turístico da Ilha do Sal entre o Estado e uma sociedade de economia mista que se denominará DETOSAL — Sociedade para o Desenvolvimento Turístico da Ilha do Sal, S. A. R. L.

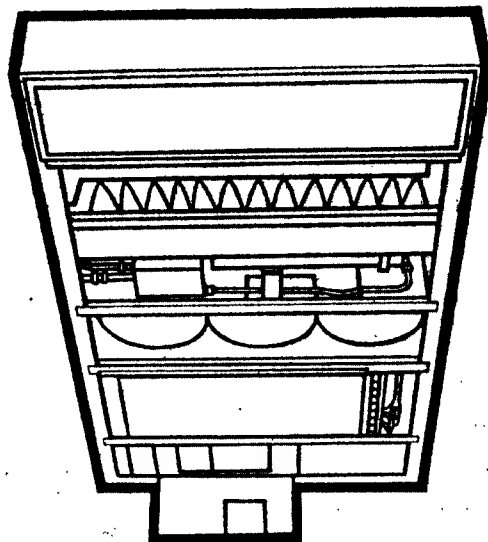
Em nome do Estado e em representação da província de Cabo Verde, outorgou o prof. dr. Silva Cunha, ministro do Ultramar, tendo assinado pela DETOSAL os srs. Georges Vynckier e o prof. Valter Darchambeau.

Assistiram à assinatura do contrato o subsecretário de Estado da Administração Ultramarina, comandante Sacramento Monteiro e o agente-geral do Ultramar, dr. Cunha Leão, tendo servido de notário o secretário-geral do Ministério dr. Cruz Alvura.

O objectivo da sociedade é criar naquela ilha um centro turístico internacional, residencial e médico. A sociedade a constituir terá sede na cidade da Praia, na Ilha de Santiago, e nela participará o Governo da Província com a maioria do capital social.

AUMENTAR A ESPERANÇA DE VIDA DO COMPUTADOR

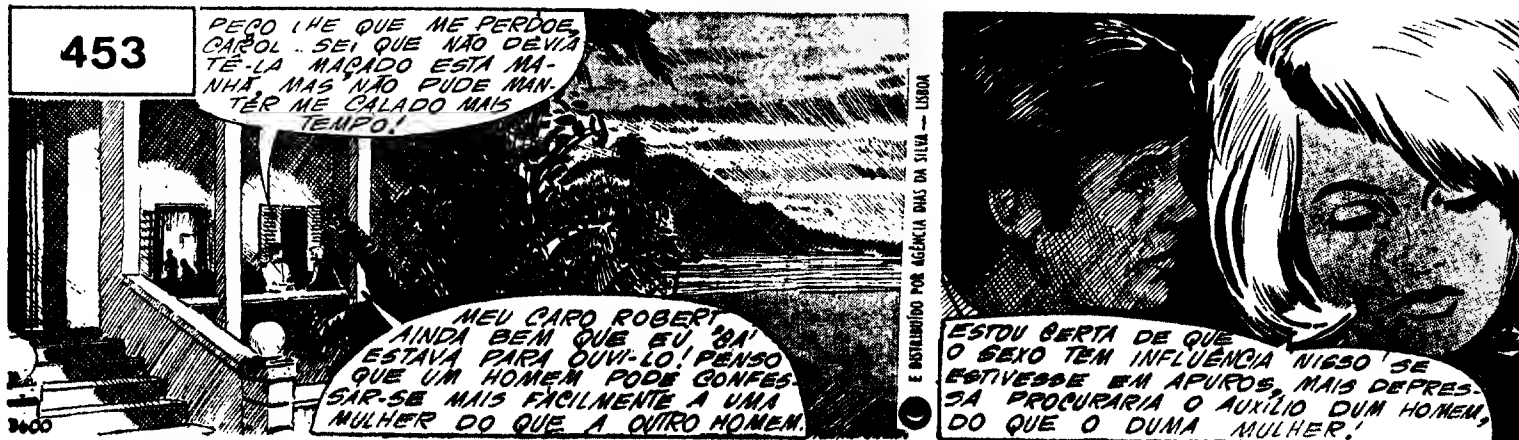
Um computador é um organismo sensível, exige um determinado meio ambiente para alcançar a máxima rentabilidade. Conhecendo esse facto, estudamos e produzimos um sistema modulado de climatização, o COMPUTAIRE MARK IV, que só permite alterações da ordem dos 0,5 centígrados e 5% de humidade, e reage em 15 segundos a qualquer mudança que ultrapasse os seus limites de tolerância. O nosso sistema prevendo todas as eventualidades mantém uma reserva que funciona imediatamente suprimindo as necessidades em ar condicionado e garantindo uma eficácia total. Como estudamos tudo o que é necessário para computadores também fornecemos os pavimentos flutuantes Dencofloor exigidos para essas salas. Em todo o mundo mais de 1500 unidades COMPUTAIRE climatizam salas de computadores. Em Portugal já equipámos a SOPONATA, SERTE, BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO, COMPANHIA DE SEGUROS COMÉRCIO E INDÚSTRIA e HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA.



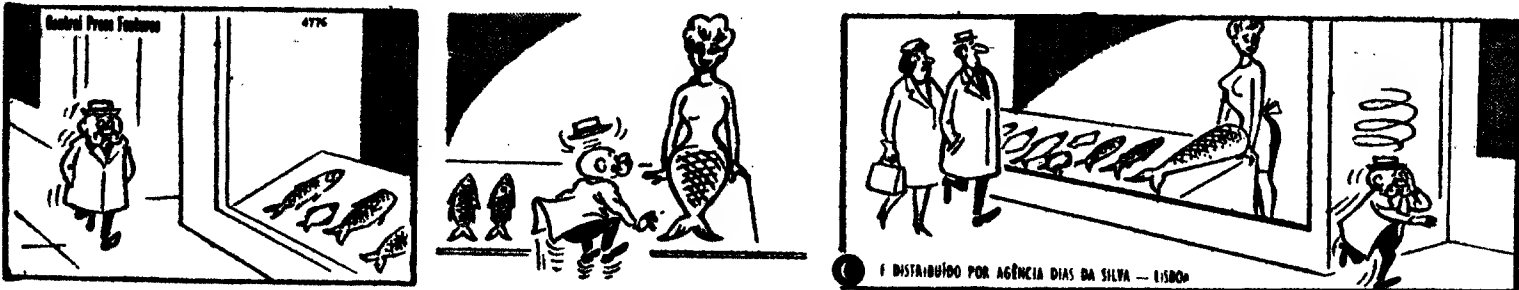
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

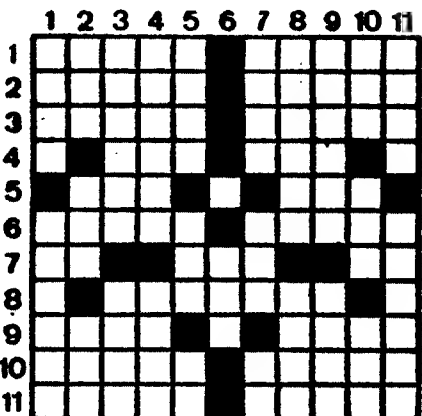
(COM PROVERBIO)
PROBLEMA N.º 5422

(NOVA MODALIDADE)
PROBLEMA N.º 9265

HORIZONTAIS: 1 — Não nascida. Mímo. 2 — Amofinar. Alegrias. 3 — Rotar. Cartas geográficas. 4 — Fluido aeriforme. Acrescente. Artigo definido. 5 — Rio da Escócia. Composição poética. 6 — Acabe. Lugar de contenda. 7 — Amórfo (s. q.). Estreito. Antes do meio-dia. 8 — O mesmo que empolpa. 9 — Lábios. Tombar. 10 — Imunido. Enchumaça. 11 — Móveis sobre os quais se come. Tribo indígena brasileira.

VERTICAIS: 1 — Apre! Combaleiam. 2 — Negativa. Possui. Olá. 3 — Aduzes em defesa. Povo da raça anã do continente negro hoje decadente e dispersa. 4 — Marcas o peso da tara sobre. Felicitaria. 5 — Lavras. O vencimento diário de um soldado (Inv.). Artigo definido. 6 — Uma das Cidades. 7 — Classe de tropa. Anvora com cuja casca se aromatiza o vinho. Nota musical. 8 — Abanação. Ave de rapina. 9 — Pessoa maldizente (Fig.). Cura. 10 — Distrito da Índia Portuguesa. Ela! O mesmo que engula. 11 — Serra de Portugal. Frutos do amarelo.

Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5421

HORIZONTAIS: 1 — Modos. Açorá. 2 — Alor. Alor. 3 — Carta. Avião. 4 — Murdos. 5 — Percomam. 6 — Tu. Ou. 7 — Apar. Gato. 8 — Amam. 9 — Única. Rele. 10 — Etra. Coca. 11 — Mostra. Grama.

VERTICAIS: 1 — Maçã. QUEM. 2 — Olá. Pua. Nio. 3 — DORME. Paire. 4 — Artun. Ancor. 5 — Ancaria. 6 — Jo. 7 — Adregat. 8 — Cayon. Anear. 9 — Alisa. Tasca. 10 — NAO. Moa. Tam. 11 — Anuá. PECA.

Provérbio: QUEM DORME NÃO PECA.

HORIZONTAIS: 1 — Região montanhosa do Saar, habitada pelos Tuaregues. Mapa. 2 — Enguer. Ninhos. 3 — Nome de flores. Tinges. 4 — Almoxar. Nome de jogo. Nota musical. 5 — Avaliou. Circ. da província da Guiné. 6 — Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontíficos de interesse para Portugal. Seguiu. 7 — Vinhação. Parte do eixo de uma planta que normalmente suporta as folhas. Ruim. 8 — Moço. 9 — Fluxão de humores. Plantas do pé. 10 — Serra de Portugal. Freguesia do concelho de Barcelos. 11 — Empregara. Litoral.

VERTICAIS: 1 — Espécie de andorinha. Cidade da Sulca. 2 — Acudir. Aqui. está. 3 — Fluido aeriforme. Aqui. Fortifica. 4 — Chanua. Roubar no japo (Fig.). 5 — Cortejara. 6 — Cidade da antiga Caldeia. 7 — Caravanas. 8 — Velha. Bradar. 9 — Trocar. Escarnece. Combina. 10 — Estrondeariam. Apelido. 11 — Queimati. Esmoça.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9264

HORIZONTAIS: 1 — Lá. Calde. Fr. 2 — Acuar. Olá. 3 — Passa. Mapar. 4 — Abati. Avana. 5 — Ras. Mat. 6 — Gas. Med. 7 — Am. Ana. 8 — Cl. Avila. Ao. 9 — Otite. Alder. 10 — Lata. Olá. 11 — Anara. Croas.

VERTICAIS: 1 — Lapos. Acolá. 2 — Acab. Gritar. 3 — Usaram. Ita. 4 — Castos. Alor. 5 — Anais. Ao. 6 — A. N. 1. 7 — Domam. Ala. 8 — Blavam. Alder. 9 — Acatem. Eró. 10 — Fior. Amaria. 11 — Raras. Maías.

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA ALUGAM-SE

Estabelecimento
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A.
R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

Em ALGÉS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na tabacaria do Café Caravela d'Ouro.

HORÁRIO DOS COMBOIOS ZONA CENTRO

Comunica-nos a C. P. que, por motivo dos trabalhos de renovação da via, haverá pequenas alterações no horário de alguns comboios em circulação na linha do Norte, entre Lisboa (Santa Apolónia) e Entroncamento, e em tranvias, entre Lisboa (Santa Apolónia) e Azambuja, a partir do dia 12 de Janeiro de 1970 e até aviso em contrário.

O pormenor destas alterações consta dos avisos afixados nas estações onde poderão ser consultados pelo público interessado.



PARTIDAS

DESTINOS

LINHA DE AFRICA

«INFANTE D. HENRIQUE»
a sair em 7 de Fevereiro às 12 horas

«BAILUNDO»
a sair em 14 de Fevereiro

«GANDA»
a sair em 23 de Fevereiro

Com escala por FUNCHAL para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega de 2 a 5 de Fevereiro.

Com escala por LEIXÕES, para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE e NACALA. Carrega de 8 a 12 de Fevereiro.

Com escala por LEIXÕES, para: CABINDA, SAZAIRE, (se necessário), LUANDA, PORTO AMBOM, NOVO REDONDO, LOBITO, MOÇAMÉDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carrega de 17 a 21 de Fevereiro.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA»
a sair em 9 de Fevereiro às 18 h.

Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, LA GUAIRA CURAÇAU e PORT EVERGLADES (MIAMI).

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telef. 36 96 21/3
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 2 33 42

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 20 de Janeiro de 1940 publicava:

O «Petit Journal» escreve:

«Os receios são idênticos nos Balcans como na Escandinávia, acrescentando que no Sudeste europeu as preocupações são ainda maiores devido ao anunciado acordo germano-russo pelo qual os soviéticos cederiam ao Reich a região petrolífera de Lwow. Para salvaguardar a paz nesta parte da Europa é preciso que as divergências entre os países balcânicos terminem. A Turquia confirma os seus esforços, nesse sentido, com a Itália».

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Admissão de ajudantes de enfermaria

Nos Hospitais Cívicos de Lisboa, Secção de Pessoal (Hospital de S. José) aceitam-se inscrições para a admissão de ajudantes de enfermaria, durante o prazo de 15 dias, nas seguintes condições:

HABILITAÇÕES: 1.º ciclo liceal ou equivalente;
IDADE: entre 18 a 30 anos;
REMUNERAÇÃO MENSAL: 2000\$000;

REGIME DE TRABALHO: Prestação de serviços, com 8 horas diárias, sujeitos a escala;
REGALIAS: Alimentação gratuita durante os períodos de trabalho;

INGRESSO NO QUADRO: Obrigatoriedade de frequência do curso de auxiliares de enfermagem, findos dois anos pelo menos de prática como ajudante de enfermaria;

TREINO PROFISSIONAL: Aprovação em curso de quatro semanas, técnico e prático a ministrar nestes Hospitais, como cuja frequência não será remunerada.

A estes lugares poderão candidatar-se indivíduos de ambos os sexos, e ainda alunos das escolas de enfermagem que por qualquer motivo não tenham obtido aproveitamento.

A BEM DA NAÇÃO
O ADMINISTRADOR GERAL

AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR AUTO ESTRELA

Os melhores preços
Av. João Crisóstomo, 65-A
Telefs. 534331 - 561394
LISBOA

Alves Redol na Tauromaquia

«Sou ribatejano. Brinquei aos toiros quando era menino. Fui cavaleiro por causa de um casaco de veludo lavrado, que minha mãe me fez. Nenhum outro rapaz da minha rua se parecia assim tanto com um cavaleiro. Escarranchava-me num pau com uma cabeça de cavalo enfiada na ponta, fazia as cortesias com grande dignidade e arranhei certa arte, e algum desembaraço, a cravar farpas em canastras de sardínhas, empunhadas por rapazes varinos que não poupavam colhidas a quem os defrontasse. Mais tarde, desci um escalão da gente toureira, passando a moço de forcados. Fui homem da unha, como se dizia na minha terra. E famoso.»

Isto escreveu Alves Redol, que um dia encontrá-mos em Sevilha, na Feira de Abril.

«— Pois estou aqui, em Sevilha, por causa de um toureiro que é de Vila Franca e se chama José Júlio. José Júlio Venâncio Antunes, sobrinho-neto daquele Venâncio que pegou toiros, e filho de Júlio Antunes, um dez-réis de gente em cujo corpo não cabia toda a sua coragem, e que foi bandarilheiro. A história do matador não vem agora para aqui. É uma história longa, de treinos e touradas clandestinas, antes da nossa família saber das ganas e das bonitezas do rapaz para a arte. «Fico cá fora com os pobres que não têm pesetas

para ir aos toiros, e os vendedores de tudo que por ali aparecem. Hoje não sou um aficionado. Venho ouvir uma corrida de toiros com Manolo Vazquez, António Ordoñez e José Júlio. O sol afogou tudo. O relógio move-se nas cinco e meia da tarde, e ele está no pátio das quadrilhas, de boca um tanto seca, com os seus olhos verdes um pouco velados pelas responsabilidades da competição. Saem com ele dois dos maiores «maestros» de Espanha.

«Estranha coisa esta — ouvir e seguir uma corrida de toiros pela música, pelos aplausos, pelos apupos e pelo relógio. Sei que lá dentro não podia ficar sentido; as emoções sacodem-me quando o vejo, e movo-me, e falo — sei lá o que digo quando o vejo entrar e quedar-se em terrenos que me alarmam! A banda começa uma marcha garrida, e lá caminha ele, de cabeça erguida, sorriso aberto e corpo dominado, a pisar a areia doirada da Maestranza. Vem de azul-celeste e oiro, o traje novo que vi há dois dias no Manfredi, e traz sobre o ombro esquerdo, cingido ao busto, o capote de passeio azul-petróleo que Vila Franca lhe ofereceu. A praça rasga-se de aplausos quando irrompe aquele luzelro de estrelas e de flores. É uma tourada de Primavera na Cidade da Graça. Toiros de Cobaleda. Que teria dado o sorteio dos toiros?

«Apagam-se os aplausos e a música. Fica um burburinho indefinido. Os clarins soam, e os três matadores estão com os olhos na porta grande do curral. Por cima, o peso do toiro que vai sair — quase quinhentos quilos. Pelas minhas contas faltam cerca de três quartos de hora para o seu primeiro. Não, não me aguento aqui esse tempo todo. Atravesso a avenida e vou debruçar-me sobre o Guadalquivir. Parece um lago morto. Lembro-me de Lorca:

«Un bello niño de junco, anchos hombros, fino talle, piel de nocturna manzana, boca triste y ojos grandes, nervos de plata caliente...»

«Talvez agora tenha aberto o seu capote de percal para um quite. Preciso de me esquecer por mais três quartos de hora, e sigo pela margem do rio. A cantar, passa um grupo de raparigas. Vão todas de «flamencos», a replicar castanholas, recordando coplas da Virgen del Rocío:

«La Virgen del Rocío se queda sola; Reina de estas marismas donde es Pastora.»

«Sei que a corrida de hoje é importante para ele. Já cansei o relógio de o mirar. Volto. Estou já no mesmo sítio. Recebo o rasgão do clarim a meio do peito, um pouco sobre o lado esquerdo, e dói-me o braço. A mão pesa-me. É por isso que não estou lá dentro. Há um uivar de vozes. A praça anima-se, deve ser com ele, só pode ser com ele, e os cigarros queimam-se nas minhas mãos. Novo burburinho. E depois o clarim toca para mudarem de tercio. Lá vão os dois picadores, lentos e desconfiados, a caminho da porta que se abriu. O Zé agarrou num par de bandarilhas. Pôs-se a ver-lhe os bicos. Sevilha sabe como ele bandarilha, já o viu, já lhe deu triunfos, e pede música. Música, então a música? José Júlio está a mostrar-se ao toiro, para que o veja bem; pula-lhe de longe, de braços erguidos, bem levantados, e aí vem ele, lento, um passo e outro passo. O toiro baixa a cabeça, e ele alegra-o com a voz e com o corpo. Agora, é agora. Correm um para o outro, e depois só oíço um rugido da multidão, logo seguido de palmas quentes, que saem em cogumelo da concha da praça. Aí está o homem! Não tenho tempo para imaginar o seguinte porque os aplausos caem-me em cima.

«Uma sereta afrita fura por entre o burburinho. Gente que corre. Instintivamente, corro também. Que foi? Então, que foi?... Não me percebem. Os espanhóis têm orelhas moucas para outras vozes, e eu sou um forasteiro com ar de poucas pesetas. Percebe-se com facilidade.



«Fui homem da unha»

— Si, José Júlio, el português... Herido!

Falam uns com os outros e eu interrogo-os outra vez: — Ferido, como? Não pode ser. — Ando por ali atordado. Levaram o meu toureiro para uma casa de saúde, é o que me dizem.

«Cheguei à noite à cabeceira da sua cama. — Então — perguntei-lhe. Responde-me com uma sombra nos olhos verdoengos.»

Isto escreveu Alves Redol, que, também, com uma sombra nos olhos, respondeu ao cronista admirador, que no Hospital de Santa Maria lhe perguntou o que tinha:

— Nada. uma cornada. EL T. P.

LIVROS NOVOS

«LISBOA, CIDADE MÁRTIR» — por Ferreira de Andrade

Ferreira de Andrade, amável cronista e atento historiador da cidade, que muito lhe deve, publicou mais um valioso e sugestivo volume, o segundo da série «Crónicas Alfacinhas», intitulado «Lisboa, Cidade Mártir».

Escrevendo com brilho, no seu expressivo e elegante estilo, não só nos prende a narrativa, como se nos torna de grande proveito a leitura deste trabalho evocador, onde Ferreira de Andrade pugna galhardamente, com vibrante entusiasmo e caloroso interesse, pela conservação das expressões válidas que definem uma cidade nas suas características inconfundíveis, rebelando-se contra atentados que a vão desfiteando, tornando-a insípida, vulgar, alijando na banalidade confrangedora das urbes niveladas na uniformidade que despersonaliza. Escreve o brilhante cronista:

«Há poucas décadas ainda — é de todos sabido —, alguns dos arruamentos da capital foram traçados por determinado vereador com a ponteira da sua bengala... e bairros surgiram, aqui e ali, num sentido errado, ilógico em desobediência às directrizes que a linha do Tejo impunha.

«Durante a última centu-

ria, improvisados mestres-de-obras deturpavam Lisboa, estragaram-na, enguendo em farras as suas fachadas. A cidade ressentiu-se mais ainda; suas «faces» enrugadas dos séculos beneficiavam, no entanto, das chapadas de cal a que o sol dava tonalidades opalinas. Passou depois a embonecar-se, a pintar-se de cores berrantes, a imitar os «chalets» nórdicos, os «caleijões normandos» e a enfeitar-se de um manufatino pobre e envergonhado de si próprio. Seu «facies» mudou, aclimatou-se forçadamente, salpicada de prémios Valtor, de cantarias inverosímeis. E cresce de veemência o depoimento, em brado de revolta do escritor conta o que os desmandos dos homens, talvez mais, em certos casos, do que os cataclismos, têm feito de mal à cidade.

O livro, em cuidada apresentação da Editorial de Publicações Turísticas, inclui os seguintes capítulos, cujo enunciado basta para lhe acentuar o interesse: «Lisboa — cidade mártir», «A origem do fado e a Severa», «Lisboa das nave cheias de glória», «Um prédio histórico em Lisboa» e «Breve história do carnaval lisboeta». E quando nos dá Ferreira de Andrade a grande e justa antologia de Lisboa, através dos seus poetas e dos seus apaixonados cronistas?

VENDEM-SE

APARTAMENTOS NO CENTRO DE CASCAIS
(JUNTO DAS PRAIAS E ESTAÇÃO DE C. DE FERRO)

Óptimos acabamentos
e grandes facilidades de pagamento.
Com extraordinária vista de mar.

PROP. JOAQUIM BARAONA

Estrada Marginal, Lote JME-2.º C

Telefs.: 282345 - 282388

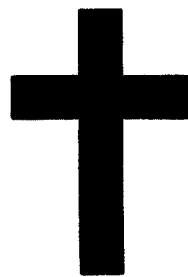
CASCAIS



Comendador Augusto Rodrigues

MISSA DO 30.º DIA

Sua família participa que amanhã, dia 21, às 11 horas, manda celebrar missa pelo seu eterno descanso na Igreja de Nossa Senhora do Loreto (Igreja dos Italianos), ao Chiado. Agradecem desde já a todos quantos se dignem a assistir a este piedoso acto.



Comendador Augusto Rodrigues

MISSA DO 30.º DIA

ESTABELECIMENTOS RODRIGUES & RODRIGUES, S. A. R. L., participam que amanhã, dia 21, às 11 horas, mandam celebrar missa pelo eterno descanso do que foi seu saudoso presidente do Conselho de Administração, na Igreja de Nossa Senhora do Loreto (Igreja dos Italianos), ao Chiado. Agradecem desde já a todos quantos se dignem a assistir a este piedoso acto.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

NOITE DE CINEMA:

«A MINHA AMIGA IRMA»

Pelas 22 horas é exibido o filme de longa metragem «A Minha Amiga Irma», incluído na rubrica «Noite de Cinema».

A exibição de «A Minha Amiga Irma» tem para o público e para o cinéfilo, em especial, um grande interesse: Trata-se do primeiro filme em que aparece Jerry Lewis, o autor e actor que, no moderno cinema americano, é o único herdeiro da farsa burlesca doutros tempos. Jerry estreou-se neste filme, em 1949, depois de breve carreira como cantor e animador de rádio e «music-hall». Veio para o cinema, com tantos outros, pelas mãos do produtor Hall Wallis, que

se lembrou de formar a parilha Dean Martin - Jerry Lewis, o sério e o desastrado.

«A Minha Amiga Irma», tem ainda a marca da série radiofónica com o mesmo nome, escrita por Cy Howard, e Jerry Lewis não faz uma aparição espectacular, embora se distinga já do parceiro.

George Marshall, o veterano director, reacriu a fita com cautela, medindo bem os efeitos, como que a avaliar as possibilidades do estreado. A verdadeira coisa nova que nela surge aliás, é um actor chamado Joseph Leulich, grande entre os grandes sob o nome de Jerry Lewis.



JOSEPH LEULICH, grande actor entre os grandes sob o nome de JERRY LEWIS

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — As 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Série Juvenil; 20 e 10: Tempo Internacional; 20 e 45: TV Jazz; 21 e 30: Telejornal; 22 e 05: Noite de Cinema «A minha amiga Irma»; 23 e 50: Marcha do Mundo; 0: Meditação e Fecho.

II Programa — As 21 e 30: Telejornal; 22: Série de Aventuras «O Barão»; 22 e 50: Paisagem galega (Documentário); 23 e 10: Convergência; 23 e 30: Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — I Programa — As 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: TV Infantil; 20 e 05: Conheça o Portugal desconhecido; 20 e 25: No Mundo da Arte — Roger Bissière; 20 e 50: Olho Vivo; 21 e 30: Telejornal; 22: Panorama do Teatro Português — «O Auto de Santo Aleixo»; 23 e 10: Concerto pelo Quarteto de Praga; 23 e 30: Marcha do Mundo; 23 e 40: Fecho.

II Programa — As 21 e 30: Telejornal; 22: Imagens da Poesia Europeia; 22 e 25: «O Maioral»; 23 e 30: Fecho.

TUDOR

pilhas para força motriz

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — As 16: Notícias; 16 e 05: Canções, por Massiel; 16 e 15: Tradições, Costumes e Turismo dos Açores, pelo dr. Carneiro da Costa; «Balanço das actividades históricas, científicas, artísticas, folclóricas e turísticas nos Açores em 1969»; 16 e 30: Rádio Musical Portuguesa; 17: Ginástica de Pausa, pelo Dr. Marques Pereira; 18 e 10: As Grandes Figuras do Mundo Português, pelo dr. Caldeira Pais; 18 e 40: Conjuntos Instrumentais; 19 e 45: Rádio Rural — Música, só música; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Um solista... Uma Orquestra; 20 e 40: 17.º episódio do folhetim «Roca»; 21 e 05: Canções Portuguesas; 21 e 30: Música ligeira; 21 e 40: Tempo de Jazz, por Raul Calado; 22 e 10: Espectáculo, magazine de teatro, cinema e bailado; 22 e 30: Fados, por Américo Lima; 22 e 50: Música, só música; 23 e 05: Programa da noite; 24: Fecho.

2.º Programa — 391 m — 155 kc/s. — As 16 e 25: «Quadros de uma exposição» — Suite Sinfónica, de Mussorgsky, pela Orq. Fil. de Haia, sob a dir. de Willem Van Otterloo; 17: Discos Raros — interpretações do barítono Lawrence Tibbett; 17 e 30: Perspectiva da obra de Ricard Strauss; 18 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil); 19: Horizonte Literário, por Amândio César e Mário Antório; 19 e 15: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 19 e 35: Música de câmara; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Le Strache, de Pagano, pelo violinista Salvatore Accardo; 20 e 30: Quatro peças Sacras (Verdi), comentários de Maria Helena de Freitas; 22 e 58: Fecho.

Programa MF 2 — 94,3 mc/s. — As 23: Música Portuguesa (Obras para Bailado); 24: Três Canções de Madecasses, de Ravel, meio-soprano Christa Ludwig; piano Geoffrey Parsons; flauta Douglas Whittaker; violoncelo Amariyllis Fleming; 0 e 15: A sonata de Beethoven; Sonata n.º 5, op. 10 n.º 1, em dó menor, pelo pianista Claudio Arrau; Sonata n.º 6, op. 6 n.º 2, em fá maior, pelo

mesmo artista; 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s. — As 19 e 10: Abertura; 19 e 15: A Universidade e o Desporto; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — As 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento Textel; 18 e 30: Lisboa 6 tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: Musicalmente quase tudo; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Eles cantam para si; 21 e 03: Terça-feira à noite; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Música tradicional e palestra religiosa; 23 e 32: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s. — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa-noite em FM; 22 e 02: Programa 66-66; 0 e 02: Em órbita-2; 1 e 03: Banda Sonora; 2: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA — 283,2 m — 1286 kc/s. — As 16: Radiograma; 18 e 05: Claque; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditação; 21: Aguarela Mexicana; 21 e 15: Melodias da Itália; 21 e 30: Fados na noite; 21 e 45: Santa Salomé; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Penúltimo; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s. — As 16: Radiograma; 18 e 30: Terço do Basílico dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditação; 21: Mosquito; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: Auditório; 23: A 28.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 às 8 e das 19 e 18 às 22: **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 às 14 e 30 e das 17 às 19 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 8 às 10 e das 14 e 30 às 17; **Rádio Graça** — Das 10 às 12 e das 22 às ?

POSTA-RESTANTE

Z. P. — Porto — Aqui tem as três receitas de M. L. Modesto apresentadas no seu ultimo programa.

Arroz à Creoula

Lave o arroz, escorra-o e enxugue-o.

Leve ao lume num recipiente com água abundante temperada com sal. Quando a água ferver em cachão junte o arroz. Quando retornar a ebulição deixe cozer, sempre com o lume forte durante 12 minutos. Verifique a cozedura do arroz decontados 10 minutos.

Quando o arroz estiver cozido mas ainda nio, retire-o do lume e passe-o imediatamente por água fria corrente até arrefecer. Escorra-o e coloque-o num tabuleiro previamente untado.

Espalhe sobre o arroz mo-zinhos de manteiga ou de margarina, um pouco de sal fino e leve ao forno, mexendo com um garfo de vez em quando.

Arroz à Oriental ou Pilaf

Pique 1 cebola e coza-a em 2 colheres bem cheias de

manteiga ou de margarina. Junte o arroz bem lavado e escorrido e deixe o arroz absorver toda a gordura.

Regue com água ou caldo a ferver tendo o liquido o volume de duas vezes o do arroz antes de lavar.

Deixe levantar fumaça e deixe acabar de cozer com o lume brando ou no forno (aproximadamente 20 minutos).

NOTA: Para exemplificação, á receita anterior juntei 50 g de amêndoas e 50 g de corintos á gordura onde fritei a cebola. Depois de ter adicionado o caldo juntei 1/2 galinha cozida e desfiada.

J. C. — Lisboa — Concor-damos consigo, o quadro de locutoras da R. T. P. necessita urgentemente de renovação.

T. L. M. — Lisboa — No Luminar tenta-se realizar um programa com Francisco José. Embora ultrapassado, será sempre curioso, atendendo ás inesquecíveis condições...

GENTLE BEN

A independência do urso

«Mark quer tornar-se independente, mas os resultados não são famosos...»

Este é o resumo do episódio «A Independência do Urso» da série «Gentle Ben» a transmitir-se cerca das 19 e 45, com Dennis Weaver, Clint Howard e Beth Brackell. Realização de Gerd Oswald.

II PROGRAMA

«O Barão», «Carta de Espanha», e «Convergência»

Pelas 22 horas repete-se mais um episódio movimentado da série «O Barão» que se vê envolvido numa aventura, em companhia da sua secretária e assistente, Cordélia, num país da Cortina de Ferro. Steve Forrest, Sue Lloyd, Duck Godfrey e Catharina Blake são os intérpretes principais.

Segue-se, cerca das 22 e 45, a «Carta de Espanha» sobre a «Paisagem Galega». A terminar será repetido o último programa «Convergência» que a rede nacional estreou no passado dia 18-12-69.

ESTUDANTES!

3.º CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO

CISNE

RECEPÇÃO: ATÉ 31 MARÇO 70

canal da crítica

AMAR SÓ POR AMAR, JOGAR SÓ POR GOSTAR

Acabou o curso de maravilha em cinema miniatrado em sete semanas por Norman McLaren, vindo até nós pela mão de Baptista Rosa. Ao fim do serão localizou-se a audição das «Bodas», de Stravinsky, apresentadas por João de Freitas Branco numa intranquilidade de voz que lhe não é habitual, com o senão de se dirigir á plateia do cinema esquecido de outra plateia mais vasta e porventura mais carecida dele que era a da Televisão.

Com os Trovadores, «Imagens da Poesia Europeia» parece, enfim, entrar no «nosso» tempo. Mas ontem foi sómente a introdução.

A memória recupera ainda, da emissão de ontem, o «Momento Desportivo» com reportagem filmada do campeonato de bilhar, com entrevistas de Caló, «jogador imprescindível do Sporting» (e a quem Rui Romano agradeceu as opiniões...). Borges Araújo, «técnico da organização cien-

tífica do trabalho», encarregado pelo Rundo de Fomento Desportivo de apoiar as diversas associações e federações desportivas a quem a debilidade dos rendimentos não permite vida e organização autónomas. Vamos passar, sem paragem, pela sua afirmação segundo a qual «o homem é, por natureza, um animal de hábitos...» para nos fixarmos na conversa difícil que Rui Romano manteve com Madalena Canha, jogado-

ra da equipa do Benfica que derrotou uma equipa austriaca.

Desta conversa ficou a estranha opinião da jogadora a propósito do próximo jogo com uma equipa checoslovaca. Venceu a, praticamente impossível vitória, tal a diferença de categoria. Sugeria que não se efectuasse o jogo e se aplicasse o dinheiro na organização de jogos contra equipas com as quais as portuguesas se pudessem bater: Espanha, Suíça, etc. Mas logo acrescenta que no ano passado aprenderam muito no contacto com outra equipa checoslovaca que, inclusivamente, lhes proporcionou dois treinos em conjunto.

Mas então,

a) a obrigação de quem

(Continua na pág. seguinte)

CONVOCATÓRIA

Nos termos do art.º 26 do Estatuto, convoco a Assembleia Geral Extraordinária da MATUR. Sociedade de Empreendimentos Turísticos da Madeira, S.A.R.L., para reunir, na sede social, na Avenida Infante Santo, n.º 66-F, em Lisboa, no próximo dia 6 de Fevereiro, pelas 18.30 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1) Deliberar sobre a participação da Sociedade na constituição de uma sociedade anónima, para construção e exploração do Hotel do Empreendimento.
- 2) Autorizar o Conselho de Administração a vender á sociedade a constituir o lote de terreno em que vai ser construído o Hotel do Empreendimento.
- 3) Proceder á eleição de um administrador para um lugar vago no Conselho de Administração.

Lisboa, 19 de Janeiro de 1970.

O Presidente da mesa da Assembleia Geral
(Luís Alberto de Carvalho Fernandes)

Compre a melhor vista de mar

Comprando APARTAMENTOS MOBILADOS ou moradias a J. PIMENTA, S. A. R. L. em Cascais (Pampilheira)

A 1000 metros da praia e caminho-de-ferro, mercê duma situação privilegiada desfrutará duma vista panorâmica sobre o mar e Serra de Sintra.
Rendimento de 6 a 10 % garantido por escritura pública, durante 6 a até 18 anos, à escolha do cliente.

Visite o apartamento-tipo em exposição na Rua Regimento Infanteria, 19, n.º 30, em Cascais

J. PIMENTA, S. A. R. L.

LISBOA — Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telef. 458 43 e 478 43
QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

ignora, não é aprender, com quem melhor sabe?

b) Quem melhor sabe não são as checoslovacas?

c) O melhor, não será, portanto, contactar com as equipas checoslovacas?

Admitia-se que Madalena Canha pusesse o problema de aprender antes de competir. Pelo contrário: parece que é a urgência de competir que, para aquela jogadora, está em causa.

Aprender, conviver, amar e desporto só por amar, como uma manifestação do prazer de viver, desenvolver as condições da prática efectiva do desporto — esse deve ser o nosso grande objectivo, em relação ao voleibol ou a qualquer outra modalidade desportiva — com exclusão, é evidente, do jogo de paleio, pois nesse somos mestres incontestados.

O programa da televisão de ontem ficou assinalado com o último episódio do «Jogo da Verdade».

O JOGO DA VERDADE

Conta Ray Bradbury numa «ensa-redonda» de escritores para televisão organizada por «Television Quarterly»:

«Há tempos perguntei a um condutor do táxi que tomara se ele tinha visto ultimamente alguma coisa de feito na TV. «Do que eu verdadeiramente gosto é da «Zona do Crepúsculo». Quis saber porque. «Porque quando acaba, nos obriga a pensar.»

Foi isso mesmo que desejei para «O Jogo da Verdade», que nos obrigasse a pensar. Em certa medida, conseguiu-o: (que nos obrigasse, não. Não era isso o que eu queria escrever. Mortinhos por pensar estamos nós. O por pensar estamos nós.

Conseguiu-o em certa medida. Aquele apelo à autenticidade; a recusa do ópio de não analisar; a crítica à fuga da realidade; a impugna-

ção dos nossos pais (dos nossos maiores); a necessidade de, historicamente, nos criticarmos, para nos conhecermos — tudo isso lá estava, embora quase enterrado, perdido no labirinto das palavras, nem sempre valiosas.

Acredito que muitos telespectadores tenham assistido com prazer ao «Jogo da Verdade». No entanto, acredito que tivesse faltado um ingrediente essencial. Digamos que faltou imaginação. História, romance. Falta o enredo que serve de tronco, de suporte à hera das várias intenções. O «Jogo da Verdade» foi capaz de ensinar, mas não foi capaz de entreter. O que é a negação dos fundamentos de qualquer jogo. E ainda, com mais razão, o da verdade.

Escrevi há anos, o folhetim de Costa Ferreira aparece-nos envelhecido como texto de televisão. O autor de «O Jogo

da Verdade» não é um «jongleur» de futilidades ou de aldrabices. O seu nome figura, sem dúvida, na lista dos artistas que, em Portugal, podem ser úteis à televisão.

O último episódio não modificou substancialmente as nossas posições frente aos actores participantes: Eunice Muñoz nada acrescentou à sua glória; Síndie Filipe foi, para muitos, uma revelação. Em breves apontamentos, ontem, tivemos Júlia Muñoz e Rui Furtado, este a lutar pela naturalidade, aquela a não saber resolver a construção da sua figura.

A realização de Oliveira Costa não se despediu em beleza. Mas dois ou três episódios bastam para deixar boa recordação. Esqueçamos ontem...

MÁRIO CASTRIM

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DO PORTO 3.º JUÍZO ANÚNCIO

Faz-se saber que por este Tribunal do 3.º Juízo Cível da comarca do Porto e 3.ª Secção, correm editos de 20 dias, contados da 2.ª e última publicação do presente anúncio, citando os credores desconhecidos da executada Correia & Alferes, Ld.ª, sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com estabelecimento e sede na Rua dos Bombeiros Voluntários, n.º 1 à Cova da Piedade, em Almada, na execução sumária de sentença que lhe move Gomes, Santos & Gonçalves, Ld.ª, com sede em Vila Nova de Gaia, desta comarca, para no prazo de dez dias posterior ao dos editos, virem à execução deduzir os seus direitos.

Porto, 10 de Janeiro de 1970.
O Juiz de Direito,
Joaquim José Brenha Ordonhas
O escrivão,
Júlio Rodrigues

OFERTA DO MÊS DE JANEIRO

LIVROS POR PREÇOS EXCEPCIONAIS

De Alexandre Dumas: O Cavaleiro da Casa Encarnada — 2 vol.; de A. Machard: Pimpim e Ninette — 1 vol.; de Concha Beccerra: Como os Homens nos Querem — 1 vol.; Une-nos o Medo — 1 vol.; A Nova Iorque por um Andar — 1 vol.; de E. Landouette: O Máscara de Ferro — 3 vols.; de Fernandez e Gonzalez: D. João Tenório — 3 vols.; de Goethe: Werther — 1 vol.; e H. S. Keeler: O Mistério das Pernas Trocadas — 1 vol.; Mistério do Despertador — 1 vol.; O Estranho Caso dos Três Calvíos — 1 vol.; O Enigma da Praça Washington — 1 vol.; O Crânio do Palhaço Bailarino — 1 vol.; O Caso do Relógio que Ladra — 1 vol.; de Henry Dutton: Mais uma Libra menos um Homem — 1 vol.; de Luisa Linares: O Meu inimigo e Eu — 1 vol.; Salomé a Magnífica — 1 vol.; Um Marido a Preço Fixo — 1 vol.; Adoro-te mas nem sempre — 1 vol.; Meu Noivo o Imperador — 1 vol.; Eu sou a outra Mulher — 1 vol.; de Mary Love: O Caminho da Alma — 1 vol.; Colegiad — 1 vol.; de Perez Escribá: O Amor dos Amores — 1 vol.; O Inferno dos Ciúmes — 1 vol.; Ponson du Terrail: Dragone e Mignonne — 1 vol.; de Paul Féval (Filho): Os Herdeiros de Lagardère: O filho de Lagardère — 2 vols.; de P. Souvestre e M. Allain: O Enforcado de Londres — 1 vol.; A Filha de Fantomas — 1 vol.; O Fiador da Morte — 1 vol.; O Rei dos Ladrões — 1 vol.; de S. Miller: Cruzando o Mar Vermelho — 1 vol.; Cavalcada no Deserto — 1 vol.; Coleção Heróis e Aventuras: Tarzan e a Escrava — 1 vol.; Moby Dick, A Baleia Branca — 1 vol.; Moby Dick, A Vingança do Capitão Ahab — 1 vol.; O Último Mohicano — 1 vol.; Os Capadores da Meia-Noite — 1 vol.

Pode receber em sua casa, sem mais despesas, todas as obras acima indicadas, ou somente as que desejar, remetendo-nos para cada volume \$500. As importâncias podem ser-nos enviadas em cheque, vale do correio, notas ou selos do correio.

Pedidos à

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO
Rua Alberto Aires de Gouveia, 27
PORTO

Comunicado das forças armadas em Moçambique

LOURENÇO MARQUES, 20 — (A.N.I.) — Foi distribuído o comunicado do Comandante-Chefe das Forças Armadas em Moçambique, referente ao mês de Dezembro de 1969, cujo teor é o seguinte:

«A ausência de agressividade do inimigo, já anteriormente assinalada, continuou a verificar-se ao longo do período. Com efeito, a sua actividade processou-se nos moldes habituais procurando interdizer, com o emprego de minas e engenhos explosivos, os nossos movimentos nos itinerários das áreas do Norte da província e capturar população ou obter pela força o apoio de populações aldeadas.

Por outro lado, as nossas forças armadas continuaram a desenvolver uma sistemática actividade em intensas e prolongadas acções que visam, não só a destruição de elementos armados, como a manutenção de uma instabilidade e insegurança, cujos resultados se vêm acentuando no desequilíbrio psicológico manifestado nos militantes e populações por eles pressionadas.

Em consequência, refere-se ainda que, feito o balanço mensal, a actividade inimiga registada, acusa uma baixa sensível em relação ao mês anterior, podendo afirmar-se que foi um dos valores mais baixos do segundo semestre.

Os resultados globais obtidos durante o período em consequência da actividade das nossas forças, foram os seguintes:

Capturadas 41 armas, muitas minas, armadilhas e granadas de diversos tipos e

apreciável quantidade de munições. Como sempre se tem verificado, todo este material é de origem comunista.

Foram abatidos 26 terroristas.

Foram destruídos sete locais de refúgio de grupos inimigos, nos quais se incluem 2 acampamentos de assinalada importância.

Durante o período, apresentaram-se às autoridades 839 elementos da população e, em resultado da actividade operacional, conseguiu-se a recuperação de 90 elementos, perfazendo-se assim, um total de 929 pessoas cuja vida voltou à normalidade.

As nossas forças sofreram 6 mortos em combate. Os respectivos elementos de identificação foram oportunamente divulgados pelos órgãos de informação pública.

No distrito do Niassa a actividade do inimigo foi pouco significativa e limitou-se a reacções à actividade das nossas forças na região de Serra Jeci. A despeito da melhoria das suas condições de defesa e de reacção, as populações continuaram a ser um dos objectivos preferidos pelos bandoleiros. No período, saíram-se duas acções de rapto na região de Camina Dias.

A intensa actividade das nossas tropas proporcionou de novo alguns bons resultados, nomeadamente nas operações «Ultrapassagem», «Ferrete» e «Farolim».

No distrito de Cabo Delgado, a actividade inimiga foi de nível equivalente à do período anterior. As acções do inimigo verificaram-se, na sua maioria, no planalto de Mueda e consistiram, principalmente, no emprego de minas e armadilhas, evidenciando uma ausência de agressividade já anteriormente assinalada.

Por parte das nossas tro-

pas, merecem ser salientadas, pelos resultados, a que conduziram, as operações «Tigre 3», «Eva 3» e «Bicudas».

No distrito de Fete, a actividade do inimigo caracterizou-se por pequenas acções isoladas com base no emprego de minas e actos de terrorismo sobre elementos da população.

As nossas forças, através de uma muito intensa actividade cujas operações se prolongaram no espaço e no tempo, continuam perseguindo com eficácia os elementos infiltrados em território nacional.

Sendo este o último comunicado mensal relativo ao ano de 1969, considera-se oportuno referir que, no conjunto da província, as nossas forças apreenderam ao inimigo 717 armas e cerca de mil minas e engenhos explosivos entre capturadas e levantadas.

Por outro lado, as muito significativas recuperações de população — cerca de 12 mil elementos — que se conseguiram ao longo do ano — porventura de um dos índices de apreciação mais expressivos — e o constante aperfeiçoamento operado na coordenação das acções de contra-subversão, são importantes factores favoráveis ao gradual restabelecimento das condições para o desenvolvimento e progresso de Moçambique e das suas populações que, tão generoso e grande contributo continuam dando para que a paz e segurança sejam restauradas nesta província.

O comandante-chefe das Forças Armadas de Moçambique, ao iniciar-se este ano de 1970, formula, com a maior confiança na acção perseverante das Forças Armadas, Forças Militarizadas e populações, os mais ardentes votos nesse sentido.

AS TRANSFERÊNCIAS DE DINHEIRO DE ANGOLA

Do nosso leitor sr. Arménio Pires da Silva, residente na Amadora, recebemos uma carta que é, essencialmente, do teor seguinte:

«No Lobito (Angola) transferei oito mil escudos, em 8 de Junho de 1969, importância a que cada passageiro tem direito quando apresenta a passagem.

Estamos a 14 de Janeiro de 1970, e as transferências daquela data ainda não estão a pagamento. Quer isto dizer que as transferências, estão

em atraso, mais de sete meses.

Tudo isto leva-me a pedir a quem de direito para que interceda a fim de evitar estes atrasos que tanto prejudicam os pequenos.»

Chocou com um automóvel

ÉVORA, 20 — Dentro da vila de Mourão uma bicicleta motorizada, conduzida pelo sr. Hermes Godinho do Rosário, de 54 anos, natural de Santiago Maior e residente na Rua Libânio Esquivel, 12, em Mourão, chocou com um automóvel. Do embate, resultou ficar em estado grave o sr. Hermes do Rosário, que conduzido ao hospital desta cidade ficou ali internado.

Madrinha espiritual

Um jovem marinheiro internado no Hospital da Madrinha pede-nos que divulguemos o seu desejo de corresponder-se com jovens dos 15 aos 22 anos para seu conforto moral e espiritual. A direcção é: Paliote, cama 18, enfermaria 7.ª, Hospital da Madrinha, Lisboa-2.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

SALDOS DE ARTIGOS DECORAÇÃO, ESTOFOS, CARPETES e TAPETES

Artigos sem defeito

HOJE CONTINUA O SUCESSO

GRANDIOSO LOTE

CARPETES, desde 100\$00

TAPETES, desde 15\$00

TERILENES, desde 10\$00

TECIDOS desde 30\$00

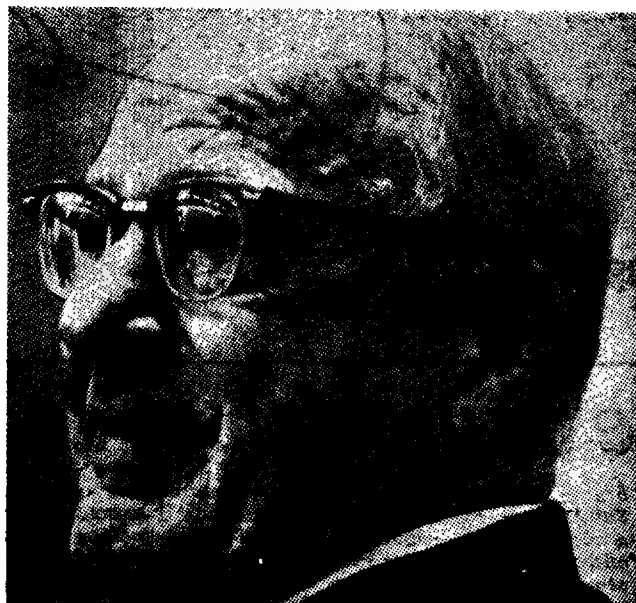
RAUL NETO, LDA. — Praça da Figueira, 18-2.º, c/ elevador (esquina Rua da Prata — Junto ao sinaleiro)

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

O PRESIDENTE OCTOGENÁRIO DEU CONFERÊNCIA

BRUNDAGE E OS PROBLEMAS DO OLIMPISMO

Avery Brundage, o veterano presidente do Comité Olímpico Internacional, acaba de conceder, em Londres, uma conferência de imprensa em que foram abordados alguns dos mais discutidos problemas do olimpismo. Da revista «World Sport», que publicou desenvolvido relato dessa conversa de Brundage com os jornalistas, respigamos, com a devida vénia, os trechos mais significativos.



O próximo Congresso do Comité Olímpico Internacional terá de decidir sobre questões de alto melindre. Avultam entre elas a escolha do local em que deverão realizar-se os jogos de Inverno e de Verão de 1976, a expulsão da África do Sul; o futuro dos desportos de equipa e uma proposta visando a permissão do pagamento dos salários perdidos pelos atletas participantes nas competições olímpicas.

Abordando tais temas, o presidente Avery Brundage deu resposta a várias perguntas que lhe foram apresentadas.

Uma pergunta:

— Se as provas de esqui foram banidas dos programas dos Jogos de Inverno, estes terão perdido a razão de ser. Dado que o senhor já declarou que não admitirá publicidade nas provas de esqui, qual será o futuro dos jogos de Inverno?

Brundage respondeu:

— Além do problema do esqui, sabemos que a Fe-

deração Internacional do Hóquei no Gelo está a autorizar a participação de profissionais, o que é, evidentemente, contrário aos regulamentos olímpicos. O presidente Hodler da F. I. de Esqui falou-nos de certas reformas que eliminarão todo e qualquer contacto entre os esquiadores e os fabricantes de artigos desportivos.

Os jogos de Inverno não foram nunca da simpatia do Barão de Coubertin por duas razões: a primeira porque os desportos de Inverno não são universais e a segunda porque entendia que deveria haver, apenas, uns Jogos Olímpicos. Ele tinha, em ambos os casos muita razão. Por outro lado, porém, a realização dos Jogos de Inverno deu azo a uma tremenda expansão dos desportos de Inverno em todo o Mundo. Infelizmente produziu-se, igualmente, um desenvolvimento no comércio dos artigos de desporto de Inverno e que envolve milhões de dólares. Devem ter lido uma revista francesa onde se dizia: «Todos os que foram a Grenoble,

aos Jogos de Inverno de 1968 não eram ingénuos e verificaram que os jogos não foram mais que a luta entre os fabricantes de esquis da França e da Áustria pela conquista do lucrativo mercado dos Estados Unidos.

Tudo isto virá a lume no Congresso do Comité Olímpico em Amsterdão, em Maio, altura em que a Federação de Esqui nos dirá o que vai fazer, antes de concedermos a organização dos jogos de 1976.

E o jogo de interrogações e respostas prossegue:

— Que pensa do subsídio de três meses concedido pelas Federações Nacionais aos seus esquiadores e que está em contraste com o subsídio de um mês, autorizado pelos regulamentos olímpicos?

— Nunca aprovamos o subsídio de três meses. Os regulamentos olímpicos estabelecem que, em certos casos, os Comités Olímpicos nacionais podem auxiliar os atletas. Agora estar oito ou nove meses na montanha, em cada ano, isso já não é preparação olímpica — é um negócio.

— Os Comités Olímpicos nacionais propuseram, recentemente, uma nova definição de amador que inclui concessões de trabalho, alojamento e alimentação a um atleta. Qual é a sua opinião sobre essa definição?

— Essa definição foi o resultado do trabalho de uma comissão mista, constituída por membros do

Comité Olímpico Internacional e por membros de Comités Olímpicos Nacionais, organizada após os jogos do México a fim de estudar as regras de elegibilidade. Isso não significa alteração das normas do amadorismo olímpico, mas apenas a sua aplicação. A proposta ainda não foi apresentada ao Comité Olímpico Internacional, mas posso garantir-vos que o assunto será largamente debatido.

perigosos para o movimento olímpico: a interferência política ou os interesses comerciais?

— A influência dos interesses comerciais é o maior perigo para o olimpismo. Vivemos numa época de materialismo e para um movimento idealista como são os Jogos Olímpicos isso é muito mau. Significa, apenas, que teremos de lutar, duramente, pela sua sobrevivência.

— Que considera mais (Continua na página seguinte)

Vai na terceira etapa a «Meia-Volta» ao Vietnam do Sul em bicicleta

SAIGÃO, 20. — (R.) — A Volta ao Vietnam do Sul em bicicleta que está a ser disputada sob protecção das forças militares, entra hoje na terceira etapa sem que até agora os ciclistas tenham sido alvo de qualquer emboscada de vietcongs.

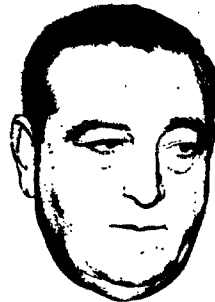
A Volta ao Vietnam é na realidade apenas «meia-volta», pois conta seis etapas no total de 760 quilómetros, tendo começado na cidade costeira de Nha Trang para terminar no Delta do Mecong em Long Xuang. Uma volta completa abrangendo toda a extensão do Vietnam do Sul foi realizada pela última vez há 14 anos.

A segurança dos 73 ciclistas é assegurada por milhares de soldados que patrulham o trajecto de cada etapa. Ao mesmo tempo que a estrada e a região vizinha é sobrevoada por helicópteros armados. Antes dos concorrentes passarem, abrem caminho uma coluna de tanques e detectores de minas, julgando-se que é esta a primeira vez na história que uma prova desportiva decorre no meio de tal aparato militar.

Graças a estas protecções os guerrilheiros não dispararam até agora um único tiro contra os ciclistas durante as duas primeiras etapas.

ANDEBOL, UM DESPORTO PARA TODOS (5)

Não, aos «comités» de selecção



por MATOS MOURA

I

É do conhecimento geral que o lugar de seleccionador, em qualquer modalidade, se reveste de inúmeras dificuldades, e que estas aumentam quando se trata de uma modalidade amadora, naturalmente sem recursos financeiros.

Mas, logicamente, os entraves não são só materiais, embora estejam interligados. Os meios de recrutamento ainda são

difíceis; os problemas de observação são muitos; os atletas e treinadores ainda não têm formação internacional; falta ao seleccionador treino apropriado (preparação física e condição técnica); e faltam à grande maioria dos treinadores, senão a todos, conhecimentos que possam ministrar. As invejas e incompreensões (bastas vezes, de uns tantos desportistas) existem a cada passo. Estas e muitas ou-

tras dificuldades causam, naturalmente, um mal-estar, com que o seleccionador tem que contar. E não se deve esquecer o clubismo desenfreado de um certo sector.

Pois, apesar de tudo isto, não pode haver dúvidas de que, embora espinhoso, o cargo é atraente, e, por isso, a ele se fazem, o mais descaradamente possível, as mais imprevistas pessoas. Ocupa muito tempo o lugar, e tenho, honestamente, de confessar que senti muitas vezes algumas inibições, embora sentisse permanentemente a mistica do que chamarei contacto internacional.

O responsável pela selecção nacional tem, ou devia ter, um somatório de requisitos que o acreditem perante a maioria, dentro da modalidade e, muito especialmente perante os atletas seleccionados.

Pela primeira vez, em andebol, não houve seleccionador único, e os atletas foram escolhidos pelo Conselho Técnico Federativo. Creio que, desta vez, o Conselho

(Continua na pág. seguinte)

DINHEIRO EM JOGO

Anteontem, não. Talvez não. Havia jogos de interesse, «duelos» que despertavam curiosidade. E, por isso, a maior parte das partidas terão sido disputadas «perante numeroso público». Mas não é isso que tem acontecido. Os registos mostram que o número de espectadores do futebol está a diminuir. E as receitas também. Os clubes, principalmente aqueles que firmam as suas esperanças em dispendiosas organizações, começam a alarmar-se.

O entusiasmo dos adeptos parece ter arrefecido. Houve um inoportuno aumento dos preços dos bilhetes, a associar-se a todos os outros inoportunos ou importunos aumentos no custo da vida.

O futebol está caro. Mais caro que qualquer outro espectáculo que possa entreter uma tarde de domingo. E aconteceu uma coisa «terrível», que foi o ter-se conhecido o mel das glórias dos campeonatos do Mundo e das Taças dos Campeões — e depois o vazio.

Claro que há mais. A larga maioria dos espectadores portugueses de futebol não gostam verdadeiramente do futebol, mas sim dos clubes com que se identificam. E quando o seu clube não o traz eufórico — lá se lhe vai o entusiasmo pelo futebol.

Num país em que é tão fraca a sementeira de praticantes, não admira que o espectáculo viva sob estas ameaças.



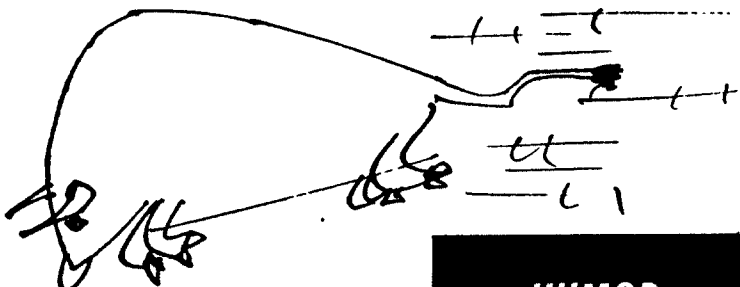
A luta ataque-defesa é constante, no andebol de sete

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

ANDEBOL, UM DESPORTO PARA TODOS



O MAIS PODEROSO «DOPING»



HUMOR NO DESPORTO

Brundage e os problemas do olimpismo

(Continuação da pág. anterior)

— Em face dos últimos acontecimentos, não se considera a atitude do C. O. I. para com a África do Sul foi correcta?

— A questão do «apartheid» é um problema. O C. O. I. nunca votou sobre tal assunto. Tenho a certeza de que todos ou quase todos votariam contra. A única coisa que foi posta a voto tem sido a participação do Comité Olímpico Sul-Africano nos Jogos Olímpicos. A decisão tomada em Grenoble foi o porque o Comité Olímpico Sul-Africano declarara estar pronto a mandar ao México uma equipa mista de brancos e negros com os mesmos equipamentos, viajando e vivendo em comum. Houve um grande debate sobre o assunto e foi decidido mandar-lhes um convite.

Não foi uma votação sobre o «apartheid» mas so-

bre se o Comité Olímpico Sul-Africano estava ou não a cumprir os regulamentos olímpicos. As condições subsequentes que se criaram no mundo, incluindo demonstrações como as que tem, agora, havido aqui em Inglaterra com violências, assassinatos e perturbações, levaram o C. O. I. a decidir, unanimemente, a retirada do convite devido ao ambiente internacional.

Agora os países negros da África solicitaram que o Comité Olímpico Sul-Africano seja expulso do movimento olímpico. Esta questão será debatida no congresso de Amsterdão.

— Na verdade, o C. O. I. só permitirá o reingresso da África do Sul nos Jogos Olímpicos se o Governo vier a permitir encontros desportivos mistos adentro do país?

— Esse foi um dos pontos da discussão, que não chegou a ser decidido.

— Quando terá o C. O.

I. representantes que pela sua idade e simpatia, personifiquem melhor a juventude do mundo?

— Admito que sou um octogenário e, para mais, capitalista e milionário — guilhotina com ele! — mas o que é que a juventude do mundo quer, agora? Vamos analisar a coisa. Estão insatisfeitos com o materialismo do mundo actual. Querem igualdade de oportunidades. Pensam que o ambiente que lhes foi transmitido pelos seus antecessores é demasiadamente comercial. Estas são as coisas contra as quais eles estão. E contra o que é que o C. O. I. luta? Queremos paz e harmonia.

Queixamo-nos contra o comercialismo e o excesso de materialismo. E pregamos a igualdade de oportunidades para todos, sem qualquer discriminação. Portanto, penso que terão de admitir que nós temos muitos pontos de contacto

com a juventude do mundo.

— Acha, com sinceridade e honestidade, que os Jogos Olímpicos ainda são uma prova de amadores para amadores?

— Não há duas palavras que mais mal tenham sido usadas do que «amador» e «desportos». Um amador é todo aquele que ama aquilo que está a fazer, sem pensar nos ganhos materiais. Só há duas espécies de competidores: o que pratica o desporto pelo prazer do desporto e o que o pratica para obter vantagens financeiras. Esta questão do amador é tão simples como isto. E' somente um caso de intenção. Quanto à sobrevivência dos Jogos Olímpicos não tenho dúvida nenhuma. Se os Jogos acabarem ou mudarem, voltarão a ser reorganizados porque, como disse anteriormente, há 10 000 amadores para cada profissional no mundo do desporto.

— Mas não há dúvida que a crescente comercialização do desporto não virá a complicar o futuro dos Jogos Olímpicos, sem dúvida nenhuma?

— Tomemos, para exemplo, o desporto-base dos Jogos Olímpicos — o atletismo. Aqui temos poucos riscos de comercialismo. Sim, tivemos um escândalo com sapatos de bicos no México. Porém, isso comparado com o vasto programa das provas de atletismo não é nada. O problema da comercialização está, repito, naqueles desportos que têm um grande desenvolvimento comercial internacional. Daí é que vêm as complicações. Eliminando esses desportos do programa olímpico o problema desaparece.

(Continuação da pág. anterior)

Técnico não indicou qualquer nome à direcção da Fed e razão, e resolveu, simplesmente, seleccionar por conta própria. Porque o teria feito? Não teria conseguido arranjar um nome que merecesse confiança? Ou teria entendido ser esta a forma mais aconselhável de momento? Não vai neste reparo qualquer crítica mal intencionada, pois até entendo que o Conselho Técnico tem dois elementos válidos, os quais poderiam, sem dúvida, ocupar o lugar (um deles até já o ocupou). Logicamente, que me refiro aos meus amigos Joaquim Alves Teixeira e António de Freitas, confessados amantes da modalidade, que me merecem muita consideração e respeito, o que não obsta a que esteja em desacordo com «comités» de selecção ou práticas quejandas, por não lhe encontrar qualquer vantagem.

II

Nomeou a direcção da Federação um secretário-técnico, atitude essa que merece os mais rasgados elogios. Sem preguiça pela criação deste cargo, no âmbito federativo, por julgá-lo fundamental para o progresso do jogo.

Foi nomeado Angelo Pintado, um rapaz com quem contactei ao longo de duas dezenas de seleções. É indiscutível que Angelo Pintado reúne muitas condições para o cargo que agora aceitou. Pintado é, no nosso meio técnico, das poucas pessoas em quem eu acredito, muito embora ainda não tenha mostrado aquilo do que o fulgo capaz. A experiência vem com o tempo. Pintado é um homem do andebol, e não um «para-quedista» qualquer. O que lhe desejo é que ele tenha os olhos bem abertos e não pactue com certos «arriistas», que, infelizmente, ainda existem no nosso meio.

Agora do que abertamente discordo é que Angelo Pintado continue a actuar como jogador. As duas funções são antagónicas. Não restam, no entanto, dúvidas que Pintado é, ainda, dos me-

lhores jogadores portugueses e está ainda em idade de poder dar o seu contributo ao seu clube e à selecção. Mas, simultaneamente, isso não!

III

Vamos ter a felicidade de assistir, na segunda quinzena de Março, à organização da Taça Latina, com a participação da Espanha (última vencedora, em Pontevedra), França, Roménia, Itália, Brasil, Marrocos e Portugal. Nunca a competição reuniu tal número de participantes e tão prestigiosos.

Muitas uma vez os verdadeiros amigos da modalidade devem agradecer a Alvaro Garrido esta verdadeira festa do andebol latino na nossa terra, porque só o seu prestígio conseguia tal organização. Modestamente, como é seu timbre, o actual presidente da Federação vai realizando obra, não precisando de se pôr em bicos de pés para que as pessoas bem intencionadas lhe reconheçam os seus méritos e a muita «carolice» que tem pela modalidade. Pela minha parte só lhe posso dizer: Obrigado, senhor presidente!

IV

Vão ser chamados a prestar provas na «Taça Latina» as nossas «Esperanças». Em minha opinião, nunca tivemos uma pleiade de jogadores como actualmente possuímos. São valores autênticos, tão bons como os bons de lá de fora. Têm menos condição física? É preciso dar-lha, pois ainda estamos a tempo; têm menos técnica do que os estrangeiros? Estamos de acordo, mas eles suprem essa deficiência com o seu entusiasmo e a sua intuição.

Está ao nosso alcance o maior brilhar do andebol português, em que eu firmemente acredito, e que, a dar-se, pode ajudar-nos muitíssimo, pois a Taça Latina, com a entrada dos romenos, vai projectar-se internacionalmente.

A vocês, atletas, que eu tão bem conheço e admiro, tenho um pedido a fazer-lhes:

— Não falem aos treinos, tenham espírito de sacrifício, acatem respectivamente as ordens recebidas, porque estou convencido de que, por vocês, não deixaremos de ganhar a Taça Latina, que há durante tanto tempo perseguimos.

Aos responsáveis, peço bom-senso e sentido das realidades. Creio que desta vez nem tem havido o fantasma material a apouquentá-los. Felizardos. O que vale ter amigos influentes. Nunca fui feliz neste aspecto.

Desejo-lhes, sinceramente, uma vitória, que está ao nosso alcance, pois temos um núcleo de jogadores que nos dá a maior garantia, e eu sou dos que acredito nos andebolistas portugueses e tenho, até, razões para isso. Não acha, meu caro António de Freitas?

MATOS MOURA

Acontecimentos DE ONTEM

ANDEBOL

«Regional» da III Divisão

Nos jogos do «Regional» de andebol de sete (III Divisão) verificaram-se os seguintes resultados: Oeiras-Fac. Ciências, 22-20; Liga de Alagés-Castelo, 18-8; Palmense-Santa Catarina, 21-15.

VOLEIBOL

Vitória do L. Ginásio sobre o Sintrense

Ontem à noite na Escola Nuno Gonçalves e em prosseguimento do Campeonato «Regional» de Voleibol, o L. Ginásio venceu o Sintrense por 3-0 (15-4, 15-12 e 18-14).

O encontro foi dirigido por Carlos Almeida e as equipas alinharam:

L. Ginásio — Eduardo Sousa, Cazal Ribeiro, Joaquim

Azevedo, Fernando Simões, José Sales, António Ribeiro e Marques Pereira.

Sintrense — José Manuel, João Estrela, Angelo Silva, Rui Marcelino, Joaquim Silva, Eduardo Castro e António Damiano.

Vitória justa do Lisboa Ginásio embora não tivesse apresentado a sua melhor formação.

A facilidade com que triunfou na primeira partida foi prejudicial para os lisboetas que encaram com certo á

NA BOA UNIÃO

Na Sociedade Boa União, que está a comemorar cem anos de existência, realizou-se, hoje, às 21 horas, um colóquio, no qual tomam parte o dr. David Sequeira, seleccionador nacional de juniores, Mário Wilson, treinador do Belenenses, e Fernando Correia, locutor da Emissora Nacional.

TOTOBOLA O NOSSO PALPITE

U. Tomar-Sporting ...	2
Barcelonense-Boav. ...	1
Varzim-Académica ...	1
Benfica-Belenen.	1
Guimarães-Leixões ...	1
Gouveia-Vizela	1
Espinho-Salgueiros ...	X
Leça-Lamas	1
Famalicão-Penafiel ...	1
Farense-Torriense ...	1
Santarém-Montijo ...	2
Seixal-Sesimbra	X
Peniche-Oriental	1

vontade o desenvolver do jogo. Isto poderia ter dado aos sintrenses um triunfo na última partida em que estiveram a vencer por 14-13.

BASQUETEBOL

«Nacional» da II Divisão

A equipa do Nacional alcançou a vitória mais nítida da jornada de ontem no Campeonato Nacional da II Divisão (Zona Sul), ao vencer o Cruz-quebradense por 81-48.

Nos outros jogos, o Atlético venceu o Lisgás (48-39) e o Ténis derrotou o C. D. U. L. (57-52).

TÉNIS DE MESA

O campeonato feminino (singulares)

Resultados dos jogos do Campeonato de Lisboa de singulares (seniores): Octávia Vaille (P. Arcos)-Ana Filomena (P. Arcos), 2-0; Berta Silva (P. Arcos)-Fernanda Girão (R. Apolo), 2-1; Ana Bela (P. Arcos)-Eduarda Lopes (R. Apolo), 2-0; Berta Silva (P. Arcos)-Ana Filomena (P. Arcos), 1-2; Octávia Vaille (P. Arcos)-Eduarda Lopes (R. Apolo), 2-0; Ana Bela (P. Arcos)-Fernanda Girão (R. Apolo), 2-0; Berta Silva (P. Arcos)-Eduarda Lopes (R. Apolo), 2-1; Ana Bela (P. Arcos)-Ana Filomena (P. Arcos), 2-0, e Octávia Vaille (P. Arcos)-Fernanda Girão (R. Apolo), 2-0.

HOJE À NOITE

ANDEBOL — Benfica-Belenenses, às 21 horas, para o Campeonato de Lisboa de Juniores, no Pavilhão do C. de Ourique.

ASSEMBLEIA GERAL — Do Casa Pia, A. C., na sua sede, às 21 horas.

BASQUETEBOL — Campeonato Metropolitano Feminino da I Divisão: Nacional-Algés, às 21 e 30, no Pavilhão da Ajuda; e Benfica-C.

I. F., às 21 e 30, no Pavilhão da Luz.

Campeonato de Lisboa da II Divisão: Maria Pia-Faculdade de Ciências, Sporting de Torres-Física de Torres e Scaavenense-Pedrouços, às 21 e 30, nos campos dos primeiros.

Sorteio do Grande Torneio Feminino e de Seniores, na Associação de Lisboa, às 21 e 30.

Sorteio do Campeonato Nacional da III Divisão, na Federação, às 21 e 30.

TÉNIS DE MESA — Campeonato de Juniores Singulares de Lisboa, nas mesas do C. Católico, Rodrigues Cordeiro, Casa Pia, Intendente, Sporting e Benfica, às 21 e 30.

Conta Universitária

BANCO DO ALENTEJO

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL UNIAO DE TOMAR-SPORTING

DOMINGO, 25 DE JANEIRO

A C. P. organiza, em colaboração com o «Sporting Club de Portugal», um comboio especial de Lisboa a Tomar, e volta, no dia 25 do corrente, por ocasião do desafio de futebol «União de Tomar-Sporting», ao preço de \$5500.

HORARIO

Partida de Lisboa (Rego) 9-40
Chegada a Tomar 12-13
Partida de Tomar 18-50
Chegada a Lisboa (Rego) 21-24
Bilhetes à venda na Sede do Sporting Clube de Portugal e nas estações de Lisboa (Rossio), Lisboa (Santa Apolónia) e Lisboa (Rego).

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreias de hoje — NA PISTA DOS DIAMANTES — A V I S
— O OURO DE MACKENNA — MONUMENTAL

AVIS

(M. 12 anos) Tel. 47163
As 21 e 45
ESTREIA

Uma emoção em cada cena...
Uma cena de violência em
cada segundo!

**NA PISTA
DOS DIAMANTES**
com Richard Johnson e Ho-
nor Blackman

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327172
As 15.15, 18.15 e 21.30
Tecnicolor — 3.ª SEMANA

Ingrid Bergman e Walter
Matthau

A FLOR DO CACTO
A mais deliciosa comédia
do ano!

ALVALADE

(Adultos) Tel. 763088
As 15.45 e 21.45
Tecnicolor

o regresso de Ingrid Bergman
que com Walter Matthau for-
ma o par mais sensacional
do momento

A FLOR DO CACTO
a mais deliciosa comédia
cinematográfica do ano!

VOX

(Adultos) Tel. 720808
As 15.15, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA

**QUE IMPORTA
MORRER**

com Kirk Douglas, Sylvia Kos-
cina e Eli Wallach
num filme de amor, violência
e imprevisível

R. Buião Pato (à Av. Roma)

EUROPA

(Adultos) Tel. 661016
As 15.15 e 21.30

Quem é Jack? Temido pelos
reis, adorado pelas cortesãs,
idolatrado pelo povo

ONDE ESTÁ O JACK?
STANLEY BAKER e FIONA
LEWIS

IMPERIAL

(Adultos) Tel. 45933
As 21 horas

**O DETECTIVE
AFISTA-TE QUERIDA**

LIDO

(M. 17 anos) Tel. 937593
Praça D. João I — AMADORA

As 21.30 horas

Um filme cheio de loucas
peripécias

**O HOMEM, A MULHER
E O DINHEIRO**

com Marcelo Mastroianni,
Vivian Lisi e Pamela Tiffi

MONUMENTAL

As 21.30 (M. 12 anos)
SENSACIONAL ESTREIA

Um filme gigante

**O OURO
DE MACKENNA**
Gregory Peck — Omar Sharif

Um gigante de acção numa pal-
pitante aventura!

Dia 20 de Janeiro:
QUINZENA DE CINEMA
INGLÊS

Amanhã — Adultos — 18.30 h.
SOCORRO, de Richard Lester
com Os Beatles
e Leo McKern, etc.

Dia 23:
OS INOCENTES (Adultos)

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134
As 15.15 e 21.30
4.ª SEMANA

KATHARINE HEPBURN e

**A LOUCA
DE CHAULOT**

com Danny Kaye, Giulietta
Massina, Paul Benoit, Yul
Brynner, Charles Boyer e Ri-
chard Chamberlain

ESTÚDIO

(M. 17 anos) Tel. 555134
As 15.30, 18.30 e 21.45

A obra-prima de MARCEL
CARNÉ

EM 2.ª SEMANA
**TRES QUARTOS
EM NOVA IORQUE**

com Annie Girardot

CONDES

(M. 12 anos) Tel. 522523-326710
As 15.15, 18.15 e 21.30

Um desafio aos seus nervos...
Uma aventura no topo do mundo

MISSÃO NO ÁRTICO
Panavision Metrocolor

com Rock Hudson,
Ernest Borgnine, Jim Brown
70 mm

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538743
As 15.15, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA

Nada fascina tanto como um
crime misterioso e uma mulher
provocante

**QUE IMPORTA
MORRER**

Kirk Douglas e Sylvia Koscina
Metro: Estação Picosas

LIZ

(Adultos) Tel. 48560
As 21 horas

007 AO SERVIÇO DE SUA
MAJESTADE

SINFONIA DA VIDA

TIVOLI

(M. 12 anos) Tel. 60595
As 3 da tarde (p. r.)
e 9.30 da noite

EM 5.ª SEMANA
UM FILME INCOMPARÁVEL
em TODD-AO e de Luz

com
BARBARA STEISAND
HELLO, DOLLY
UMA MARAVILHA

SÃO JORGE

(M. 17 anos) Telfa. 54153/4
As 15.15, 18.15 e 21.30

(Oscar para o melhor reali-
zador)

THE GRADUATE
(A PRIMEIRA NOITE)

com Anne Bancroft, Dustin
Hoffman e Katharine Ross

Amanhã às 18.30 h.
(M. 12 anos)

VI Recital de Poesia Evoca-
tivo de JOAO VILLARET

Fernando Pessoa-José Régio
Breve introdução de David
Mourão Ferreira — Sistema
de alta fidelidade montado
pela Audíonica — Receita in-
tegral para a CRUZ VER-
MELHA PORTUGUESA

ROMA

(M. 12 anos) Tel. 727778
As 15.30 e 21.30

Uma aventura no topo do mundo

MISSÃO NO ÁRTICO
com Rock Hudson,
Ernest Borgnine

Panavision — Metrocolor

ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel. 779095
As 15.30, 18.30 e 21.45

9.ª SEMANA
A espantosa comédia de
PIETRO GERMI

**DIVÓRCIO
A ITALIANA**

com Marcello Mastroianni

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30 h.

Uma sátira humorística e di-
vertida a uma sociedade e
uma época — em Technicolor

**ADORÁVEIS
CONSPIRADORES**

com Oliver Reed, Telly Sa-
valas e Diana Rigg

CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos) As 21 horas

ESCANDALO AO SOL

PROJECTO APOLO

POLITEAMA

(M. 17 anos) Tel. 326305
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30

ÚLTIMOS DIAS
do filme de grande classe
espectacular

**A PELE DE UM
MALANDRO**

com o famoso ídolo
CLINT EASTWOOD

...Nem os lábios de uma linda
mulher o desviaram do seu
maior desejo...

EDEN

(M. 12 anos) Tel. 329768
As 15.15, 18.30 e 21.45

Tecnicolor — Techniscope
O perigo e o imprevisível
em cada segundo

ALDO RAY em
COMANDO SUICIDA
com Hugh Smith e Vira
Simenli

ODEON

(M. 12 anos) Tel. 326283
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30

EXITO TOTAL
UM VENDAVAL DE PAIXÕES
PROVOCADAS PELA CONDE-
NAÇÃO DE UM GRANDE
AMOR

MARIA ISABEL

com Silvia Pina, e José Suarez
A odisséia de uma jovem presa
ao segredo de um pecado de uma
amiga...

— EASTMANCOLOR —

CASINO ESTORIL

As 21.30 h. (M. 17 anos)

TERRA SANGRENTA

Virginia Mayo e Robert
Stack

FARMACIAS DE SERVIÇO

Em Lisboa — Turno E

ALCANTARA — Nogueira R. do
Credito, 2 (631635)

ALFAMA — Nacional, R. de S.
João da Praça, 26 (863632)

ALVALADE — Cartaxo, Av. de
Igreja, 21-C (776358) * Bri-
sália, Av. Rio de Janeiro, 66-A
(722368)

ANJOS — Matos, R. Alvaro Cou-
tinho, 10 (404711)

AREIRO — Avis, Av. de Roma,
56-B-C (715370) * João XXI,
Av. João XXI, 6-A (726462)

* Nova Lisboa, R. Guilhermina
Suglia, 12 (72721)

AVENIDA DA LIBERDADE — Na-
cional, R. do Salitre, 7 (46858)

AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av.
5 de Outubro, 147-A (763107)

* Avenidas, Av. da República,
27-A (533688) * Império, Ld.,
R. Filipe Folque, 40-A e 40-B
(48002) * Dural, Av. Duque
de Loulé, 21 (49446) * Palma,
Av. Duque de Avila, 25-31
(47088)

BAIRRO DOS ACTORES E ALAME-
DA — Nunes, R. Angela Pinto,
32 (49756)

BAIRRO DA ENCARNACÃO —
Ascensão, R. 27, n.º 41 (31216)

BAIXA — Barral, R. Augusta, 225
(361534/5)

BELEM — Remisio, R. dos Jerô-
nimos, 14-C (631699)

BENFICA — Lisboa, R. Cláudio
Nunes, lote 2 (703393) * Sousa,
Estrada de Benfica, 429-431
(780027)

CAMÕES — Modelar, L. Dr. An-
tónio de Sousa Macedo, 7-A
(678896) * Veritas, R. da Mi-
senicórdia, 188 (324554-327563/
74)

CAMPO DE OURIQUE — Castro
Fonseca, Rua 4 de Infantaria,
28-A (688857) * Ourique, Rua
Freitas Gazu, 32-B (671667)

CAMPOLIDE — Lab., Rua Rodrigo
da Fonseca, 101-101-A (68233)

* Pátio, Calçada dos Mestres,
30-A (4.ª Rua das Amoreiras)
(680627)

CARNIDE — Leal de Matos, Rua
Neves Costa, 33-35 (780181)

ENTRECAMPOS — Galena, Av.
Oscar Monteiro Torres, 38-A
(774920)

ESTEFÂNIA — Estefânia — Rua
Passoal de Melo, 90 (44438)

ESTRELA — Janeiro, Av. Alvaros
Cobral, 100 (661453)

GRACA — Monte, R. Senhora do
Monte, 30-A-B (867842) * Re-
sa e Viegas, R. de S. Vicente,
31 (864351) * St. António,
Rua Leite de Vasconcelos, 72-C
(862933)

JANELAS VERDES — Carrasco, R.
Presidente Armaga, 39 (667460)

LUMIAR — Alameda, A. dos Li-
nhos de Torres, 201-B (790942)

* S. Tomé, Est. do Desvio, lote
12-C (790704)

OUTROS ESPECTÁCULOS

COLISEU
COLISEU — As 21 e 30: «Compa-
nhia de Circo»

TEATROS
CAPITÓLIO — As 21 e 45: «O
cravo espanhol» (17 anos)

VASCO SANTANA — As 21 e 45:
«As mãos de Abraão Zacut»
(17 anos)

VILLARET — As 2 e 45: «O
vison voador» (17 anos)

MARIA VITÓRIA — As 2 e 15 e
45: «Esperteza Saloia» (17
anos)

VARIÉDEDES — As 20 e 45 e 45
e 23: «Peco a palavra» (17 anos)

LAURA ALVES — As 21 e 45: «A
Faria» (17 anos)

CINEMAS
OLIMPIA — As 21: «Não matas
(17 anos)

«PIC-NIC»

NA CLÁSSICA

DO IMPÉRIO

Três «Oscars» da Aca-
demia de Hollywood, a Me-
dida de Ouro do Photoplay,
etc., em breve resumo, quan-
to vale «Pic-Nic», uma re-
alização de Joshua Logan, in-
terpretada por William Hol-
den, Kim Novak e Rosalind
Russell.

«Pic-Nic» é um filme im-
portante para a história do
cinema. A sequência do pi-
quenique ficou como um re-
trato de Antónia cinemató-
gráfica. De notar ainda, a
mistura com que Logan nos
conduz, insensivelmente, da
comédia inofensiva ao dra-
ma, violento, como ele con-
segue fazer os personagens
a revelarem-se inteiramente a
favor de uma crise que ex-
plode.

Este filme será exibido, em
cópia nova, às 18 e 30 de
amanhã, na tarde clássica do
Império.

CINARTE — As 2: «Odo por
ódio» (12 anos)

IDEAL — As 21: «Tabruk» (12
anos)

PARIS — As 21: «007 ao serviço
de Sua Majestade» (12 anos)

SALÃO LISBOA — As 21: «Can-
didatos para a Eternidade» (12
anos)

PROMOTORA — As 21: «Teatro
de morte» (17 anos)

JARDIM — As 2: «A pequena
virtude» (17 anos)

ARCO IRIS — As 2: «O senhor
do guerra» (17 anos)

ORIENTE — As 2: «O tesouro dos
Aztecas» (12 anos)

MOSCAVIDE — As 2: «Que rico
par...» (17 anos)

LUMIAR — As 21: «Profissionais
do crime» (17 anos)

ENCARNAÇÃO — As 2: «Sou eu
a Natália» (17 anos)

S. L. BENFICA — As 2: «O cava-
leiro da rosa» (17 anos)

● Outro Bando

ALMADA — INKVEL — As 21
e 30: «Noites de outros tempos»
(17 anos)

BARREIRO — CINE-BARREIRENSE —
As 2: «Comissão X» e «3
panteras azuis» (2 anos)

COVA DA PIEDADE — J. N. J. O
ARTÍSTICA — As 2: «5 Fi-
lhos de um...» (17 anos)

● Linha de Cascais

ALGES — STADIUM — As 21 e
30: «Djongo» (17 anos)

PARADE — ROYAL — As 21:
«Assim morrem os bravos»
(17 anos)

ESTORIL — CASINO — As 7 e
e 2 e 30: «Terra sangrenta»
(17 anos)

CASCAIS — S. JOSE — As 21 e
30: «7 Homens no Texas» (12
anos)

● Linha de Sintra

VENDA NOVA — LINE PORTU-
GAL — As 2: «Ninhos de es-
piões» e «Deus como te amo»
(12 anos)

AMADORA — RECREIO — As 2:
«A Partilha» (17 anos)

QUELUZ — QUELUZ-CINE — As
21 e 15: «Operação K.d. Bro-
thers» e «Horrors» (17
anos)

SINTRA — CARLA MANUEL —
As 21 e 15: «Uma carreira sen-
sacional» (17 anos)

BOM APETITE

VIRIATO
RESTAURANTE
CERVEJARIA
SNACK-BAR
COZINHA
PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55-57
(Aberto até às 2 h.)
Telefone 530758

**restaurante
arameiro**
LISBOA
(Restauradores)
Trav. St. Antão, 21
PRÉMIO DO S. N. I.

**RESTAURANTE
QUINTA DE
S. VICENTE**
Telheiras de Cima, 144
Tel. 790211

CERVEJARIA E RESTAURANTE
SERVIÇO REQUINTADO
AMBIENTE SOSSEGADO
AR CONDICIONADO, MÚSICA GRAVADA
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 DA MADRUGADA
RUA DO SALITRE, 9 (junto ao Parque Mayer)
Tel. 42963

**RESTAURANTE
JANTARES
DANÇANTES
AOS SÁBADOS
E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE
DISTINTAMENTE
FAMILIAR
(Maiores de 15 anos)**

**RESTAURANTE
QUINTA DE
S. VICENTE**
Telheiras de Cima, 144
Tel. 790211

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

SERVICOS URGENTES

Telefones

AGUA, GAS e ELECTRICIDADE —
Companhia das Aguas, 861353

* Companhias Reunidas, 537011

* Gazelida, 538821 * Gazel-
dia, idem e feriados 382069

BOMBEIROS — Sapadores 322222
Voluntários, 538524

POLICIA e G. N. R. — serviços de
emergência, 115 * Segurança
Pública, 866141 * Judiciária

Diário de Lisboa

Propriedade de
Renascerça Gráfica, S. A. R. L.Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telf. 32 02 71-24 e 32 11 54-5End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

O NEVOEIRO COBRIU QUASE TODO O PAÍS

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava muito nublado, o vento era fraco, havia nevoeiro em vários locais e colinas aguçadas nas regiões do Nordeste.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima, Faro 15°, mínima, Penhas Douradas 3°.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Porto, 11°; Penhas Douradas, 3°; Portalegre, 8°; Lisboa, 9°; Faro, 13°; Funchal, 14°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera 14,2°; na água do mar 10,5°.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado; vento fraco ou moderado predominando do Sudoeste; nevoeiro ou neblina nas regiões do Sul; possível agravamento do estado do tempo a partir de manhã, com períodos de chuva e vento moderado do Sudoeste.

Amãhã

Nascer às 8 e 52

Ocaso às 18 e 45



Dia 22 Dia 30 Dia 6 Dia 13

MARÉS:

PREIA-MAR: Dia 20 — 3 e 4 (3,6 m); 16 e 36 (3,4 m); Dia 21 — 3 e 47 (3,7 m); 16 e 12 (3,5 m); Dia 22 — 4 e 22 (3,8 m); 16 e 49 (3,6 m); PREIA-MAR: Dia 20 — 8 e 56 (1,4 m); 4 e 2 (1,4 m); Dia 21 — 9 e 35 (1,3 m); 2 e 40 (1,3 m); Dia 22 — 10 e 07 (1,2 m); 22 e 11 (1,2 m).

Bispos holandeses contra o celibato

UTRECHT, 20 — (R.) — Bispos holandeses ignoraram a noite passada um apelo papal de unidade teológica e pediram à Igreja Católica que admita padres casados e desista dos votos obrigatórios de celibato.

Num comunicado emitido às primeiras horas de hoje, nesta cidade, o conclave de bispos diz que estes julgam que a comunidade católica romana holandesa ficaria melhor servida se pessoas casadas pudessem ser ordenadas como sacerdotes e se padres, que tivessem casado, pudessem voltar ao seio da Igreja — o que estabelecerá uma situação para escolha livre do celibato.

FUZILEIROS PARA A GUINÉ

A bordo do transporte da Armada «São Gabriel» que hoje de tarde deixou o Tejo, com rumo ao nosso Ultramar, seguiu para a província da Guiné, um contingente de fuzileiros navais.

• Lisboa muito afectada: suspensão dos cacilheiros, impossibilidade de aterragem, barra fechada e atrasos nos comboios

«Pode dizer-se que, às 9 e 30, a quase totalidade do território se encontrava coberto por espessa camada de nevoeiro. O fenómeno deve-se a um arrefecimento brusco, logo após uma subida de temperatura. Uma brisa de leste, soprando sobre os lençóis de água causados pelas cheias, espalhou o nevoeiro até à costa» — disse-nos um funcionário do Serviço Meteorológico Nacional.

E acrescentou: «O nevoeiro principiou a formar-se a partir das 23 horas e às 4 da madrugada

da estendia-se por quase todo o País.»

Suspensas as correiras dos cacilheiros sem radar

Em Lisboa, o nevoeiro afectou o tráfego no Tejo e no aeroporto, além de ter causado engarrafamentos em alguns pontos da cidade.

As carreiras regulares entre Cacilhas e o Terreiro do Paço, ou entre Cacilhas e o Cais do Sodré, passaram a ser feitas, logo a partir das 5 e 20, pelos dois únicos barcos com radar — o «Almansor» e o «Recor-

dação».

Muitas foram as pessoas que, da Outra Banda, se decidiram por transportes urbanos via ponte.

As 10 e 30, «com sirenes furando o nevoeiro» (como nos disse um marítimo), aproximou-se da Estação Sul-Sueste o «Algarve», procedente do Barreiro: a travessia tinha-lhe demorado 70 minutos (em tempo normal gasta na viagem escassa meia hora).

Impossível a aterragem nas pistas da Portela

Nas pistas da Portela

tornou-se impossível a aterragem. Assim, até às 7 e 30, cinco aviões divergiram para Madrid: um «Varig» procedente de Paris, um aparelho sul-africano vindo de Luanda, um «T. W. A.» de Nova York, um aparelho canadiano procedente de Montreal e um «Alitalia» que tinha levantado voo da metrópole norte-americana acima mencionada.

Esperava-se que o nevoeiro permitisse a aterragem de um aparelho vindo de Paris às 10 e 30. Tal, porém, não foi possível, pelo que o avião derivou para a capital espanhola.

A descolagem de aviões, no entanto, não era impossível: levantou voo o TAP da carreira do Porto, um «Ibérica» e um «Swissair».

Barra fechada

As 11 horas a barra continuava fechada, tendo alcançado o rio unicamente dois navios da esquadra permanente da N. A. T. O. que hoje chegou a Lisboa.

Ponte sobre o Tejo

«O tráfego na ponte tem sido intenso. Logo às primeiras horas da manhã começaram a utilizá-la carreiras urbanas reforçadas» — informou-nos um funcionário da portagem.

Essas carreiras urbanas, como é óbvio, traziam os utentes dos cacilheiros, impossibilitados, como dissemos, de seguirem neles.

Até ao meio-dia, não se tinha registado qualquer acidente de trânsito na ponte.

Houve atrasos na «Linha»

Na linha férrea Lisboa-Cascais-Lisboa o nevoeiro também prejudicou o trânsito, provocando atrasos da ordem dos dez-doze minutos. Segundo nos informaram na Sociedade Estoril, «o horário ficou plenamente regulado exactamente às 9 e 11».

Antes do nevoeiro (às 6 e 46) registou-se, porém, uma falta de corrente na zona compreendida entre Paço de Arcos e Cais do Sodré. A avaria demorou seis minutos a reparar: nesse espaço de tempo todas as composições da «linha» pararam a sua marcha.

BANCÁRIOS EM ASSEMBLEIA

COIMBRA, 20.

No salão de festas da F. N. A. T., reuniu-se a assembleia geral do Sindicato Nacional dos Empregados Bancários do Distrito de Coimbra, bem como dos distritos de Leiria, Viseu e Guarda.

Na reunião, muito concorrida, foram prestados esclarecimentos sobre o pedido de revisão do contrato colectivo de trabalho da classe.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

O 39.º «RALLYE» MONTE CARLO

O SUECO WALDEGAARD VENCEDOR DO ANO PASSADO NO COMANDO DA PROVA

MONTE CARLO, 20 — (R.) — No meio de ruído ensurdecido dos motores rítmicamente afinados e contrastando com a calma da manhã, começou a partida para a violenta prova através dos Alpes marítimos. O primeiro concorrente a pisar a linha da partida foi o favorito francês Gerard Larrousse, em Porsche. Os restantes 155 concorrentes partiram um a um com intervalos de um minuto.

Esta prova constitui a segunda etapa do «rallye» e nela terão de ser eliminados cerca de 100 concorrentes, pois a terceira prova, que será disputada na quinta-feira à noite, admite o número máximo de 60 carros.

No prova de hoje os condutores têm de percorrer nove etapas especiais cronometradas à velocidade média de 60 quilómetros à hora. Nada se poderá dizer sobre os resultados prováveis antes das últimas etapas, às primeiras horas de amanhã.

Quanto à última prova, o tempo frio e seco na montanha estará favorável aos «Porsche», que provavelmente irão ganhar o «rallye» pela terceira vez consecutiva.

Esta é a primeira prova onde a emoção se começa a fazer sentir com maior intensidade e onde as quatro equipas principais — Ford, Porsche, Renault e Lancia — têm estado a treinar durante semanas seguidas.

Este ano a Ford tenta tudo por tudo para vencer a má sorte crónica que lhe

rouba o primeiro lugar desde 1963 e recrutou os melhores ralistas internacionais para pilotar os seus «Escort» de dupla árvore de camés.

Entre eles estão o finlandês Timo Makinen, o sueco Gunnar Palm e o inglês Roger Clark.

Porém a Ford tem contra si a equipa Porsche, aparentemente invencível, principalmente com tempo seco.

Este ano os Alpes estão invulgarmente livres de neve, factor altamente favorável aos «Porsche».

Vinotier provavelmente afastado da luta

MONTE CARLO, 20 — (R.) — O campeão francês Jean Vinotier que corre em Renault Alpine, parece ter perdido as possibilidades de ganhar o «rallye» por se ter despedido no princípio da prova de hoje.

O carro de Vinotier saiu da estrada e segundo as primeiras notícias, ficou muito danificado.

Porém, oficialmente não foi comunicada a sua desistência.

Os Porsche em evidência

Após a primeira prova especial cronometrada da segunda fase do «Rallye Monte Carlo», os Porsche começaram a manifestar vantagem.

O vencedor do ano passado, Waldegaard, foi o primeiro concorrente a passar no primeiro «controlo», seguido imediatamente pelo francês Gerard Larrousse, também em Porsche, com três segundos de diferença. Em terceiro lugar, e a 10 segundos de diferença de Larrousse, passou o sueco Ake

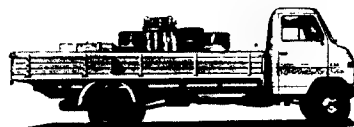
Anderson, igualmente em Porsche.

Na primeira prova especial cronometrada, Waldegaard fez o tempo de 19 m 2 s.



HANOMAG HENSCHEL

Assim são os novos veículos HANOMAG de motor económico e potente, cujo chassis em aço especial de maior robustez lhe confere extraordinária rentabilidade. Estes modernos camiões ligeiros e pesados são completados por cabinas panorâmicas sólidas e funcionais que oferecem ao condutor uma perfeita visibilidade e um maior conforto. A sua escolha uma extensa gama de modelos para qualquer tipo especial de carroçaria.



CONSULTE A REDE DE AGENTES AUTORIZADOS HANOMAG HENSCHEL DISTRIBUÍDOS PELO PAÍS.



QUALIDADE E TÉCNICA EXPERIMENTADAS

REPRESENTANTES: IMPERIO DA BEIRA, AUTOMÓVEIS, S. A. R. L. - AV. DA LIBerdade, 100 - 1200-000 LISBOA

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

ENCONTRO COM J. LACÃO COSTA

(após a leitura do n.º 651
do Juvenil)

por Rogério Rodrigues Ferreira

meu irmão
como um fruto
tens razão

aqui tens meus braços e meu peito
minha boca já a tinhas
(cheira a sede)

«há um grito surdo nos pinhais».
mais
há gritos destapados nas veias da canção.
minha boca cheira a sede
(e cheira a vento)
e meus gestos querem suar nos nossos versos

ah meu amigo como um fruto
como o trigo.

quero dizer-te acredito
na força de nossos gestos colhidos de manhã
confio na manhã de tua voz
(o limão
acre novo lúcido
é o fruto mais vivo que conheço)

não dispersemos não
sem os frutos que colhemos sobre as árvores
nem o lume que bebemos sob os versos

O VIAJANTE DE MUITOS ROSTOS

(5 fragmentos de um diário
para C.)

por António Barbedo de Oliveira

1. — OS ESCULTORES DO SILÊNCIO

sabes companheira que é difícil a habitação do silêncio é assim como ter uma casa enorme de onde todas as pessoas foram partindo apenas povoada de móveis e imagens talvez gostasses de ter uma casa grande com muitos quartos que pudesses habitar simultaneamente ou um em cada dia eu ergui a minha casa na orla do poema com as palavras breves que me deixaste é também penoso trabalhar nas palavras tão duro como dar forma à pedra ou ao aço percorrer os frios e dolorosos corredores da memória consultar todos os arquivos ver milhares de vezes e mudar de rosto como quem roca de vestes acredita compenetrado é extremamente perigoso pois os dedos são os longos rastilhos dos explosivos que repousam nas palavras as palavras que moldamos na sombra com a paciência do alquimista e a alegria (ou a raiva) de pequenos condenados que vêem uma vez ainda adiada a própria destruição

2. — A RECONSTRUÇÃO DO CORPO

pedra a pedra palavra a palavra construo o corpo jovem e lúcido e seguro e perfeito dispo-me de todos os gestos antigos e reinvento um outro rosto enquanto me olho no poema com extrema piedade pulsos abertos à tua sede aqui na curva mais feroz da minha solidão aqui no espaço aberto do teu cantar

3. — PASSAGEM

(ter ao menos a derradeira coragem de nos olharmos num espelho e morrermos no momento seguinte para revivermos a outra face desesperadamente)

4. — OS ENCOBERTOS

responde amiga onde termina o silêncio e começam as

raízes que rumor que bafejo de asas que semente floresce que sinal orienta (para onde?) deve existir um rio circular e único onde viajamos incógnitos e sem memória porque o nosso nome é o de qualquer corpo do universo e vimos e vamos para muito longe e temos pressa mas não sabemos o caminho diz companheira para sempre e para nunca de que silêncio a minha voz irrompe e voa

5. — EXORCISMO

as palavras são os mantimentos para o resto da viagem vê como súbito se esgotam e asfixiamos (cantar é uma forma de respirar) e apenas há o eco das palavras passadas diz amor que rito que gesto que olhar arranca do silêncio o oiro do dia e das suas coisas diz antes de meter o universo inteiro nas malas antes de nos olharmos pela derradeira vez à luz pura do dia e sem uma palavra nos adiarmos enfim para a outra margem

Diário de Lisboa
Juvenil
N. 657

DOS JOVENS PARA TODOS

MICROPALISAGEM:

A LENTA CONSTRUÇÃO DA FRACTURA

por Carlos Costa

Após um jejum prolongado tivemos, enfim, oportunidade de conhecer o Carlos de Oliveira nosso contemporâneo, através da publicação de duas obras: «Sobre o lado esquerdo» e «Micropaisagem». É em relação a esta última que a dissecação me parece mais proveitosa.

Integram «Micropaisagem» 12 poemas distribuídos por 82 grupos (1) de 12 versos, de extensão variável entre um máximo de 24 grupos (Estalactite) e um mínimo de 2 (Mapa). Na generalidade os sonetos (grupos) revelam-se dependentes. Se o soneto de abertura revela unidade e bem assim, conquanto menor, os onze primeiros, para todos os outros a divisão não vai além da pausa necessária à leitura, ou mesmo sacrifica, ao rompê-la, a unidade frásica do poema. Se a ordem de apresentação permitisse concluir, dir-se-ia que o poeta tinha abandonado o projecto inicial a materializar em sonetos independentes. Da divisão do total das palavras pelo número de sonetos, obtém-se a média de 28 palavras por soneto, conferindo supremacia a versos de duas palavras e correspondendo, outrossim, ao número mais repetido — em 14,6 por cento dos sonetos. Cremos bem que não presidiu à divisão do verso ou do poema as necessidades estróficas ou de expressão poética, antes um arbitrário critério de leitura e publicação que respeita ao poeta. Seja-nos permitido por exemplo a consideração de 10 estrofes no poema Estalactite, raramente coincidindo com o parcelamento estabelecido.

Embora na «Cantata» se anunciassem poemas de versos curtos, dada a sua predominância, qualquer relação será ilusória tomando em conta que se trata de poemas e não de fragmentos de uma espiral envolvente nos seus progressivamente apertados anéis como acontece em «Micropaisagem». Da evolução no sentido do soneto, elucidada-nos o quadro (1) elaborado sobre a «Cantata», de que se excluem os poemas remanescentes de fases anteriores e integrados no volume.

(1)														
n.º versos	10	11	12	13	14									
repetição	1	2	7	4	4									

Cotejando com «Sobre o lado esquerdo», «Micropaisagem», mais extenso, é perfeitamente passível de de uma divisão estrófica na forma prosa-poema, experiência interessante, de resto, e reveladora da imanenência da poesia no microrritmo da lenta contracção da leitura.

Todos os que se recordavam ainda da obra poética do autor, procuraram aproximar «Micropaisagem» e sobretudo o poema inicial, que monopolizou as atenções, de um outro livro publicado em 1949. O movimento é idêntico bem como é comum a presença da memória. Trata-se de Descida aos Infernos contemporânea de uma maior voluntariedade do poeta, viajante até um ponto zero-e-ômega, onde se imola na esperança de um odor a homens e a resina. Acusa os homens e a terra; a terra porque não colabora na revolução. Surge-nos agora em «Micropaisagem» renovado o conceito de ponto zero-e-ômega, o ponto morto onde a velocidade se fractura. Perguntá-se: será este ponto de feição neo-realista? Estamos com Eduardo Lourenço a acreditá-lo. O neo-realismo confia num instante em que a redenção transfigurará a impotência histórica de uma geração predestinada. No entanto, não há senão ligeiras identificações. O quadro da Descida aos Infernos é vegetal, putrefacto, Em comum: «estalactites de chama» ou quando «como um rio ao contrário (...) procuro os úberes de fogo», presentes na linguagem de 1949. Uma análise mais atenta leva-nos a fazer notar que

«desço alucinado / com pedra a ferver nos pulmões»

se aproxima daquela mesma experiência que relata em «Look back in anger», quando, na Flandres, seu pai acordou alucinado com pulmões de granito poroso. Uma luta constante pelo que de forma obscura podemos tomar como a deter-

minação do foco do silêncio.

A OBRA O POETA O NEO-REALISMO

O neo-realismo nunca foi movimento, entendido este termo no estilo codificador do manifesto de Dada. Só um esforço comum de análise da realidade confere unidade a três gerações coexistentes: a pioneira, a segunda e a dos anos 60. Todavia é mais importante propor o estudo das consequências de uma corrente intelectual e literária a que ninguém, na sementeira literária da nossa década, se poderá confessar estranho em influências. Mesmo em se tratando de personalidades que se afastaram deliberadamente num esforço de compensação. E onde não aproveitou o conteúdo, colheu a forma de dizer, despidida de ademanos e mitos. Não porque o neo-realismo haja sido uma revolução poética, mas pela sua contestação de tudo o que, na seara, aureolava e distanciava o poeta; isso sim, é novo e altamente neo-realista.

Da primeira geração é o autor de «Mãe-Pobre»: Carlos de Oliveira. Se nunca foi «máquina de produzir entusiasmo», o certo é que na sua obra se vêm diluindo os emblemas mais conhecidos ao neo-realismo: intencional des-sacralização, terreno eufórico, estuante valorização dos sentidos, dialética da luta de classes. O seu neo-realismo amadureceu; há um entorpecimento, uma reflexão aparentada de conformismo de reformado. O ímpeto quebrou muito mas também foi vencido. O seu último apelo à sua «ama dormindo» isolou-o na sua mansarda. Teme a vida (?). Descrente, teme pelo poema que é uma ilha caligráfica (cal + gráfica) na dependência do leitor, teme enfim que a ave se perca (Estalactite). Mas não será ainda de inspiração neo-realista este olhar lúcido sobre o poema? Evidente. Inscreve-se na dialética comum. Sobretudo é no poema Filtro que a opção se manifesta ao falar da essência das

(Continua na 3.ª página)

PANORAMA

DELINQUÊNCIA JUVENIL

Teremos pois que descobrir um método urgente e simples para que a Poesia chegue até ao nosso Povo.

● A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR.

No PANORAMA de 30 de Dezembro apresentámos um pequeno texto sobre Alves Redol, texto esse retirado do «Dicionário Atómico», que César Príncipe publica aos domingos no «Jornal de Notícias». Mas por um lamentável, mas humano e desculpável, erro tipográfico, não saiu a fonte onde se retirava o texto.

Aqui fica, pois, a devida rectificação com os devidos pedidos de desculpa em especial ao César Príncipe.

● UMA EQUIPA DE TRABALHO DO GABINETE DE ESTUDOS E PLANEAMENTO DA ACÇÃO EDUCATIVA elaborou um relatório sobre as previsões do número de licenciados dos diferentes ramos de ensino superior e das correlativas necessidades do país em especialistas dos diferentes saberes para o ano de 1977. Com a possível precariedade dos elementos de informação existentes, das estatísticas disponíveis e das taxas de progressão previsíveis, a referida equipa chegou aos seguintes números:

CURSOS	Alunos	Licenciaturas concluídas	Licenc. neces.
Letras	20 300	1 830	814
Direito	6 300	399	340
Ciências e Engenharia	19 500	1 154	1 844
Medicina	7 600	800	1 232
Economia	6 500	308	738
Outros	5 900	817	1 432

Deste quadro se conclui imediatamente que, em 1977, as Universidades «produzirão» cerca de mil letrados a mais do que o País necessita e menos 700 cientistas e engenheiros, 450 médicos, 430 economistas e 615 outros especialistas, entre os quais veterinários e agrónomos, do que o desenvolvimento económico e social, ao ritmo já previsto, exige. Estes números evidenciam uma situação de desequilíbrio resultante do facto de o sistema educacional universitário não se adaptar à composição da procura de mão-de-obra e às necessidades do desenvolvimento nacional. Este desequilíbrio além de ameaçar o ritmo desse desenvolvimento vai criar situações perturbadoras de desemprego e subemprego.

(«Diário Popular»)

● QUALQUER MEIO É BOM PARA FAZER CHEGAR A POESIA ATÉ AO POVO. Este que o País de Gales vai lançar é engenhoso e original. Todas as semanas, 24 horas por dia, os assinantes poderão ouvir um poeta diferente ler a sua obra mercê de um serviço telefónico que começará a funcionar em Cardiff. Para isso, basta discar um número.

Em Portugal o método seria só aplicável a uma média burguesia porque o povo — ou grande parte dele — não tem telefone. Mesmo assim o sistema teria validade porque se o povo não lê Poesia, a burguesia ou a pequena burguesia também não a lê. E no fundo a coisa só daria resultado nas cidades. Sim, porque se uma chamada telefónica para uma terreola do País leva algumas horas a efectuar, não vemos que os serviços se modificassem só por causa da Poesia. E quantas aldeias ainda não têm luz e água canalizada, quanto mais telefone. Teremos, pois, que descobrir um método urgente e simples para que a Poesia chegue até ao nosso povo. A Televisão... bom, outros contos. Adiante.

● NUM MUNDO JÁ ESCANCARADO A CIBERNÉTICA

E A INFORMATICA, de tecnologias poderosamente eficientes e complexas, aquilo a que continua a chamar-se «pedagogia» não saiu ainda do período artesanal, ignorando quase sempre o que seja uma autêntica experimentação. O conhecimento livresco de teorias — tantas vezes convertidas em caricaturais simplificações para uso das mentalidades indígenas —, alguma habilidade retórica, a conveniente dose de verosimilhança, são por regra os ingredientes bastantes com que se explora o género literário a que continua reduzido aquilo que se deveria constituir uma ciência da educação. Tudo se complica ainda com o acesso de pessoas indevidamente preparadas ao professorado, com a indigência cultural que os nossos cursos universitários específicos têm fomentado com os dogmatismos impertigados e ingénios dos «especialistas» adrede descobertos. E assim se compreende o malogro de reformas e iniciativas bem intencionadas, a aberrante inadequação entre a teoria pedagógica e os resultados que se obtêm, a fatal alternativa a que se vem sempre chegando, de que tudo fracassa ou porque os professores não prestam ou porque não prestam os alunos!...

— Jofre Amaral Nogueira «O Comércio do Porto»

● O SUPLEMENTO MESA-REDONDA DO «DIÁRIO DE LISBOA»

perguntou ao dr. Licínio Cunha quais os principais obstáculos à prática do turismo, por parte da grande massa dos portugueses, obtendo a seguinte resposta:

«Pois parece-me que o maior obstáculo é o fraco rendimento. Uma população com um rendimento anual «per capita» que não chega aos 14 contos e que, ainda por cima, está perante um constante agravamento de preços, o que dificilmente lhe permite satisfazer as suas necessidades básicas, não pode ter grande propensão a fazer turismo (...). Além dos baixos rendimentos temos o problema dos alojamentos. Eles não estão adaptados à procura nacional: foram planeados para a procura estrangeira e não são acessíveis às bolsas nacionais.

Depois temos os transportes. Não existe uma rede de transportes eficientes que levem as pessoas a todo o lado. Os nossos caminhos-de-ferro são morosos e desconfortáveis. Fazer uma viagem por caminho-de-ferro, para certas zonas é um verdadeiro martírio e só por necessidade; não para fazer turismo! E note-se que são justamente as zonas mais desconhecidas do «Portugal desconhecido» as mais mal servidas (...). Há ainda outro obstáculo à prática do turismo por parte da grande massa dos portugueses: é que só uma pequeníssima parcela da população tem um período de férias suficientemente amplo para se deslocar. Entre nós as férias ainda são consideradas um luxo quando em todo o lado se consideram uma necessidade imperiosa. Em alguns países os médicos da medicina do trabalho defendem já que os trabalhadores devem gozar dois períodos anuais de férias de três semanas cada um, enquanto entre nós a maior parte da população não tem direito a férias pagas. De entre os países membros da U. I. O. T., quase todos os países do mundo, Portugal aparece como o país que concede, obrigatoriamente, o menor período de férias pagas: 6 dias.

● EXISTE, EM TODOS OS PAÍSES EUROPEUS, INDEPENDENTEMENTE DO SEU SISTEMA político, uma relação entre o desenvolvimento económico e o aumento da delinquência. Este fenómeno, que desfaz certas ideias tradicionais, foi demonstrado num relatório submetido ao 8.º Congresso Francês de Criminologia, em Novembro de 67. O aumento da delinquência não resulta da elevação do nível de vida mas sim do crescimento rápido dos aglomerados urbanos, sem coesão social nem estruturas de acolhimento para a juventude.

(Vida Mundial)

MAS NÃO TEMOS o direito de considerar todos os «teddy-boys» verdadeiros delinquentes. Esta designação tem sempre um carácter pejorativo. É injusto pensar que todo o adolescente que gosta de «rock'n'roll» e de outros ritmos modernos ou de usar um vestuário exótico acabará por se transformar num delinquente, se o não é já. As pessoas têm muitas vezes a tendência para utilizar a palavra «delinquentes» quando querem exprimir a sua irritação ou o espanto que sentem perante os hábitos e gostos dos adolescentes.

O SÉCULO XX CRIOU sobre a delinquência juvenil os mais estranhos mitos. A maior parte destes mitos são prejudiciais na medida em que levam muitas pessoas a pensar que estão a par do assunto, o que muitas vezes não acontece.

PENSAR QUE CEM MILHÕES DE CRIANÇAS estão privadas do direito à educação é bastante trágico, mas não deixa de ser menos deprimente saber que muitas escolas não conseguem fazer da educação uma experiência pessoal que interesse aos alunos. O trabalho das escolas é um trabalho árduo mas o rendimento do ensino, quando não a sua qualidade, não são satisfatórios. Se é verdade que existem muitas crianças que gostam de estudar, dificilmente se poderá negar, todavia, que existem também muitas que só desejam é ver-se livres da escola. Grande número destas crianças acabam por cair numa forma de delinquência.

OS NOSSOS JUÍZOS são muitas vezes falseados pelos comentários impressionantes e indignados da imprensa. Mas o delinquente não tem necessidade da nossa indignação ou das nossas lamurias. O que ele precisa é antes de mais, daquilo que falta a muitos adultos: saber o que é e o que poderá ser, se para tanto o ajudarem.

— William Kvaraceus «A Educação no Século XX»

● EXCLUINDO O FUTEBOL PROFISSIONAL, O HÓQUEI EM PATINS, MAIS UMA OU OUTRA MODALIDADE, um ou outro campeão, o nosso País não tem hoje expressão válida no concerto do desporto europeu. Portugal é o último, o penúltimo, ou antepenúltimo nas estatísticas do desporto na Europa.

Pensa-se que é chegada a altura de modificar profundamente as estruturas do ensino da educação física e dos desportos no nosso País, de modo a recuperar um atraso cada vez mais acentuado, cada vez mais evidente, que nos deixa cada vez mais distante dos países mais progressivos no mundo do Desporto.

Julga-se que alguma coisa tem de ser feito para remodelar toda a estrutura do ensino no nosso País. Proibir também em Portugal a construção de estabelecimentos de ensino sem ginásios, tanques ou piscinas, campos de desporto desde a Instrução Primária à Universidade, passando pelas escolas comerciais e industriais, estudar a forma de construir nas escolas já existentes (e quem diz escolas, diz liceus) ginásios, tanques ou piscinas e campos, procurando, ao mesmo tempo, dotar todos os estabelecimentos escolares de professores de educação física, de agentes de ensino, de instrutores que orientem os jovens na prática da educação física.

Nesta hora de diálogo que o País atravessa, ainda se está à espera de uma comissão que estude a reorganização do ensino da educação física e do desporto em Portugal (há tanta gente válida, nesse campo, no País), de maneira a sairmos da inércia em que nos encontramos no campo do desporto.

(Aurélio Márcio, «Diário Popular»)

3 POEMAS

de Maria Teresa A. Dias

SENTIDO DA PALAVRA

o tempo não fica
só por ter árvores e flores e jardins
o tempo são pessoas construindo um dia
à procura de tempo
é terra gerando raízes
mestres de nossos dedos
é semente de todos
que no pensamos.

FIM DE SEMANA

caminham e sentem a subida
é uma fonte secando aos poucos
na respiração
Dizem do corpo um dia de estrada
Pensam a fome de uma diferença.

POEMA

As paredes escurecem
quando por dentro pesa o ar
quando diariamente se vestem os gestos
e um jardim seca em nosso corpo
vamos de passagem
com terra ardendo nas mãos.

RECEPÇÃO

por Alice Vassalo Pereira

crítica aos trabalhos recebidos

MICRO PAISAGEM

(continuação)

coisas (da luta de classes). Eduardo Prado Coelho, a propósito, lançou-se numa hipótese mais malabarista: «o poema surge como modelo que devemos ter das coisas; ver em todo o produto a marca da sua génese (ou, se quisermos: ver em cada bem de consumo a marca da exploração do trabalho)» (6).

Todavia as coordenadas do poeta são outras. Já não traz no seu bortal «notícias da fome que corre nos campos tristes», antes uma memória pesada da existência gandariza. Tenta convencer-nos de que os heróis morreram. Analisa portanto a sua fossilização, a sua lenta carbonização que permitirá a descoberta futura de uma montanha oca a ajoujar-nos com um malogro anterior: «o amor de guardar ódios / agrada ao meu coração».

É a resultante do seu isolamento, já que C. O. nunca foi poeta de cidade. Em «Micropaisagem» só o poe-

ma Vidro é urbano, mas de «ghetto». Se «Posto de gasolina» (sobre o lado esportivo) fala de automóveis possantes, é ainda de uma forma rural, inscrita, aliás, dentro da crença popular que respeita a autolocomoção.

Analisando «Micropaisagem» procurarei acentuar o que deva tomar por relevante.

Pergunto-me se não teremos no poema mais longo do livro — «Estalactite» — toda a infra-estrutura da «Micropaisagem», ao encontrar-lhe a primeira enunciação de temas que ciclicamente o poeta irá retomando. Mas, sobretudo, há a proposição de uma nova poética, (palativamente ao próprio poeta), uma nova gramática destruidora de uma tradição onde o poema «repete / apenas / o tono / aéreo / onde se persegue / o desenho / do Ou-de-a-ave / quando vier / o instante / de voar». Última prostação de uma poética

J. G. M. VIDAL (Lisboa) — Os teus dois últimos poemas fizeram-me não desaperar completamente de ti. Embora ainda muito vagos e a roçarem pela demagogia, têm já uma pequenina chama que talvez venha a ser lume de verdade. Com muito trabalho, é claro. E fugindo o mais possível à tentação do fácil, do banalizado, do lugar-comum.

L. F. JOÃO (Lisboa) — Todos os poemas chegaram às minhas mãos e nenhum se perdeu pelo caminho. Acontece apenas que, por enquanto, a sua publicação não é possível pois, também em ti ainda não há um caminho definido. «Mar», ventos, «brisan», «espuma», «sonho» — não te parece que já vai sendo tempo de atirarmos fora estas palavras-morras, estas palavras-chá-de-tília? Precisamos de palavras com força por dentro. Palavras que digam qualquer coisa a sério. Precisamos de verdade.

MARTA (Porto) — Desta tua última remessa parece-me que a prosa está mais equilibrada do que a poesia. Digamos mesmo que a prosa está quase equilibrada. Continua a notar-se a tua facilidade de expressão (e isso nem sempre é uma vantagem...) mas a escolha dos temas é que ainda não foi lá muito feliz. Continuo a aconselhar-te: agarra-te ao dia-a-dia, às coisas que acontecem mesmo às palavras concretas de que é feita a nossa vida. Só isso interessa.

R. P. (Coimbra) — Não, não me parece que a poesia seja o teu caminho. Continua a mandar-nos os teus

contos, como até aqui, trabalhando-os bem (o último não estava tão equilibrado como os anteriores, dava ideia de ter sido feito um pouco sobre os joelhos...) e, se quiseres, manda também as fotografias. Qualquer tamanho serve.

E, por favor, não me trates por «Ex.^{ma} Senhora...»

ANTÓNIO M. S. (Alcobaça) — Continuo a pedir-te que faças o possível por ler o mais que puderes. O começo foi bom mas é preciso não ficar por aí. Manuel da Fonseca, José Gomes Ferreira, António Gedeão — para citar apenas alguns — são poetas que não podes ignorar.

Quanto à prosa aconselhava-te, antes de mais, José Cardoso Pires, Augusto Abelaira e Carlos de Oliveira. Muito melhor do que eu, eles te poderão ensinar o caminho, mostrar-te o que há de certo e errado naquilo que tu escreves. Eles te não de ensinar, por exemplo, a riscar e abandonar frases como «A água cai lentamente nas vidraças da minha janela (...) e uma onde de pensamentos aflora ao meu espírito.» Eles te dirão o que está velho, gasto, repisado. E com eles irás encontrar a alegria saudável das coisas novas.

JOÃO R. (Lisboa) — Não é por muito gritar que nos ouvem mais cedo. (Este dito descobri eu...) Tu empregas demasiados gritos mas no fundo, bem no fundo, não passas de exclamações um tanto débeis, sem força para sobreviverem. «Ebríos da injustiça», «partes da mentira», «garras

de lobos acéfalos», «vácuo das trevas» são expressões que já não convencem ninguém, que perderam toda a sua força — se é que elas algum dia tiveram força... — e que se vão tornando em lugares-comuns da filosofia de salido. Vamos esquecê-las, de acordo?

V. A. VIEIRA (Braga) — Não, amigo. Enquanto permaneceres nas «Abstracções», enquanto não encontras outras palavras para te definires a não ser

«Canteiro errante sou de um ser infinito... Escodando a pedra do tempo deixo de ser mito.»

enquanto o teu «Auto-retrato» for

«perfil de ascético segredo quase convexo»

enquanto tudo isso continuar nesse aluvião de palavras sem sentido, escusas de mandar mais poemas: estou perfeitamente elucidada.

M. B. CARVALHO (Bacelos) — Ora aqui está alguém a quem eu vou já pedir mais trabalhos. Este apontamento «A propósito de barbas» até me aborreceu um bocadinho por ver uma verdadeira arte de escrever (eu diria «de comunicação») se esta palavra não andasse tão estafadinha, coitada... ao serviço de assunto tão fútil... Mas tu deves ter mais coisas escritas. Coisas sem barbas... Gostava que mas mandasses, está bem?

M.^a R. A. (Gondomar) — Podés mandar os teus trabalhos para o «Juvenil». Com pseudónimo ou sem

pseudónimo. Cá ficamos à espera deles.

JOSÉ M. B. A. (Leiria) — Gostei muito de receber a tua carta e os teus doze poemas. Infelizmente — e como tu já previas... — não poderemos publicá-los a todos. Tentaremos alguns e ficaremos atentos à tua evolução. Não te aconselho a que leias o mais possível pois me parece um conselho desnecessário: os poetas que indicas são uma garantia. Mas é preciso não parar. Cá fico à espera de mais notícias.

JOAQUIM J. P. C. (Viseu) — Como tu me tinhas pedido, anteriormente, que não criticasse o teu trabalho na «Recepção»... eu não critiquei. Sou uma pessoa muito obediente, e não podia adivinhar que «esse problema estava desfeito»... Então agora já te posso dizer que o teu «Sonhando e dialogando com ninguém» é muito fraco. É exactamente o que o título sugere. E enquanto nós sonhamos e dialogamos com ninguém — nada feito, amigo.

ARLINDO P. R. (Setúbal) — Ora aqui temos mais um novo poeta! O teu «Poema à boca da manhã» e «Domingo hoje» abriram-me o apetite assustadoramente! Vais mandar mais, não vais? Desde já tens entrada livre no «Juvenil».

LAURA D. L. (Almada) — Os teus trabalhos são ainda um amontoado de frases arcaicas conhecidas e sem o mínimo significado. E não insistas em poemas de Natal! É tão difícil tratar temas tão banais como este! Vamos a ver se para a próxima vez tens mais sorte...

que diz ineficaz. Ineficácia social? Não é este o ponto de vista do poeta, por razões que adiante exporei. Acusa a poética tradicional de proporcionar sonhos inúteis, afirmação a encarar de dois ângulos: pela criação de sonhos dum modo a alcançar ou pela alienação dos sonhos. Por flagrante contradição com a sua obra anterior atrevemo-nos para já a lançar tal acusação sobre os ultrarromantismos falhados. Mas nada nos desautoriza que o libelo também diga respeito ao próprio neo-realismo. Dentro da primeira hipótese, os neo-realistas anteciparam uma chegada adiada «sine die»: o sonho do ponto zero-é-ômega. O poema deve, continua ele, achar o seu microrrígido através da análise da sua própria oscilação interior (como gotas de água ou pedra, morosas na queda), o pulsar das palavras dentro do poema-estalactite. Um poema de palavras fechadas, a rolar de verso em verso, uma torre de água e cal, elementos intimamente ligados ao processo poético quando na profundidade preparam a estalactite-poema. É nessa lenta contração das pétalas, de algo mais denso, que reside a construção do poema, o jogo obstinado de palavras cuja perenidade se há-de consumir numa queda adiada por milénios: «acordam flores / milénios depois». Não será esta preocupação com a intemporalidade, permanente oscilação interior ao poema a projectá-lo no futuro, uma reacção ao imediato de algum neo-realismo de conteúdo esgotado na própria leitura? Repare-se que este ponto serve a contestação do valor de alguns neo-realistas. Não terão, os críticos neo-realistas, adivinhado em «Micropaisagem» uma resposta aos de-

tractores? Remetendo para a oscilação interior, observo se Manuel Gusmão não estará preocupado com o mesmo fenómeno quando ensaiou sobre a violência da poesia (4).

O poema é cal-i-grafia, grafia da cal, combinação metafórica de pétalas e letras, formação de flores calcárias (um objecto, portanto) e, no limite, de estrelas que formam o «céu calcário». Flores contendo os elementos na sequência que a consonância acentua: pétala, pedra, letra. As tênues flores de cal que, antes que desabrochem, o poeta julga bastante próximas para que ouça o orvalho no jardim. Ressalta, de novo, a preocupação com o sentido que se pressente na obra-prima e cuja aproximação é lenta e inacabada. Há um cheiro a cadáver e à resina das tábuas do esquifo nesta preocupação com a imortalidade. «Registrar / nessa memória / ao contrário / de trás / para diante / as palavras / que ficam / assim / misteriosas».

Presente, a nocturnidade de que se aponta a «formação do orvalho». «o crepúsculo / entrando / poro a poro / pela mão / que escreve», denunciando um hermetismo voluntário exposto na flor que se fecha sobre si.

Se, ao «registar nessa memória ao contrário» alude ao livro, papel, poema, onde por um processo idêntico ao da formação da estalactite se dá a mineralização do poema, não pretende preencher o acto de palavras gastas por essa memória omnipotente. Aceita-as depois de desmontadas oficialmente, numa obsessão pela palavra virgem, pela palavra que procura reaver num grau de pureza extremo, insuportável, de que não prescindia a concentração do poema (5).

Em oposição às análises altamente sentimentalizadas dos seus livros anteriores, Carlos de Oliveira vive agora na órbita da palavra-objecto, do poema-estalactite, frio, mas em cuja concentração interior procura a energia, o regresso do poema à ideia, que o leitor provocará com a plena cintilação. Este papel activo do leitor (que não do português tal qual o vemos a comprar) é confiado em Mapa onde se renova a ideia de que a beleza não é implícita ao poema (poema — «arquipélago / a que falta / vento, / fauna, / flora, / e o hálito húmido / da espuma») e que só o leitor num esforço de penetração poderá provocar. A dureza do «sillex» contra «sillex», contrapõe-se a um poema sili-cintilando.

Designaremos por objectividade o esforço despojetizante empreendido na revelação da essência das coisas, o apontar de uma lupa sobre o objecto — notório em Puzzele e Vidro. No primeiro, descreve o envolvimento «como se» notar uma das raras comparações de uma segunda circulação se tratasse. Irradiando do cérebro através da rede nervosa, a «anestesia ténuescura» leva homem e mulher as duas peças do Puzzele à situação de rios paralelos, consagrando a impotência de concretização afectiva. Mais objectivo ainda é o relatório Vidro. Como relatório o radiocínio desenvolve-se por alíneas, enunciando as vantagens do morador de uma mansarda; um relatório pessoal e logo literário. Apesar dos seus lugares comuns («a chuva / mais perto / desse deserto / interior / de cada um») dois poemas o válido. Nestes dois poemas o poeta itersa-se pela provocação da presença do objecto acompanhado da emoção corres-

pondente, em detrimento da sua própria emoção.

Lado a lado, uma linguagem mineral e mineralizante e uma linguagem especializada, diríamos técnico-científica. Como Jorge de Sena (6) apontou, essa presença é incómoda e antipática ao intelectual português por razões de preparação e não só, mas porque, no meu parecer, o nosso conceito de Humanidades vive divorciado do conceito de ciência, encarada do ponto de vista do cientismo cultural. Já António Gedeão (a propósito de quem falara o dito ensaísta) incluíra na sua linguagem poética uma experiência científica, destinada, todavia, à obtenção de efeitos que considero diversos. A uma linguagem que neste tem muito de nomenclatura físico-química, de um esforço activo de intervenção a denotar a presença interveniente do homem em cujo esforço Gedeão acredita (vidro concavo, valências, detectores, fio de glicerina, pontos de trajectória, fotões, macear), corresponde em «Micropaisagem» um quase domínio mineral, biológico e geológico, a pré-infância reveladora da desilusão do poeta (estalactite, calcário, estrutura, vibração, fractura, água, pedra, densidade, cal, algas, mar de microscópico, cristal, raízes, fontes, filamentos, areia, vitrificada, sílica, vulcão entre lava e neve, aresta). Este rigor de linguagem é essencial à descreção da micropaisagem da infância, esta mesma ainda recolhida na «arca cravejada de amarelo».

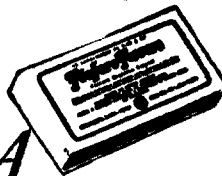
As sequências «de verso em verso», «de flor em flor», «de poro em poro», «de página em página», «gota a gota», «de palavra em palavra», fez E. Prado Coelho corresponder uma obsessão.

(Continua na 4.ª página)

HOMEM SEM MEMÓRIA É HOMEM SEM HISTÓ- RIA.



ILUMINA
A MEMÓRIA



FALO DO MEU AMOR E DIGO CASA

por MANUEL RIBEIRO SANTOS

falo do meu amor e digo casa.
sei dos olhos duas persianas
onde me debruço.
falo do meu amor e digo brasa
fumo ou cinzeiro onde tusso.

falo-te da boca, se preferes, janela.
do teu cabelo num vento norte
trago minha voz.
risco-te um corpo no corpo duma estrela
e já no espanto a temos nós.

cito rios chamo-te companheira
e contudo falo do que amo
no meu quarto.
és móvel cadeira de dura madeira
regresso no dia em que parto.

trazemos alegres nas mãos a manhã.
perdemo-nos nos troços das estradas
onde adormecemos.
falo do meu amor e digo romã
fruto velado que não mordemos.

abro os meus braços, dou-lhe gestos.
dou-lhe voos de pássaro e um barco
que não passa.
canto meu canto amor dou-te versos
esperando que meu canto ainda nasça

falo do tempo longo de setembro.
das rosas de maio que inventei
em ti.
falo de tudo (até do que não me lembro)
e todavia a memória morreu-me aqui.

falo do meu amor e digo casa
digo móvel talvez janela ou
chão de lama.
falo do meu amor e digo praça
não moradia hotel ou cabana

MICROPAISAGEM

(continuação)

Não discordando na totalidade proponho que se tome tal movimento de translação como a lenta e inexorável construção do tempo, do espaço, da combinação espaço-tempo de que resulta o poema.

Com o apuramento do quadro de frequência de palavras, pode-se pensar numa relação entre tais palavras. Não é senão uma coincidência que nada acrescenta à chave do poeta. Analisados isoladamente revelam:

- alta concentração de dissílabos;
- presença obsessiva do elemento mineral;
- o poema como figura analisada;
- flores e gotas como fenómenos interligados.

(11)

palavra	repetição
água	
flor	 15
poema	
pedra	 12
cal	
gotas	 11
vidro	 10

Toda a obra analisada refere a memória, explicitamente mesmo. A memória, cujo movimento se desenvolve entre dois polos: uma recordação inesperada e inoportuna «as raízes da árvore» que «por motivo obscuro invadem o poema» e se infiltram na linha de escrita; e o esquecimento que se vai localizar no lugar mais frio da memória e o poeta explica que «assim / se cumpre / o eclipse / gradual / sobre o centímetro / quadrado que / os líquenes / cobrem / na memória / assim / a luz e a neve / se ocultam / pouco a pouco, assim / se esquece». Tanto Líquenes como Árvore nos surgem com momentos bem conseguidos e dimensão proporcionada ao canto. Originários do mencionado «ghetto» retratam o que se designa como fala à posteridade, ao abrigo dum «baú pontado / como o céu / por tachas amarelas, / por estrelas / pregadas na madeira / da árvore». Retomando a temática de Líquenes, o esquecimento surge-nos não só como processo mas como espectro, desilusão talvez, cujo avanço tentacular ameaça o centímetro quadrado de neve disponível para o poeta.

ta, preocupação já comentada de resto.

Em declaração a Maria Teresa Horta (7), Carlos de Oliveira confirmou a enforma laboratorial dos seus poemas e a espontaneidade anormal do seu «Debaixo do Vulcão». Interessa, por isso, analisar este poema concebido sobre uma citação de Malcolm Lowry (cujo nome é o esqueleto do n.º I) e assim averiguar alguns truques e processos válidos que brilhantes embora, devem ser remetidos à sua dimensão:

- 1.º — a ambivalência das palavras que C. O. repetidamente aproveita na desmontagem do que se obtivera por adição (n.º I);
- 2.º — a presença do contraste: «frígida tequila» (n.º II), «tépida mescla» (n.º III), «tépida tequila» (n.º VI), «frígida mescla» (n.º VII);

3.º — a utilização da assonância e consonância: «enquanto / os índios passam / depressa / mas de pedra»; e «com vidro, / vom vinho, com visões / de videiras vitais / debaixo / do vulcão» comunicando o ritmo do acto de beber a fim de que o vulnerável cão sossegue pelo menos um instante o desánimo de quem «lavra / cada palavra / oculta / por pudor e a ladra / inutilmente / dentro / da garganta / vazia»;

4.º — vulcão, vulnerável cão, lavra, ladra onde o vulcão lavra e o vulnerável cão ladra. Trata-se de um simples exercício que compus ao sabor trovadoresco, a partir de palavras do poema. Realmente, e como já se salientou, a poesia de C. O. não progride linearmente mas em círculos secantes de significação, em desenvolvimento vertical, apoiados em versos ou conjunto de versos retomados ao longo do poema. Assim, em Estalactite o n.º II é retomado em parcelas nos n.ºs IX, X, XI, XII e XIII. «Debaixo do Vulcão» é sobretudo uma evolução de sentido pela evolução sonora ou musical (8).

5.º — Vulcão é metáfora do verbalismo de que é possuído quem se refugia no álcool (m) a uma imposição de silêncio que devora. Todo o tom do poema, escrito de um único fôlego como se evidenciou, é onírico onde o cão-espírito se

liberta até cair num sossego temporário.

6.º — A repetição de determinados sons inscrevem no poema um clima próprio. Manifestam a presença da paisagem que por diversos ângulos assalto o texto. A gruta de infância, revelando uma «pré-infância», o «inventar a mescligrafia gêmea do som ou onde as notas florescem em breves, compactas, corolas da sombra», pauta musical em hastes que sobem. Observe-se a frequência de «grafia», «som», «sombra», cujo primeiro contacto se deve a uma estalactite. Visualize-se a «estalactite» e teremos oportunidade de confirmar a disposição de «hastes» sobre uma pauta imaginária, descendo ou subindo na linha, em candélabros calcários. «Espaço» refere-se a morte de Maiakovsky, cujo suicídio foi tão saboroso aos que odeiam a poesia incómoda. «Que paz no Universo».

A utilização de frases do poeta suicida desperta-nos desde logo a curiosidade de averiguar o que se pretende, mas sobretudo a dúvida acerca das preocupações do autor com a poesia incómoda. Desviando frases do contexto com as alterações de sentido que implica, declara Carlos de Oliveira que «é inútil / lembrarmo-nos / das dores, / das desgraças, / dos erros / reciprocos» já que «ninguém / fala aos séculos, / à história, / ao universo» e desta forma renovando o que já classificara como a preocupação com a posteridade. E ainda porque os «resíduos / de reserva poética, / detritos / apenas, descrevem / o rumor, a surdina, das coisas / sufocadas, transcrevem / o musgo, / o líquen» (o esquecimento de novo!). Embora conheça «a existência / na sociedade / de problemas / cuja solução / só pode imaginar-se / através / de uma obra poética» ele desconhece «as vértebras / que o tiro / parte», o que nos coloca no campo das duas interpretações possíveis. A primeira, em que se poderá glavar uma hesitação frente à ineficácia social do acto; e uma segunda, de amor-próprio face aos perigos inerentes a determinada opção. Qual a exacta? É difícil responder, quando em «Aresta» se contacta uma situação de silêncio opressivo onde o homem tenta introduzir elasticidade (progresso?) que

leva o espírito à ductilidade do diamante, na urgência da aresta que resista um instante durante o qual se possa viver. Em suma, a formação da pessoa em reacção ao meio. Ou representará apenas a emergência de se penetrar pelo umbigo do formalismo, sem dúvida uma forma de cerrar-se às paredes que nos oprimem. Esta é uma questão a decifrar neste Carlos de Oliveira, nosso contemporâneo. Inclino-me para a hipótese que no-lo apresente desiludido passageiramente? prenhe de éticas e com uma tábua de redenção social de «Micropaisagem». Livro de elites, com experiências interessantes e muito válidas, não justifica o total de aquisições recentemente anunciado. A condenação ainda maior quando de poucas leituras integrais se terá de orgulhar, tornado livro de bem-querer-em-qualquer-meio.

O «marketing» também funciona com poesia. Ou não?

CARLOS COSTA

(1) Nelson de Matos considerou 82 poemas agrupados em 12 ciclos — D. Lisboa 22-5-69, Sup. Literário n.º 563.

(2) Sup. Literário de «A Capital», entrevista publicada em 26-3-69.

(3) Crítica no D. Lisboa de 27 de Março de 1969, Sup. Literário n.º 556.

(4) «da violência em poesia» — Letras & Artes — Ag. 69.

(5) Na sua dedicação à palavra, C. O. recorda-nos «Poesia Nova» de Ruy Belo: «a palavra que na origem, quando nova, foi poética, compromete-se pela sua ligação à realidade quotidiana ou às coisas contidas no conceito e pode no terceiro tempo voltar a ser poética mediante a acção antitética» — Lisboa 65.

(6) «A POESIA DE ANTÓNIO GEDEÃO — esboço de análise objectiva» in «POESIAS COMPLETAS de A. Gedeão».

(7) «Literatura & Artes» — A Capital — 26-3-69.

(8) Analisando um poema do rei D. Dinis, Heidegger de Macedo publicou um trabalho que esclarece, no D. Lisboa — Suplemento Literário, 579.